Entre Preservação e Transformação: à procura de um equilíbrio. Reabilitação de uma Casa Burguesa Portuense do século XVI na Rua das Flores

Maria Helena Oliveira Moura

FACULDADE DE ARQUITETURA

U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Entre Preservação e Transformação: à procura de um equilíbrio.

Reabilitação de uma Casa Burguesa Portuense do século XVI na Rua das Flores

Maria Helena Oliveira Moura

M

2026



U.PORTO

Helena Moura. Entre Preservação e Tranformação: à procura de um equilíbrio. Reabilitação de uma Casa Burguesa

M EAUP **2026**

Aos meus avós, Gina e Napoleão

Nota Prévia:

A presente dissertação encontra-se redigida ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico.
As notas de rodapé, bem como as legendas das imagens, surgem na aba lateral interior de cada página, sendo o corpo de texto disposto à direita e acompanhado, à esquerda, pelas imagens consideradas pertinentes.
É aconselhada a visualização do documento em modo de dupla página.
Todas as citações transcritas encontram-se em itálico.
Todas as peças desenhadas são de autoria própria.

Entre Preservação e Transformação: à procura de um equilíbrio.

Reabilitação de uma Casa Burguesa Portuense do século XVI na Rua das Flores

Maria Helena Oliveira Moura

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, sob a orientação da Prof.ª Doutora Raquel Alexandra Geada Paulino

AGRADECIMENTOS

À Professora Raquel Paulino,
pela orientação paciente e cuidadosa,
e por cada passo guiado com rigor.

Aos meus pais,
pelo amor, pelo esforço diário,
e por serem sempre um porto seguro.

Ao meu irmão,
por me chamar à razão e nunca me deixar cair,
e pelo seu exemplo de determinação.

À minha família,
pelos valores que me moldaram
e pela demostração constante de força e união.

Ao Hugo e ao Ivo,
pela disponibilidade e ajuda generosa.

Aos amigos que se tornaram casa.

Aos *Quazis*,
por me mostrarem que o caminho é mais bonito
quando partilhado.

À REAÇÃO,
por serem presença certa
e estabilidade silenciosa.

Ao Gonçalo,
pela calma, pelo apoio,
e por me motivar a ir sempre mais além.

A todos os que, de alguma forma,
contribuíram para que este percurso se tornasse possível.

ABSTRACT

This dissertation develops a rehabilitation project for a bourgeois townhouse located in the Historic Centre of Porto, considering the building simultaneously as the object of study and as the critical basis for the architectural intervention. The choice of this theme arises from the opportunity to intervene in a building of recognised heritage value, enabling the application of the knowledge acquired throughout the academic programme.

The work is grounded in the analysis of the evolution of the Porto bourgeois house between the sixteenth and nineteenth centuries, understood as a tool for comprehending the architectural and constructional transformations of the building under study. This research is complemented by the survey and characterisation of the existing structure, as well as by the analysis of contemporary interventions in buildings of a similar nature, with the aim of identifying different rehabilitation strategies.

Based on this framework, a rehabilitation proposal is developed that seeks to establish a balance between the preservation of heritage values and adaptation to contemporary requirements, considering the intervention as a contribution to the enhancement of the building and of Rua das Flores within the current urban context.

RESUMO

A presente dissertação estrutura-se a partir do desenvolvimento de um projeto de reabilitação de uma casa burguesa portuense, localizada no Centro Histórico do Porto, assumindo o edifício simultaneamente como objeto de estudo e como base crítica para a intervenção arquitetónica. A escolha do tema resulta da oportunidade de intervir num edifício de reconhecido valor patrimonial, permitindo aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico.

O trabalho assenta na análise da evolução da casa burguesa portuense entre os séculos XVI e XIX, entendida como ferramenta para a compreensão das transformações arquitetónicas e construtivas do edifício em estudo. Esta investigação é complementada pelo levantamento e caracterização da pré-existência, bem como pela análise de intervenções contemporâneas em edifícios de natureza semelhante, com o objetivo de identificar diferentes estratégias de intervenção, de acordo com a natureza do novo programa e das condições preexistentes.

Com base neste enquadramento, é desenvolvida uma proposta de reabilitação que procura estabelecer um equilíbrio entre a preservação dos valores patrimoniais e a adaptação às exigências atuais, assumindo a intervenção como contributo para a valorização do edifício e da Rua das Flores no contexto urbano atual.

SUMÁRIO

_AGRADECIMENTOS 3

_ABSTRACT 4

_RESUMO 5

INTRODUÇÃO 11

I. PASSADO COMO FUNDAMENTO: 15
CONTEXTO HISTÓRICO

I.I. IDENTIFICAÇÃO DO LUGAR 19

I.II. CASA BURGUESA PORTUENSE 27

II. PRESENTE COMO MATÉRIA: 45
O EDIFÍCIO

II.I. CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO 49

II.II. LEVANTAMENTO 55

II.III. PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO 63

II.III.I. RESTAURO E REABILITAÇÃO 65

II.III.II. ESTUDO COMPARADO DE REFERÊNCIAS 69

III. FUTURO COMO CONTINUIDADE: 91
A PROPOSTA

III.I. DEFINIÇÃO DO PROGRAMA 95

III.II. ESTRATÉGIAS DE PROJETO 97

III.III. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 101

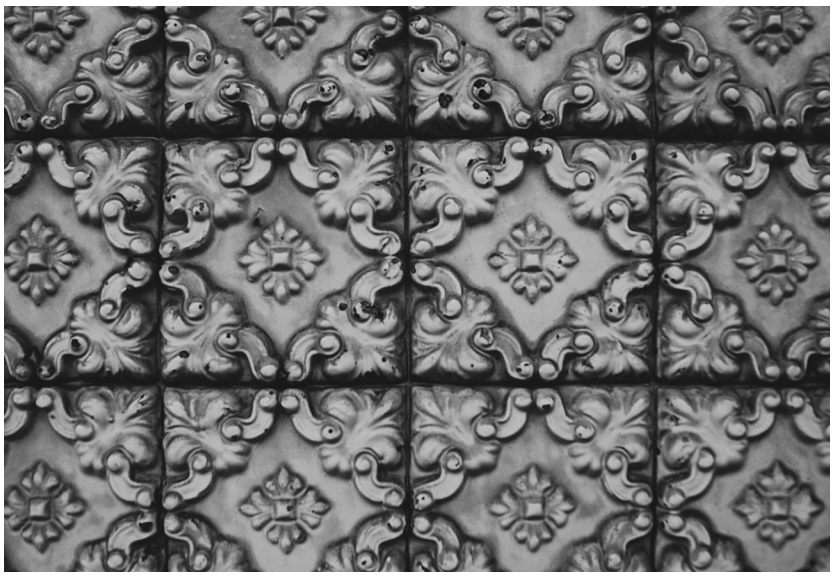
III.IV. TIPIFICAÇÃO DE SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS 109

CONSIDERAÇÕES FINAIS 133

_PEÇAS DESENHADAS 139

_BIBLIOGRAFIA 154

_ICONOGRAFIA 156



[1]

[1]

Pormenor dos azulejos da fachada principal

0. INTRODUÇÃO



[2]

[2]

Vista da Rua das Flores a partir da Praça Almeida Garrett

Tantas vezes caminhamos pelas ruas sem perceber que a calçada que pisamos já foi, outrora, cenário de vidas passadas. A cidade guarda consigo aquilo que não se vê e, se as fachadas falassem, revelariam como cada pedra se tornou testemunho silencioso da construção da própria cidade.

E é desta curiosidade que se constrói este trabalho. De uma busca por, além de conhecer, compreender a riqueza arquitetónica e cultural singular que caracteriza o Centro Histórico do Porto.

É, no interior da Rua das Flores, entre os largos de São Bento e de S. Domingos, que a encontramos. Uma casa estreita, à partida em tudo igual às que a rodeiam, mas que carrega consigo quase cinco séculos de história e de mudanças.

A presente dissertação desenvolveu-se a partir da formulação de uma proposta de intervenção para uma casa burguesa portuense, conciliando a preservação do edifício com a sua adaptação a um novo programa e novas exigências funcionais. Dado que se trata de um tema pouco explorado ao longo do percurso académico, desenvolve-se um estudo teórico e prático, aprofundado com o objetivo de compreender o objeto de estudo, assim como a evolução do entendimento sobre a intervenção em edificado preexistente.

A primeira parte da dissertação aborda o passado do edifício, analisando a sua história e memória, bem como a da sua envolvente. Inclui-se um enquadramento histórico dos principais acontecimentos relativos à evolução urbana da cidade do Porto, interligado à origem do edifício e à evolução tipológica da habitação burguesa, entre os séculos XVI e XIX.

A segunda parte centra-se no presente, apresentando-se o levantamento e a descrição do estado atual do edifício. Esta etapa contempla ainda uma reflexão sobre o conceito de reabilitação no âmbito da arquitetura, estabelecendo as bases teóricas que orientam o desenvolvimento do trabalho.

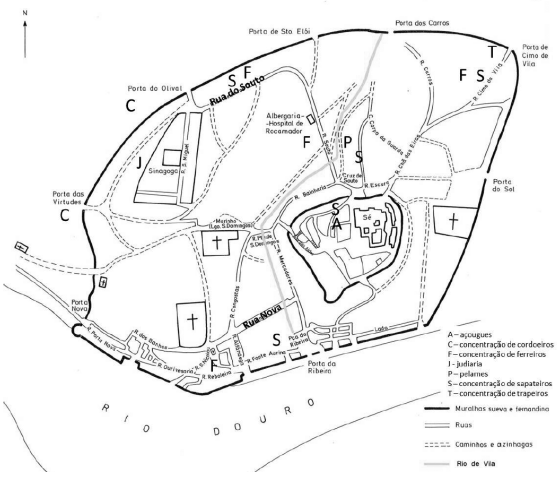
Por fim, na terceira parte apresenta-se a proposta de intervenção, detalhando o processo até à sua consolidação e a estratégia adotada. São apresentadas soluções construtivas escolhidas, articuladas com as problemáticas existentes e com o objetivo de adaptar o espaço a novos usos, procurando alcançar um equilíbrio entre preservação e atualização funcional e construtiva.

I. PASSADO COMO FUNDAMENTO: CONTEXTO HISTÓRICO

Neste capítulo procura-se a construção do enquadramento histórico e tipológico indispensável para a compreensão do edifício em estudo. Será feita uma análise tanto do contexto urbano em que este se insere como do processo da sua formação e transformação ao longo do tempo. Parte-se do princípio de que qualquer intervenção arquitetónica consciente exige um conhecimento aprofundado das condições que estiveram na origem do lugar e do próprio edifício.

A análise inicia-se com a identificação do contexto urbano, incidindo no surgimento e consolidação da Rua das Flores, num intervalo temporal definido, de modo a compreender os fatores históricos, económicos e morfológicos que estiveram na origem da sua configuração. Este enquadramento permite olhar para o edifício não como um elemento isolado, mas como parte integrante de um sistema urbano em transformação.

Num segundo momento, realiza-se o estudo da evolução da casa burguesa portuense, com base na investigação desenvolvida por Francisco Barata Fernandes, procurando identificar as principais características tipológicas e construtivas que marcaram os diferentes períodos. Esta leitura tipológica constitui uma ferramenta fundamental para a interpretação do edifício em análise, permitindo enquadrá-lo criticamente num determinado momento e estabelecer as bases para as opções de intervenção que serão posteriormente desenvolvidas.



[3]

[3]

Mapa intramuros da Cidade do Porto - séc.XIV / XV



[4]

[4]

Planta do Porto Medieval



[5]

[5]

Cidade do Porto: Planta redonda de George Balck

I.I. IDENTIFICAÇÃO DO LUGAR

"A Rua das Flores, hoje degradada e nostalgica de grandezas passadas, foi, no século XVI, a rua "nobre" portuense, resposta da cidade às necessidades de crescimento populacional e desenvolvimento económico de Quinhentos." [1]

1. AFONSO, José Ferrão. A Rua das Flores no Século XVI: Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista. Porto: FAUP Publicações, 1998, pág. 19

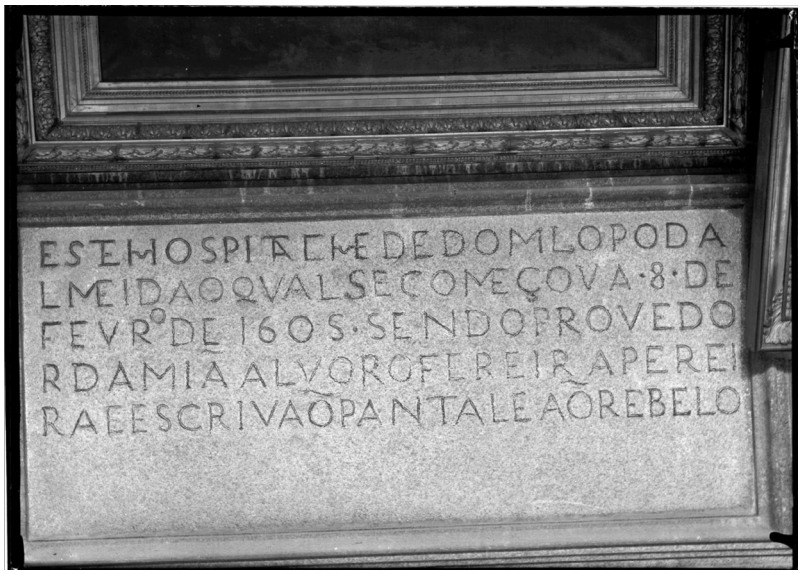
Estando o caso de estudo localizado no coração do Centro Histórico do Porto importa, num primeiro momento, compreender a evolução e importância desta zona, contextualizando o aparecimento da rua onde se insere. A análise inicia-se no século XIV,período particularmente relevante por corresponder a uma fase de consolidação urbana, marcada por um crescimento populacional e pela intensificação da atividade comercial.

Devido aos grandes conflitos que existiam com Castela, o rei D. João I ordenou, em 1386, a transição de todos os judeus para a Judiaria Nova do Olival, intramuros, localizada na Vitória, oferecendo um maior nível de segurança a esta comunidade.[3] Este pequeno burgo era ordenado através de uma malha definida por um arruamento principal – Rua de S. Miguel – com a qual se articulavam várias transversais. Ainda que os judeus tenham sido expulsos no final do século XV, esta malha mantém a sua importância pela influência no desenho da subsequente urbanização envolvente.

Neste contexto, e face ao elevado desenvolvimento da burguesia, resultante da fixação de um número cada vez maior de comerciantes estrangeiros na cidade e ao aumento da intensidade da vida mercantil portuense, assistiu-se a um desnvolvimento e transformação do tecido urbano na zona ribeirinha. Procedeu-se então, sob o domínio de D. João I, em 1395, à abertura da Rua Nova, paralela ao rio Douro, consolidando a urbanização desta zona através da articulação com os arruamentos pré-existentes e estabelecendo uma ligação clara com as duas vias de drenagem portuárias responsáveis pelo acesso às portas setentrionais da cidade – Rua dos Mercadores e Rua das Congostas.

Surge, neste momento, uma primeira preocupação com a caracterização tipológica das habitações e com o ordenamento conjunto das fachadas do arruamento.

Durante o período dos anos quinhentos, o Porto, considerado em 1454 o maior aglomerado a seguir a Lisboa, sofre um reduzido acréscimo populacional, justificado pela perda de homens na expansão ultramarina,



[6]

[6]
Inscrição sobre a construção do Hospital D. Lopo de Almeida



[7]

[7]
Bilhete-postal com vista para a rua das Flores (à direita) e a rua de Mouzinho da Silveira (à esquerda), 1900

pela expulsão dos judeus, por decisão de D. Manuel, e pelos surtos de peste e fome que se sentiram na segunda metade desse século. Esta situação traduz-se, no século XVI, num processo de consolidação do tecido urbano da cidade, e não de expansão.

> *"Na cidade, já então movimentada e tumultuosa, seria por certo dificultoso o importante fluxo viário de atravessamento norte-sul, totalmente canalizado nas duas estreitas artérias atrás referidas (r. dos Mercadores e Congostas) que drenando, agora através da Rua Nova, a faixa portuária, se reuniam depois em apertados arruamentos(…)"* [2]

Desta forma, procurando aliviar esta dificuldade, e acentuando o processo de urbanização, procede-se entre 1521 e 1526 à abertura de uma nova e importante artéria da cidade, intitulada Rua de Santa Catarina das Flores. Esta rua representava um eixo alternativo aos velhos percursos e veio otimizar a relação do cais com o centro. Partia do largo de S. Domingos, antigo e importante nó de articulação das vias de serviço portuário e dirigia-se ao largo de S. Bento, ainda dentro das muralhas. Nesta zona, onde se realizavam as feiras, havia acesso direto ao Postigo de Carros, mais tarde transformado em porta para acesso à estrada de Guimarães e, mais tarde, de Braga e Penafiel.

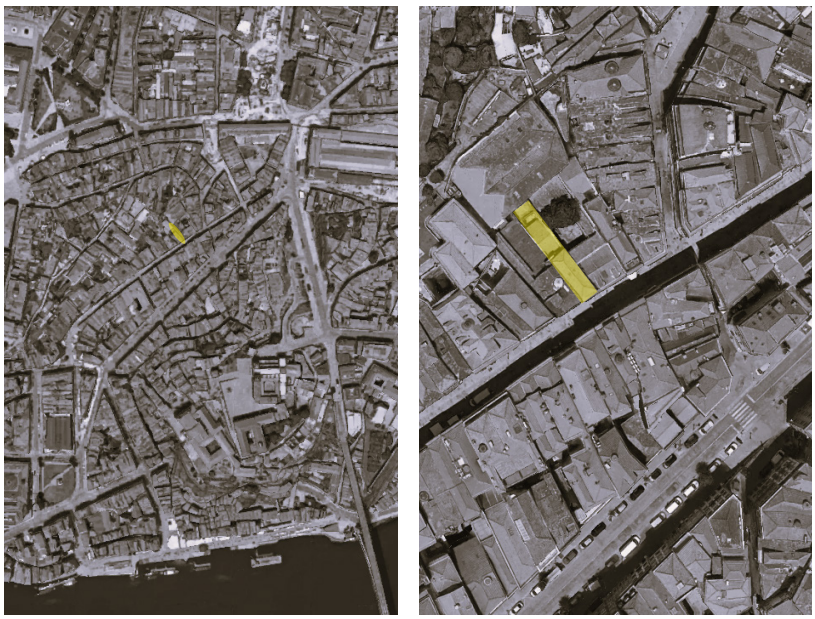
Sendo esta rua uma passagem obrigatória para o fluxo viário e vivendo-se uma fase de desenvolvimento da burguesia mercantil, assiste-se à sua rápida ocupação, com edificações que tendem a assumir a expressão desta classe. Assistiu-se, também, a um crescimento da construção de grandes conventos e de significativas instituições de assistência como o Hospital da Misericórdia (1521) e o Hospital de D. Lopo (1584).

A progressiva escassez de terrenos livres no interior da muralha conduziu à expansão urbana para áreas exteriores, ainda que adjacentes à fortificação.

Uma vez enquadrado o aparecimento da Rua das Flores, o foco de estudo centra-se no atual nº169, procurando entender o processo de transformação ocorrido, desde a sua construção até à contemporaneidade. Através da análise de documentação histórica recolhida, pretende-se mapear o processo da sua transformação ao longo do tempo, desde a edificação inicial até à configuração que chegou aos nossos dias.

Estima-se que a construção da habitação tenha ocorrido entre 1521 e 1526, sendo o primeiro registo conhecido datado de 15 de maio

2. FERRÃO, Bernardo; TÁVORA, Fernando. Projeto e transformação urbana do Porto na época dos Almadas: 1758-1813: uma contribuição para o estudo da cidade pombalina. Porto: FAUP Publicações, 1997, 3ª. edição, pág. 141



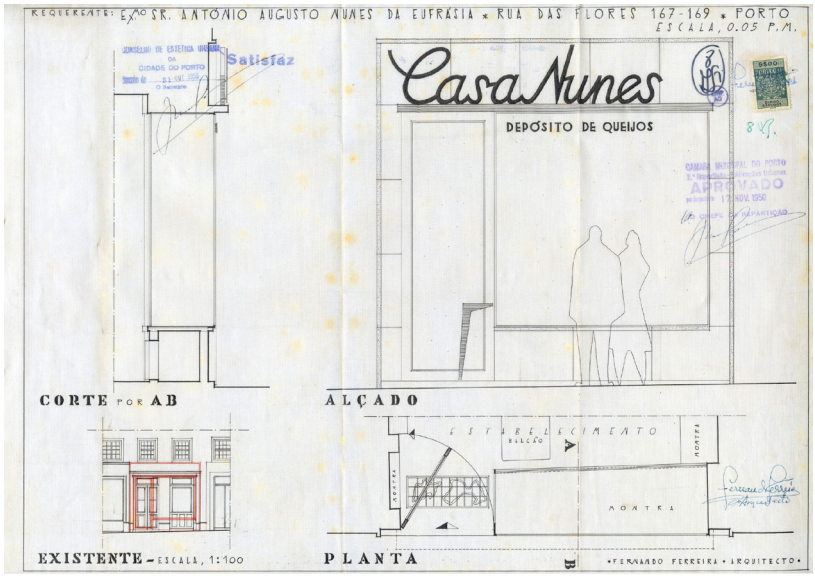
[8]

Vista aérea com localização do edifício



[9]

Licença de obra nº 823 para alteração da fachada do edifício em estudo, 1950



[9]

de 1528, referente a um *"prazo feito a Estêvão Ferraz, com foro anual de 300 réis"* [3] , confirmando a existência e uso do edifício.

Foram várias as mudanças de proprietário até ao final do século, momento em que *"O prédio é comprado, pelo preço de 250 000 réis, para edificação do Hospital de D. Lopo (…)."* [4]

A partir de 1604, a Santa Casa da Misericórdia procedeu à aquisição de diversos terrenos e edifícios com o propósito de edificar o Hospital D. Lopo de Almeida, cuja atividade se iniciou em 1610.[6] A inauguração do Hospital Geral de Santo António, em 1799, marcou o início do declínio funcional deste conjunto, tendo ambas as instituições coexistido por um curto período de tempo, até 1801, ano em que se concretizou a transferência do último doente.

A partir desse momento, o edifício perde a sua função hospitalar, entrando numa fase pouco documentada, relativamente à qual se desconhecem os eventuais proprietários e transformações realizadas. Esta lacuna documental prolonga-se até 1950, data da emissão de uma licença de obra para alteração da fachada, que constitui o primeiro registo claro de uma intervenção com impacto direto na leitura urbana do edifício. A licença visava a *"modificação da fachada dum estabelecimento sito na Rua das Flores 167 a 169 que o Exmo. Snr. António Augusto Nunes da Eufrazia pretende realizar (…)"* [5], prevendo a substituição do que seriam as duas portas originais por uma montra, através da criação de um único vão com cerca de 3,5 metros de largura. [9]

Para além dos documentos disponíveis, a observação direta do edifício permite avançar com algumas hipóteses interpretativas. Uma das mais relevantes prende-se com o número de pisos da construção inicial que, segundo documentação da altura *"tinha dois sobrados e partia de um lado (…) com Hospital de D. Lopo de Almeida «que ora se faz novamente», e por trás com o mesmo hospital".* [6]

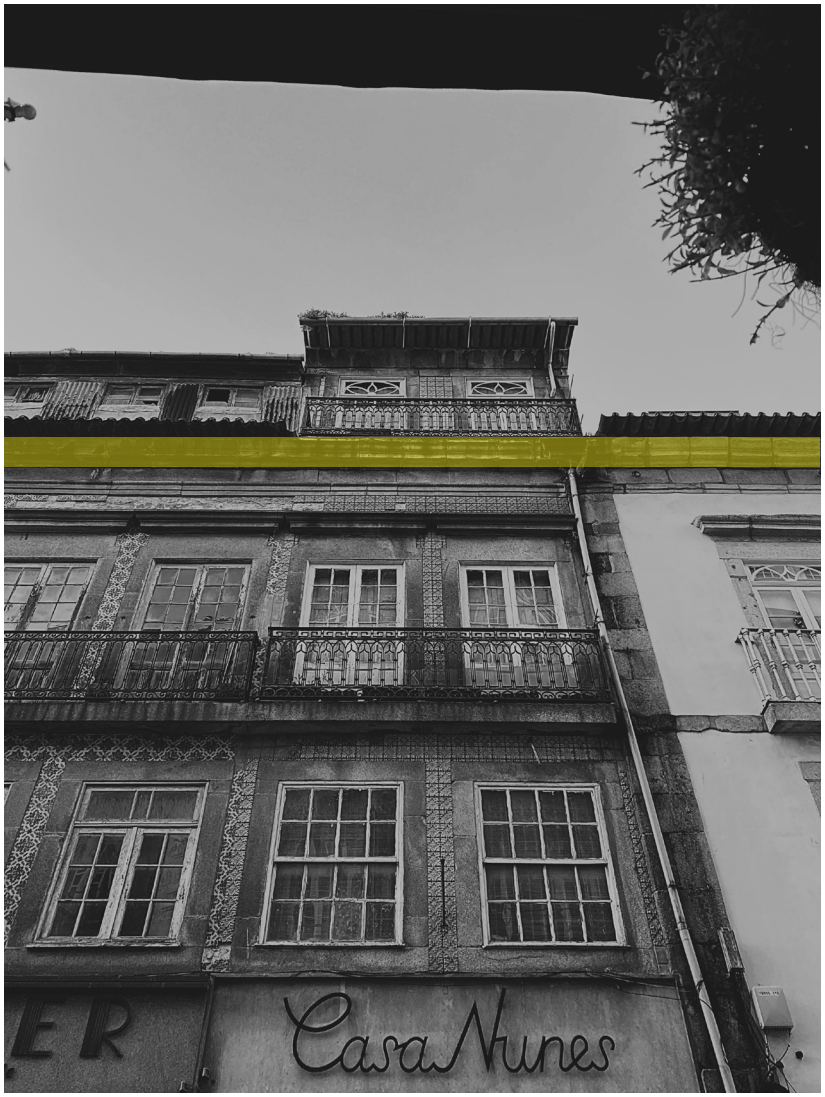
A referência à existência de dois sobrados aponta para uma organização em três pisos, compatível com a tipologia habitacional corrente da época. Este facto é reforçado pela observação da fachada, onde se identifica a presença de um beiral ao nível do terceiro piso que, na configuração atual do edifício, não mantém o seu caráter funcional de afastamento de águas pluviais do plano da fachada. A sua permanência assume-se, então, apenas como um vestígio material de um antigo remate superior.

3. AFONSO, José Ferrão. A Rua das Flores no século XVI: Elementos para a história do Porto Quinhentista. FAUP Publicações, 2000, 2ª edição, pág. 293

4. *Ibidem*

5. Licença de obra nº 823, emitida em 1950, para alteração da fachada do nº169, da Rua das Flores, in Arquivo Histórico do Porto

6. AFONSO, José Ferrão. A Rua das Flores no século XVI: Elementos para a história do Porto Quinhentista. FAUP Publicações, 2000, 2ª edição pág. 293



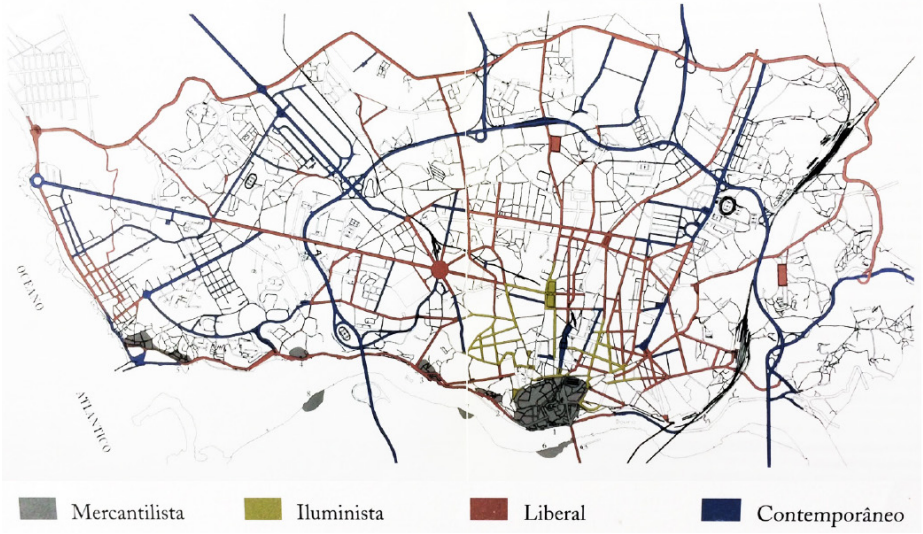
[10]

[10]

Fachada principal do edifício com destaque no beiral contínuo

A posição deste elemento sugere que o terceiro piso corresponderia originalmente ao último piso da construção, antes da introdução de um piso adicional, que implicou a elevação da cércea e a reformulação da cobertura.

Esta interpretação é ainda consolidada pela leitura dos edifícios adjacentes, que mantém a sua configuração de três pisos, havendo uma constinuidade do beiral e da cobertura em ambos.[10] A interrupção dessa continuidade no edifício em estudo torna mais percetível o acrescento posterior como uma intervenção tardia no conjunto.



[11]

[11]

Fases de desenvolvimento da cicade do Porto

I.II. CASA BURGUESA PORTUENSE

Embora este trabalho não tenha como objetivo uma análise exaustiva do contexto histórico e da caracterização do tecido habitacional da cidade do Porto, entre os séculos XVI e XIX, considera-se relevante, para uma melhor compreensão do caso em estudo, realizar um breve enquadramento histórico e tipológico da Casa Burguesa Portuense.

A evolução deste tipo de habitação, assim como do seu sistema construtivo, é marcada por um conjunto de fatores políticos, económicos, sociais e culturais que influenciaram significativamente a sua transformação ao longo dos séculos. [7]

7. BERRANCE, Luís. Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas. Porto: Arquivo Histórico Municipal, 1993, pág. 19

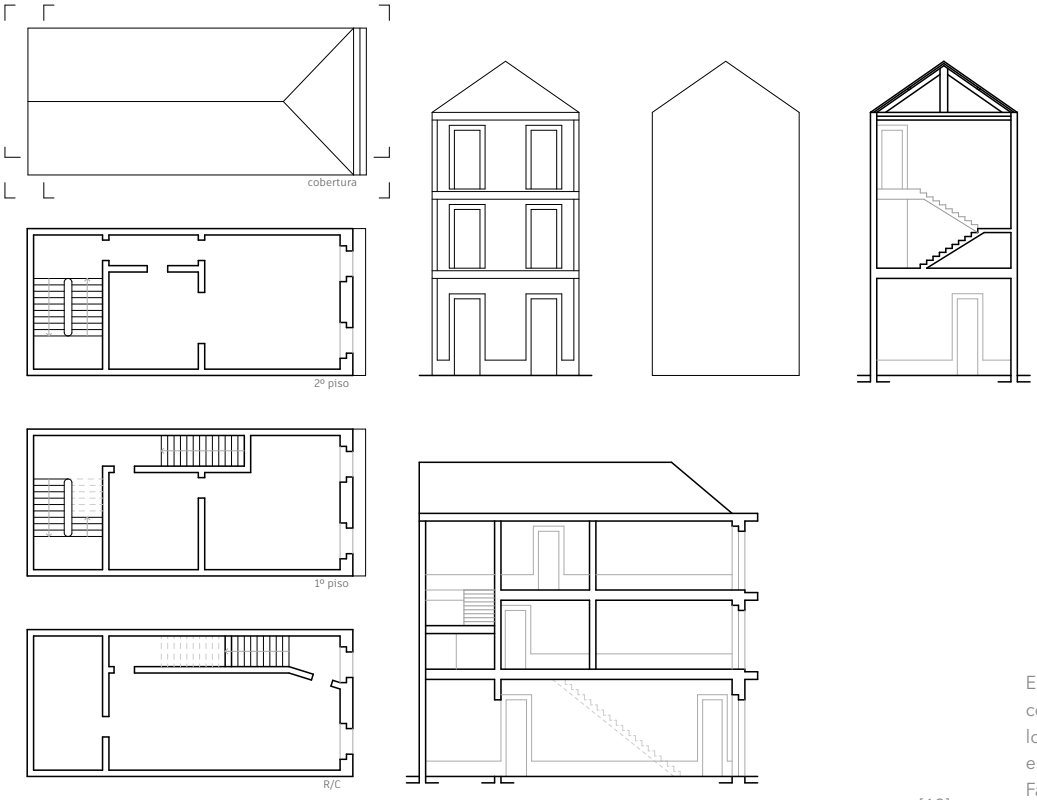
Um dos marcos importantes desse desenvolvimento urbano é a chamada Expansão Almadina, que se caracteriza pelo crescimento da cidade para além das muralhas medievais, promovendo a construção de novas ruas e bairros destinados à burguesia emergente. Esse fenómeno refletiu a consolidação de uma nova organização social e económica na cidade do Porto.

Assim, a história urbana do Porto pode ser organizada em três fases principais: antes, durante e após o período Almadino. No entanto, considerando a abordagem proposta por Francisco Barata Fernandes e, sendo o foco deste capítulo a transformação da habitação burguesa e não a evolução urbana propriamente dita, é possível identificar *"três fases em função de três grandes temas da História que desempenham um papel fundamental na estruturação do período compreendido entre os finais do século XVI e o século XIX: o Mercantilismo, o Iluminismo e o Liberalismo."* [8]

8. FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1999, pág. 77

Todos os edifícios erguidos nesta janela temporal apresentam uma notável continuidade nos elementos construtivos e nos sistemas de construção, que, apesar da existência de variações tipológicas, se repetem e se adaptam ao longo do tempo.

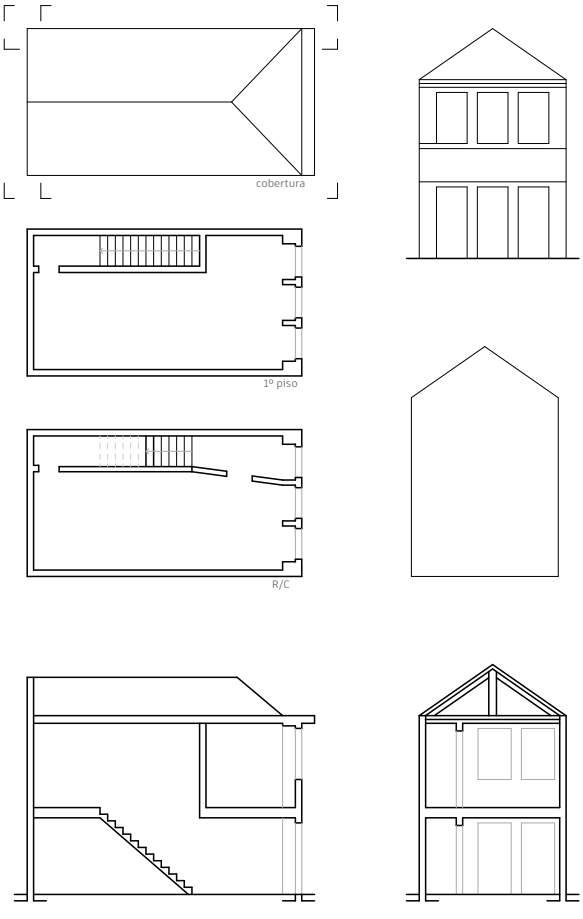
Para uma caracterização da matriz de organização interna, é tido em consideração o número de frentes, os materiais utilizados, o comprimento e largura do edifício, a existência ou não de logradouro e a localização e modelo da caixa de escadas.



[12]

[12]

Edifício de habitação com uma só frente, sem logradouro; Caixa de escadas nas traseiras; Fachada com dois vãos; Piso térreo com uso misto



[13]

[13]

Edifício de habitação semelhante ao anterior; Caixa de escadas lateral e de tiro, quando existem apenas dois pisos

PORTO MERCANTILISTA - Séc. XVI - XVII

É possível encontrar exemplares desta tipologia em zonas históricas de formação mais antiga, como acontece na Ribeira-Barredo, Sé, Vitória e Miragaia, cujo tecido urbano remonta à Idade Média. No século XVII, o aparecimento de *"uma política mercantilista, assente no aumento da produção agrícola, e na intensificação do comércio internacional, lança o país num novo período de alguma prosperidade".* [9]

9. TEIXEIRA, Joaquim José Lopes. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX: Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* 2004. Porto: FAUP, pág. 15

Assiste-se a um aumento significativo da população, densificando-se os núcleos pré-existentes, tanto dentro das muralhas, como nos dois principais pólos urbanos exteriores.

Podem ser identificadas duas formas de ocupação do lote: *"lotes de frentes estreitas ou muito estreitas, variando entre os 3 e 6 metros, com uma profundidade que oscila entre os 20 e 30 metros; e lotes de frentes igualmente estreitas mas com profundidades entre 10 e 15 metros."* [10] O seu perímetro é, assim, aproximadamente retangular, mas irregular.

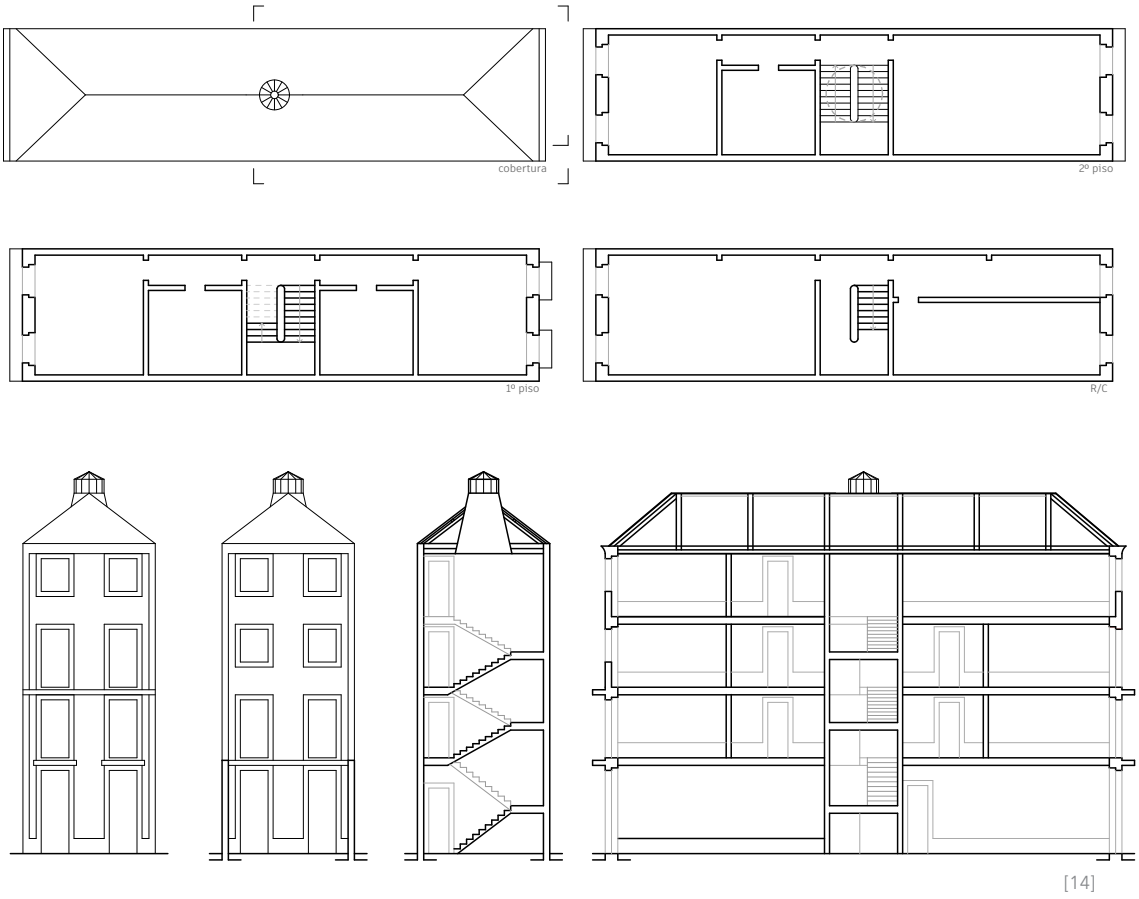
10. FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade*. 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1999, pág. 120

O edifício de uma só frente, que ocupa integralmente o lote e não dispõe de logradouro, desenvolve-se em dois ou três pisos e apresenta, na fachada, apenas duas aberturas por piso, com o eixo central constituído por um elemento fechado. Esta configuração corresponde a uma *"composição que é considerada a mais antiga em edifícios de habitação corrente no Porto".* [11] Também se observa esta tipologia com três vãos espaçados de igual forma entre si, alterando apenas a composição da fachada.

11. *Ibidem*, pág. 123

Quanto aos acessos, estes variam consoante o número de pisos do edifício. Nos casos com mais de dois andares, a caixa de escadas localiza-se na parte traseira, disposta transversalmente. [12] Quando o edifício possui apenas dois pisos, a escada de tiro é posicionada junto a uma das paredes de meação, estabelecendo a ligação direta entre o piso térreo e o primeiro andar. [13]

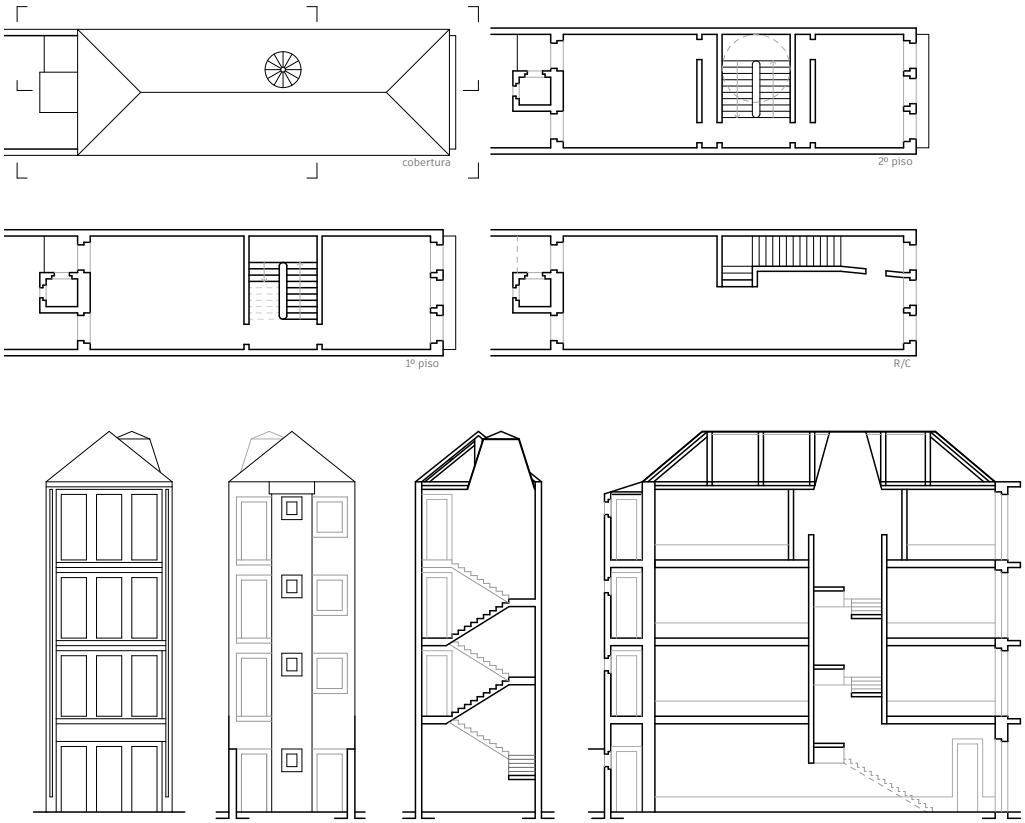
Os materiais utilizados neste tipo de edificação eram essencialmente o granito, a madeira e a argila. As paredes do piso térreo e as fachadas são de granito e a estrutura tanto dos pavimentos como da cobertura são de madeira. Já as divisórias interiores em todos os pisos, menos no térreo (muitas vezes de granito), são realizadas em taipa e posteriormente em tabique.



[14]

[14]

Edifício de habitação com duas frentes; Caixa de escadas central; Fachada com dois vãos; Piso térreo com uso misto



[15]

[15]

Edifício de habitação com duas frentes, com logradouro; Caixa de escadas central; Fachada com três vãos; Introdução de casa de banho do final do século XIX

Simultaneamente, começam a surgir tipologias semelhantes, mas com duas frentes. A principal diferença em relação à tipologia anterior reside na sua duplicação, com a caixa de escadas a assumir agora uma posição central, o que introduz *"uma nova concepção de casa".* [12]

12. *Ibidem*, pág. 124

Com a adição de uma segunda fachada, passa a integrar-se um logradouro no lote, mantendo-se a largura original, mas aumentando a profundidade.

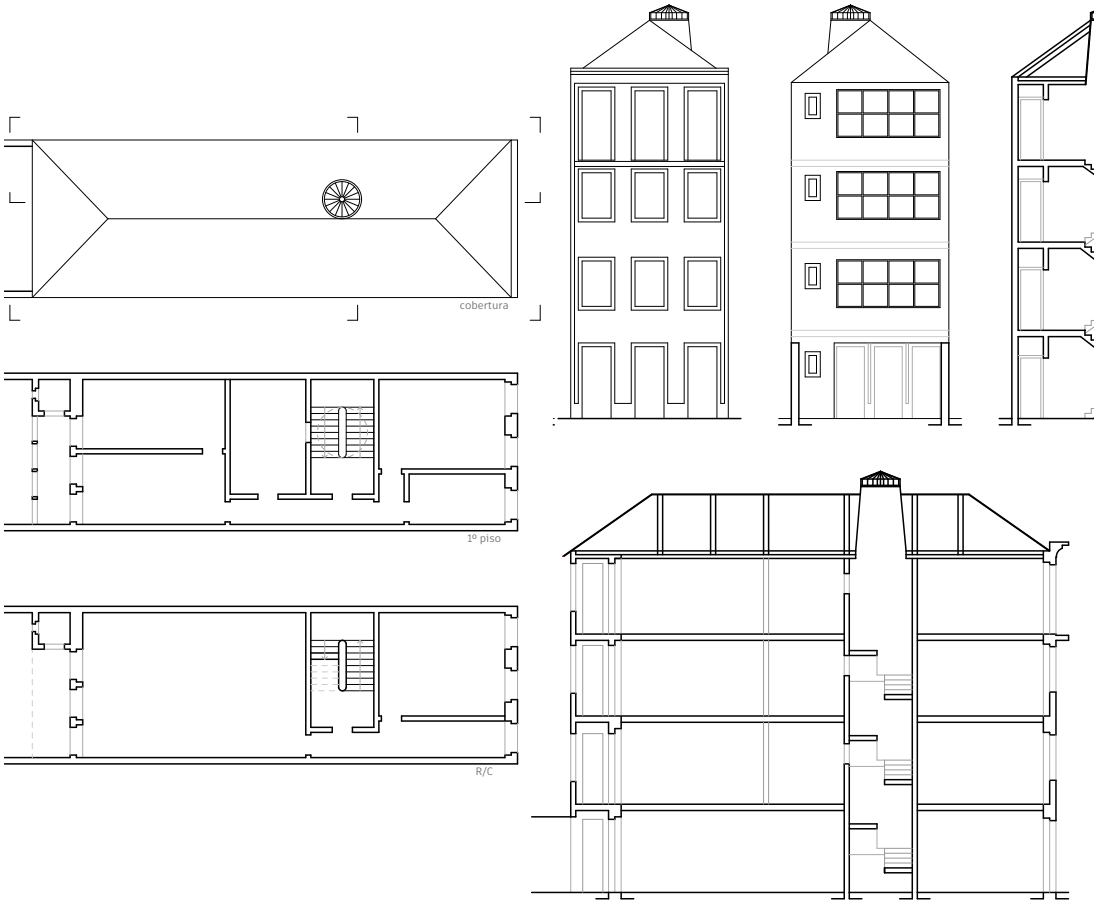
Estas alterações implicam uma reorganização da estrutura interna, refletindo uma nova noção de privacidade, ainda que *"O conceito de casa/ privacidade só a partir do séc XVIII começa a encontrar uma tradução formal sistematizada e divulgável."* [13] Até então *"A habitação medieval era um espaço público, e não privado. A sala estava em uso constante, para cozinhar, para comer, para entreter os visitantes, para tratar de negócios, como também para dormir, à noite."* [14] O piso térreo continua a funcionar de forma autónoma, albergando pequenos comércios, enquanto os pisos superiores se destinam à habitação. [14]

13. *Ibidem*, pág. 126

14. MOTA, Nelson. *A arquitetura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense.* Coimbra: EDARQ, pág. 28

Os materiais de construção permanecem inalterados e, tal como na tipologia anterior, as fachadas continuam a apresentar-se organizadas em dois ou três vãos. No entanto, o aparecimento da segunda fachada introduz um novo tema na construção e na arquitetura, orientado para uma maior economia e simplicidade.

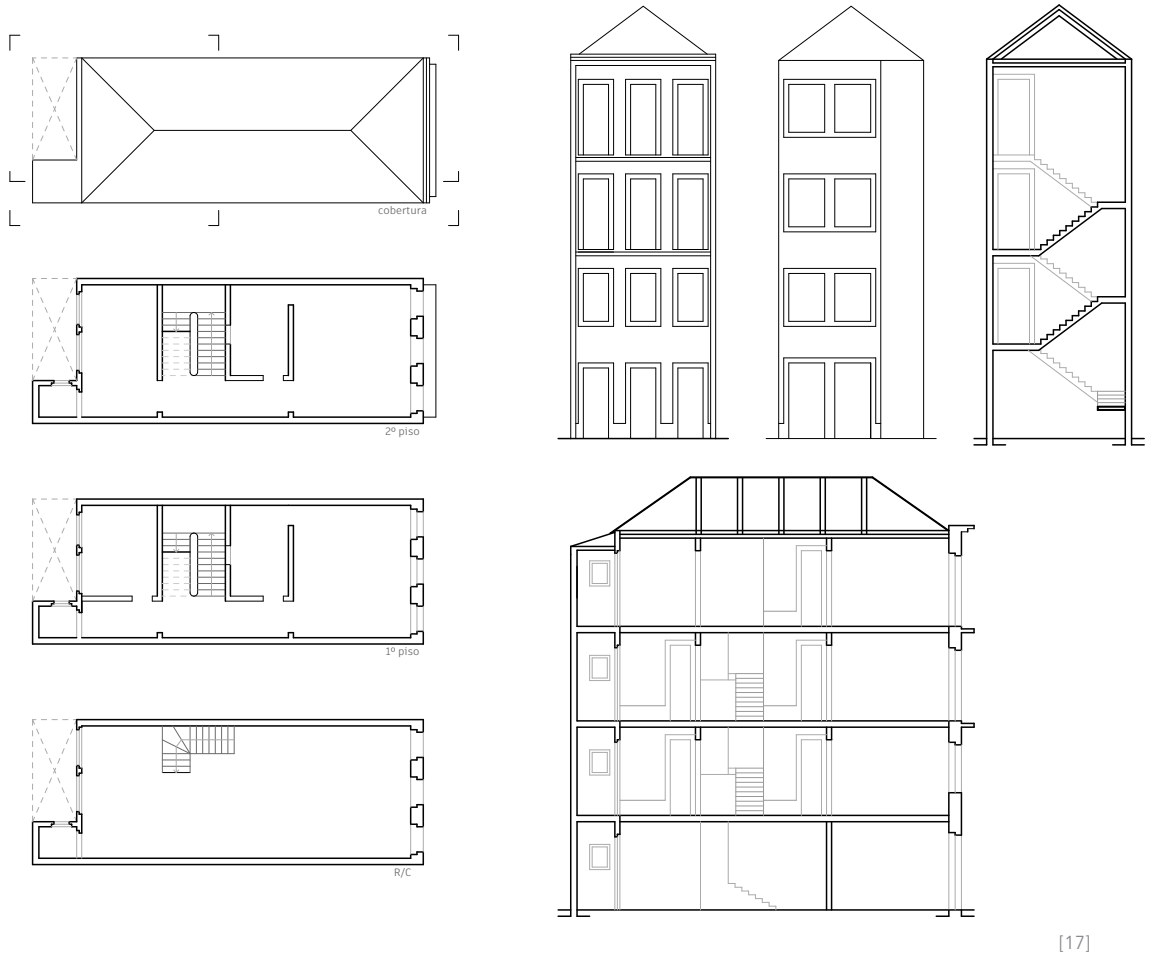
Assim, durante o período *Mercantilista*, desenvolvem-se essencialmente duas tipologias de edifícios, diferenciadas pelo número de frentes, pela disposição da caixa de escadas, pela profundidade do lote e pela existência ou não de logradouro. Apesar dessas variações, partilham um conjunto de características comuns, como a largura da frente do lote, a composição da fachada principal, a presença de dois acessos independentes – um para o piso térreo e outro para os pisos superiores – e a forma de articulação com o espaço público.



[16]

[16]

Edifício de habitação com duas frentes, com logradouro; Caixa de escadas central com iluminação vertical; Fachada com três vãos



[17]

[17]

Edifício de habitação semelhante ao anterior; Em terrens de forte pendente o logradouro fica reduzido a um saguão

PORTO ILUMINISTA - Séc. XVII - XVIII

Após o terramoto de 1755, Marquês de Pombal, figura central na modernização e valorização cultural do reino, desempenhou um papel decisivo na implementação de uma nova forma de pensar e organizar a cidade. *"[...] consciente da importância política no controlo da gestão da cidade, promoveu profundas mudanças na estratégia de intervenção urbanística durante a sua administração, que não só responderam às principais questões que se colocavam, como definiram princípios de ação de planeamento urbano [...]".* [15]

15. FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 128

No entanto, no Porto, onde os efeitos do terramoto não foram significativos, a ação urbanística da cidade teve como principal foco o planeamento de reestruturação e expansão, conduzido pelos Almadas. Perante uma sobrelotação populacional no território interior às muralhas, foi necessário efetuar ações urbanísticas que resolvessem a questão do excesso de habitantes e a comunicação dentro da sua malha.

Surge assim, a Junta de Obras Públicas, organismo que viria a ficar responsável pelo planeamento e gestão urbanística, que introduz uma nova filosofia, onde a habitação corrente passa a ser entendida, não como um elemento isolado, mas como algo capaz de garantir uma correta integração num ordenamento de conjunto.[16]

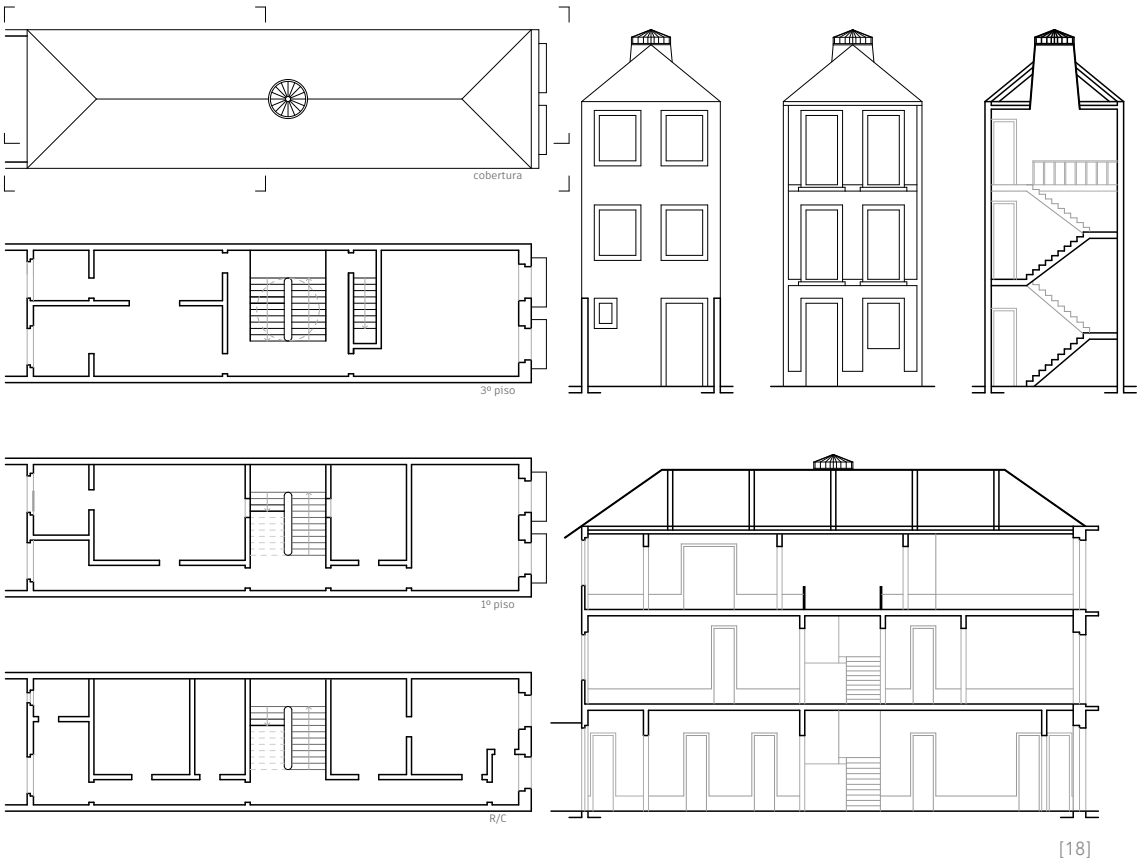
16. BERRANCE, Luís. *Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas*. Porto: Arquivo Histórico Municipal, 1993, pág. 33

A fachada da casa passa a ser vista como um elemento da cidade ao invés de um ornamento da habitação, relacionando-se com o desenho urbano. Esta filosofia foi aplicada em algumas ruas estratégicas, como as Ruas de Santo António, de Santa Catarina, de Cedofeita e do Almada, entre outras, permitindo o acompanhamento tanto das propostas de abertura destas ruas como das fachadas da arquitetura corrente que nelas se construiria.

> *"Os laços existentes entre os programas económicos e sociais e a concepção de urbanismo, serão fundamentados por uma arquitetura de caráter pragmático, definida essencialmente pela sistematização e generalização de tipologias de habitação corrente".* [17]

17. *Ibidem*, pág. 20

Neste período, a frente do lote é de aproximadamente 6 metros, mantendo a relação de edifício/rua que se observou no período anterior. O lote apresenta uma maior profundidade, já que foi assegurada a existência de um logradouro.



[18]

[18]

Edifício de habitação tipologicamente semelhante ao anterior; Aumento da profunidade possibilita duas alcovas, uma de cada lado da caixa de escadas

Nesta época, destaca-se uma preocupação maior no que diz respeito ao desenho de conjunto, ao invés de se pensar apenas na frente do lote como objeto isolado, podendo *"observar-se na tentativa de utilização, sempre que possível de um eixo de simetria, no tratamento especial dos edifícios de gaveto e dos edifícios centrais do arruamento, na regularização das cérceas e na sistematização dos principais elementos arquitectónicos de composição."* [18]

18. FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade.* 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1999, pág. 144

Quanto à profundidade, há conjuntos com cerca de 12 metros e outros com 22 metros, sendo que a dimensão do logradouro varia em função do espaço disponível no lote, podendo ficar reduzido a um saguão.[17] Os vãos das fachadas estabilizam em três por piso e são, em relação com o período anterior, mais altos. Verifica-se, ainda, a existência de varandas corridas, de uma parede de meação à outra, com maior atenção ao pormenor, especialmente nas cornijas e beirais, que apresentam uma maior complexidade.

À semelhança do período anterior, o interior da habitação apresenta *"caixa de escadas central; piso térreo com acesso independente e destinado a comércio, oficina, armazém ou arrumos complementares da habitação"*,[19] sendo, neste caso ditribuídos entre três a cinco pisos. A complexidade aumenta com a introdução de uma clarabóia na zona da caixa de escadas e de alcovas no caso de habitações com maior profundidade. [18]

19. *Ibidem*

Neste período começa a definir-se uma transição entre público e privado, procurando associar-se o espaço à sua respetiva função, promovendo a casa a espaço de família. [20]

20. MOTA, Nelson. *A arquitetura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense.* Coimbra: EDARQ, pág. 25

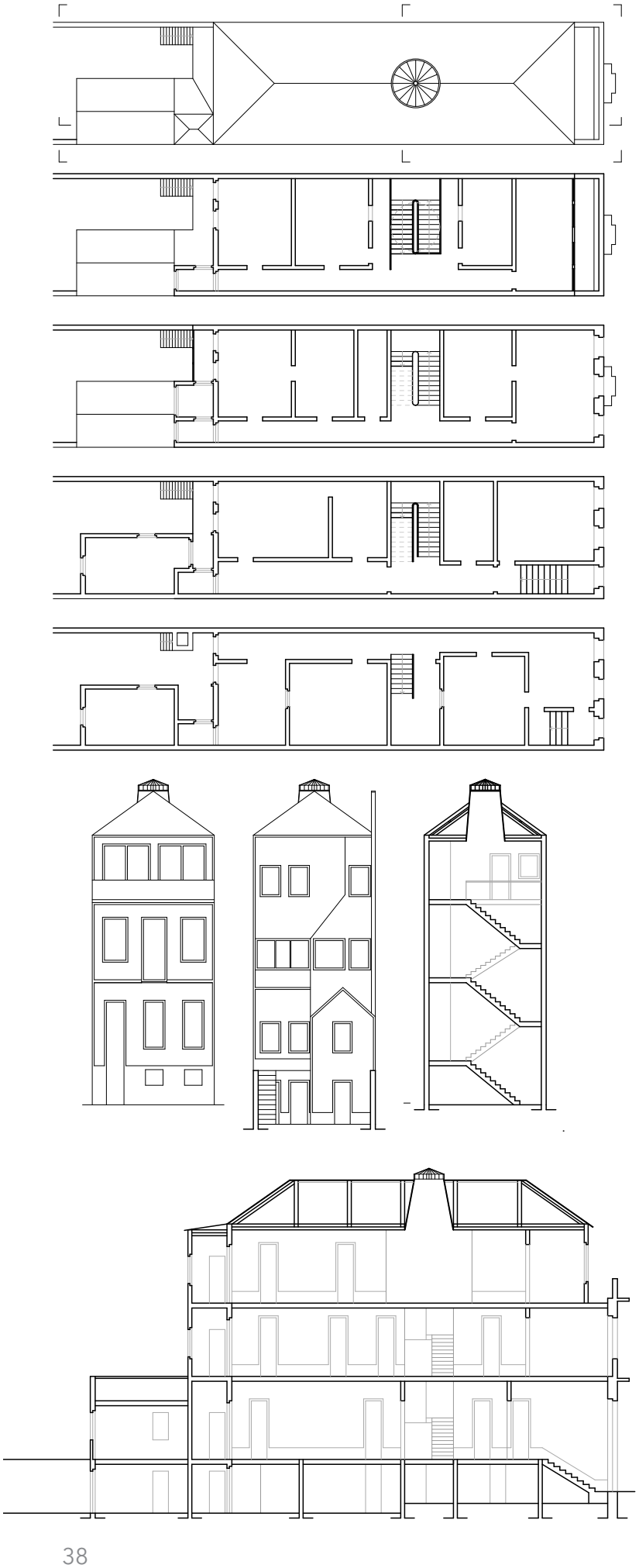
> *"Existe um sentido de progressão do público para o privado, do representativo para o funcional, na medida em que se sobe de piso."* [21]

21. FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade*. 2ª ed. Porto: FAUP Publicações, 1999, pág. 146

Os materiais de construção e os elementos básicos de composição arquitetónica mantêm-se os mesmo, observando-se apenas uma maior utilização do ferro nas guardas das varandas e sacadas.

Esta nova solução de Casa Burguesa, apresenta muitas semelhanças com o período anterior, mas também demonstra uma evolução em certos elementos, que auxilia na distinção dos diferentes períodos. Os seus exemplares podem ser encontrados tanto no interior da cidade como nas áreas de expansão, graças à sua significativa adaptabilidade a diferentes usos.

Assim, durante este período, a Casa Burguesa caracteriza-se por manter as proporções e relações espaciais utilizadas do *período mercantilista*, mas com uma maior profundidade de lote, a presença frequente de logradouro e uma atenção ao desenho de conjunto. Apresenta fachada com três vãos por piso, varandas corridas e elementos decorativos mais elaborados, interiores organizados em torno de caixa de escadas central e pisos térreos destinados a funções comerciais. A padronização tipológica e a versatilidade de usos garantiram a possibilidade de crecimento tanto no centro histórico como nas áreas de expansão da cidade.



[19]

Edifício de habitação unifamiliar, monofuncional, com rés-do-chão sobrelevadoe cave iluminada; Programa de habitação extenso

PORTO LIBERAL - Séc. XIX

A cidade do Porto, que sempre se caracterizou por uma grande ligação à atividade mercantil, assistiu, no séc. XIX, a uma progressiva entrada da indústria na sua base produtiva, que gerou uma imigração de milhares de pessoas vindas dos aglomerados rurais. [22]

22. MOTA, Nelson. *A arquitetura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense.* Coimbra: EDARQ, pág. 54

A forma de pensar a habitação e a cidade, através do trabalho feito pela Junta das Obras Públicas, como referido no ponto anterior, permaneceu inalterada durante a primeira metade do século XIX.

Com a expansão da cidade para além das muralhas, consolidou-se uma nova estratégia urbana de produção do espaço público. Como consequência, na segunda metade deste século, surgiram novos tipos de habitação burguesa.

Distinguem-se, neste período, dois grupos de novas habitações: *"o da continuidade com a tipologia polifuncional almadina e o da casa burguesa monofuncional, que estabelece uma rotura com aquela tipologia."* [23]

23. FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade.*Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 170

O primeiro grupo, mantém muitas das características anteriores, existindo apenas uma introdução de instalações sanitárias nas traseiras das habitações, uma nova organização dos logradouros com jardins e hortas e uma ampliação das áreas de arrecadação e dos pés-direitos de cada piso. É uma solução que transporta uma tradição de edificar e, por isso, se localiza maioritariamente no centro urbano, continuando o preenchimento dos arruamentos abertos na época.

O segundo grupo, manisfesta-se como um corte com a tipologia explorada na época dos Almadas, abrigando apenas a função de habitar, permitindo, assim, programas residenciais de maior complexidade, existindo uma progressiva valorização da ideia de família. [24]

24. MOTA, Nelson. *A arquitetura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense.* Coimbra: EDARQ, pág. 83

A relação do lote com a rua mantém-se semelhante à das tipologias anteriores. No que diz respeito às suas dimensões, a frente continua a medir 6 metros, enquanto a profundidade varia agora entre 15 e 20 metros. Quando a edificação se insere num lote com alguma pendente, o logradouro é organizado em patamares, que acomodam elementos como uma horta, um jardim ou um pomar.



[20]

[20]

Edifício de habitação tipologicamente semelhante ao anterior, com dimunição da profundidade, tal como acontecia com a tipologia almadina

A organização interna desta tipologia apresenta uma rutura face a modelos anteriores, introduzindo uma especialização funcional. De modo geral, existe uma compartimentação definida, na qual diferentes usos ocupam áreas distintas.

A relação do piso térreo com a rua altera-se, com a introdução de uma cave semienterrada, com pequenas aberturas para a rua, onde se localizavam arrumos ou zonas de serviço, traduzindo-se num *"corte radical com as tipologias almadinas, com consequências significativas no próprio processo de transformação urbana."* [25]

25. FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade.* Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 172

A caixa de escadas mantém a mesma posição, central e transversal à construção. O acesso à cave pode ser feito por essa mesma caixa de escadas, através de uma porta incorporada no patamar e separada do restante percurso, ou então por uma escada de tiro localizada atrás de uma porta junto à entrada da habitação.

Com a incorporação da cave, surge uma nova escada na entrada da casa, já que a cota do piso térreo é alterada. O vão da porta de entrada, maioritariamente localizado junto a uma das paredes de meação, também sofre modificações. Ao incluir o desnível criado pela cave, a distância entre a soleira e a padieira aumenta. Dessa forma, a padieira da porta maném o alinhamento com as padieiras das janelas do primeiro piso, garantindo a continuidade do desenho do alçado. [19]

É neste período que surge a ideia de hierarquização funcional e social, surgindo uma distinção dos vários espaços que incorporam a habitação, em contraponto com o que antes acontecia, onde todos os espaços servem para uma pluralidade de funções.

Apesar do avanço tecnológico, os materiais e os métodos construtivos mantém-se inalterados, mesmo na ausência das restrições que anteriormente impunham a construção deste tipo de edificações. Ou seja, esse tipo de habitação já não é construído por imposições técnicas ou construtivas, mas sim por uma escolha estratégica da burguesia portuense.

As mudanças nas casas burguesas do Porto, ocorridas no século XIX, mostram como a cidade se adaptou às necessidades económicas e sociais da época. Novos tipos de habitação surgiram para atender diferentes funções e classes sociais, refletindo tanto a tradição quanto a inovação. Essa diversidade ajudou a moldar o crescimento urbano do Porto, criando espaços que combinavam moradia, trabalho e comércio, de forma prática e eficiente. [26]

26. *Ibidem*, pág. 178

De acordo com a classificação tipo-morfológica desenvolvida por Francisco Barata Fernandes, o edifício objeto deste estudo, com construção datada entre 1521 e 1526, enquadra-se no *período mercantilista*, caracterizando-se por uma frente estreita, com dois vãos por piso e pela inexistência de clarabóia.

No entanto, a análise das suas características arquitetónicas revela a introdução de elementos que não correspondem a este período. As varandas em pedra a toda a largura, os vãos de maior verticalidade e os beirais de forte expressão formal apontam para uma linguagem associada ao *período iluminista*, sugerindo intervenções posteriores, possivelmente já após o abandono da função hospitalar.

O edifício resulta, assim, de um processo evolutivo contínuo, no qual a estrutura mercantilista original foi sendo progressivamente adaptada a novas exigências funcionais, tornando-se um exemplo claro de sobreposição histórica.

II. PRESENTE COMO MATÉRIA: O EDIFÍCIO

Com base no enquadramento histórico e tipológico desenvolvido no capítulo anterior, procede-se, neste capítulo, à análise do edifício na sua condição atual, enquanto objeto construído e suporte físico da intervenção. Esta análise constitui um passo fundamental para a compreensão das suas características espaciais, construtivas e funcionais, bem como das alterações que foi sofrendo ao longo do tempo.

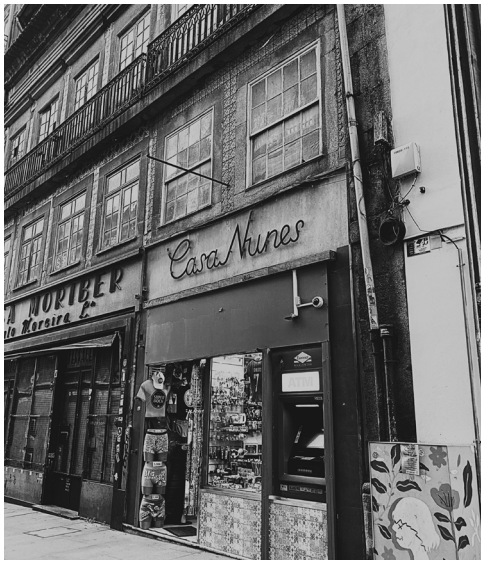
Num primeiro momento é realizada a caracterização do edifício, descrevendo-se, de forma ascendente, a organização do programa, os principais elementos construtivos e as relações espaciais estabelecidas. Com esta análise procura-se, ainda, identificar tanto as permanências tipológicas, como as sucessivas alterações.

De seguida, são apresentados os desenhos resultantes do levantamento do edifício, que funcionam como instrumento de estudo e meio de comunicação da análise anteriormente desenvolvida. O levantamento gráfico apresenta-se como base objetiva para a interpretação crítica da preexistência e para o posterior desenvolvimento da proposta de intervenção.

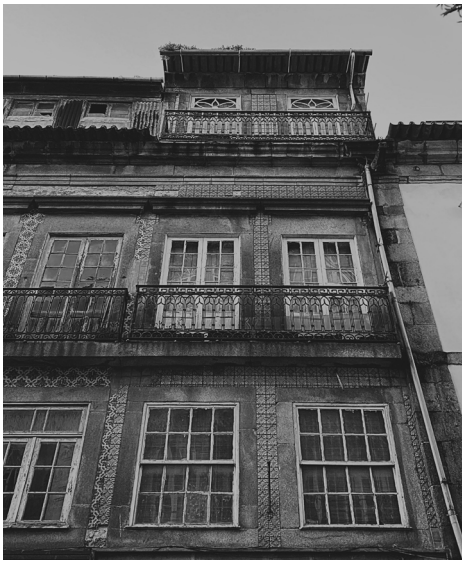
Por fim, e tendo em conta que este trabalho se foca na intervenção de uma casa burguesa portuense, desenvolve-se uma reflexão inicial sobre diferentes modos de aproximação à problemática e permite identificar princípios de atuação no património edificado. Esta abordagem procura estabelecer um enquadramento teórico, que permita orientar criticamente o desenvolvimento do restante trabalho.

Ainda neste subcapítulo, como complemento, são apresentadas intervenções em distintos edifícios, que visam a reflexão sobre a atuação no presente caso de estudo.

Assim, o objetivo é identificar linhas de referência para a defenição de uma estratégia de intervenção. Este aspeto será desenvolvido, de forma aprofundada, em capítulo próprio.



[21]



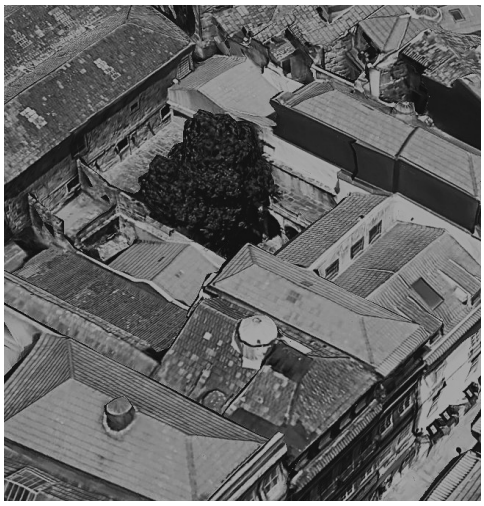
[22]

[21]

Fachada principal

[22]

Fachada principal



[23]



[24]

[23]

Vista aérea do edifício

[24]

Montra Piso Térreo



[25]



[26]

[25]

Escadas acesso ao primeiro piso

[26]

Escadas de acesso ao volume mais recente

II.I. CARACTERIZAÇÃO DO EDIFÍCIO

A intervenção no nº 169 da Rua das Flores parte, desde logo, da necessidade de adaptação do seu uso e de recuperação do edifício preexistente, corrigindo anomalias existentes. Considerou-se, por isso, fundamental, como primeira fase do processo, a análise e o conhecimento detalhado do estado atual. Nesta fase, foram realizados levantamentos métricos e registos fotográficos durante a visita ao local, apresentados neste capítulo como um percurso ascendente ao longo do edifício.

A fachada principal, voltada para a Rua das Flores, apresenta quatro pisos, com duas aberturas por piso e um eixo de simetria central marcado por um elemento fechado.[22] As aberturas do piso térreo não seguem o alinhamento dos pisos superiores, correspondendo a uma porta de acesso ao espaço comercial e a uma montra envidraçada. [21]

O lote, no qual a casa se insere, tem uma forma retangular com cerca de 4 metros de largura e 29 metros de profundidade. O edifício ocupa toda a largura do lote, mantendo a tipologia habitual deste tipo de habitação, e apresenta atualmente um comprimento de cerca de 24 metros, permitindo a existência de um logradouro. [23] A análise detalhada da cobertura revela a construção de um segundo telhado de duas águas, indicando a presença de uma construção posterior e sugerindo um comprimento original do edifício de aproximadamente 13 metros.

A organização interna resulta, assim, num edifício de duas frentes, com logradouro, uma caixa de escadas central, posicionada transversalmente ao lote, e um piso térreo destinado a comércio.

O primeiro piso caracteriza-se pela ausência de paredes interiores, preservando uma espacialidade contínua, embora o uso atual, como área comercial, dificulte a leitura da distribuição original. Ao fundo mantém-se uma casa de banho, alinhada com a lógica funcional típica deste tipo de habitação no período liberal.

Relativamente aos acessos, coexistem duas caixas de escadas: uma que estabelece a ligação à caixa de escadas central original [25], e outra que vence dois pisos e conduz ao volume mais recente.[26] Esta configuração evidencia uma sobreposição de circulações, resultantes de intervenções posteriores sem que estas tenham eliminado totalmente a organização estrutural primitiva.



[27]



[28]



[29]



[30]



[31]



[32]



[33]



[34]



[35]



[36]

[27]

Divisão a sul, do primeiro piso

[28]

Pormenor da janela de guilhotina

[29]

Portada das janelas de guilhotina

[30]

Divisão a norte, do primeiro piso

[31]

Secção do teto com a estrutura à vista

[32]

Pormenor da estrutura dos pisos

[33]

Humidade no teto da casa de banho

[34]

Divisão a sul, do segundo piso

[35]

Janela de batente com portada

[36]

Acesso à zona norte do segundo piso

Os três pisos superiores encontram-se subdivididos em dois espaços pela caixa de escadas central: um voltado para norte e outro para sul. O acrescento existente, no segundo piso, desenvolve-se para norte.

No primeiro piso, a partir do patamar da caixa de escadas acede-se, no lado voltado para a rua, a sul, a uma sala com duas janelas de guilhotina protegidas por portadas tripartidas.[28] [29] A atual utilização como salão de beleza levou à subdivisão do espaço com uma parede de gesso cartonado, revelando a capacidade de adaptação funcional do edifício sem comprometer a leitura da fachada.

Do lado oposto das escadas encontra-se uma divisão sem aberturas, atualmente usada como arrecadação,[30] com uma casa de banho ao fundo, que, embora modificada e ampliada, mantém a posição e alinhamento da do piso inferior.

No segundo piso, a divisão voltada para a rua mantém-se semelhante à do piso inferior, mas sem a parede divisória e com portas que dão acesso a uma varanda com guarda em ferro, que se estende por toda a largura da fachada.[39] No lado norte, surge uma exceção: um corredor[36] que dá acesso a várias novas divisões e culmina no acesso ao logradouro, evidenciando a expansão do edifício para além do traçado original e a sobreposição de circulações associadas a acrescentos realizados em momentos posteriores.

O terceiro piso mantém os limites originais do edifício. A divisão a sul é, em grande parte, semelhante à do segundo piso, mas as portas exteriores incorporam uma bandeira decorativa.[37] Na divisão voltada para o logradouro preservam-se vestígios do volume da casa de banho original, enquanto uma porta dá acesso a uma pequena varanda e uma janela que se abre para o logradouro e para o telhado de duas águas da construção mais recente. [43] [44]

No primeiro patamar de acesso ao último piso, do lado oposto ao desenvolvimento principal da escada, existem alguns degraus que permitem aceder a uma outra divisão, com pé-direito mais baixo. Este espaço terá surgido provavelmente quando se modificou a altura da casa e se elevou a cobertura, possibilitando a criação de uma nova divisão.

Quanto à materialidade, importa referir que a estrutura dos pisos mantém-se aparentemente inalterada, enquanto a maioria dos revestimentos — pisos, paredes e tetos — refletem soluções contemporâneas,



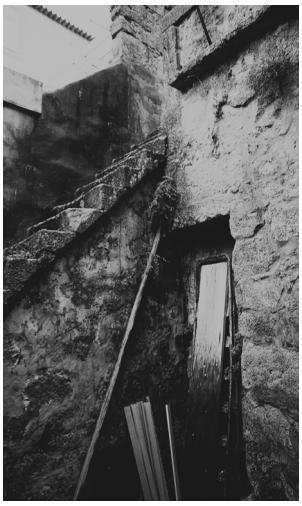
[37]



[38]



[39]



[40]



[41]



[42]



[43]



[44]

[37]

Janela de batente com bandeira

[38]

Divisão a norte do terceiro piso

[39]

Guarda de ferro das varandas

[40]

Escadas do logradouro

[41]

Pormenor de cantaria no logradouro

[42]

Divisão a sul do terceiro piso

[43]

Vista da cobertura do volume mais recente e do logradouro a partir do terceiro piso

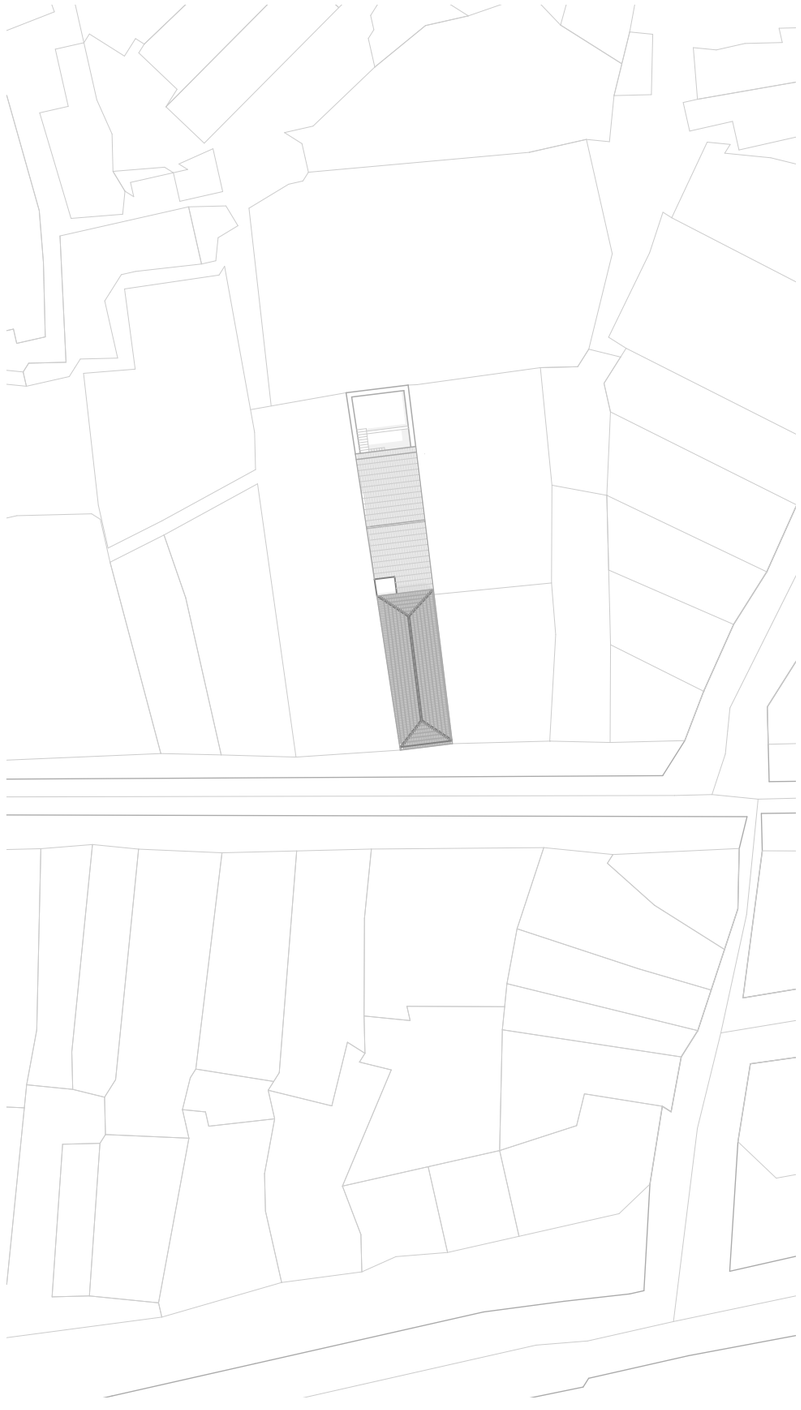
[44]

Alçado tardoz

incluindo piso flutuante, e o uso de gesso cartonado em paredes e tetos. As portas interiores foram substituídas, preservando-se apenas as caixilharias da fachada principal e as respetivas portadas, que permanecem como testemunho da expressão original do edifício.

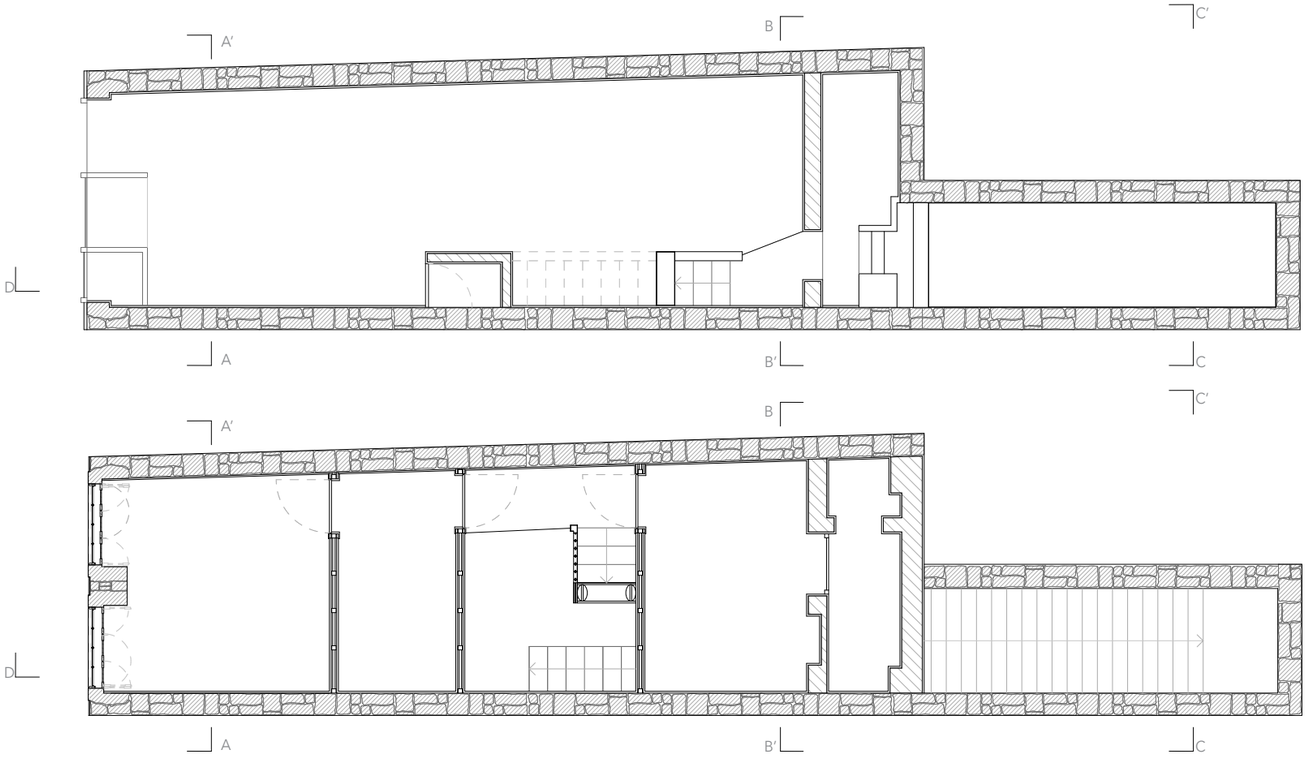
A leitura do edifício existente evidencia, assim, um percurso marcado por sucessivas adaptações, na qual a estrutura e a organização espacial se mantêm reconhecíveis, apesar da substituição de diversos elementos e da maioria dos revestimentos. Esta condição de sobreposição e permanência assume-se como um dado essencial para a definição da estratégia de intervenção, uma vez que permite identificar os elementos resultantes de alterações posteriores.

II.II. LEVANTAMENTO



Planta de Cobertura

Escala 1 500

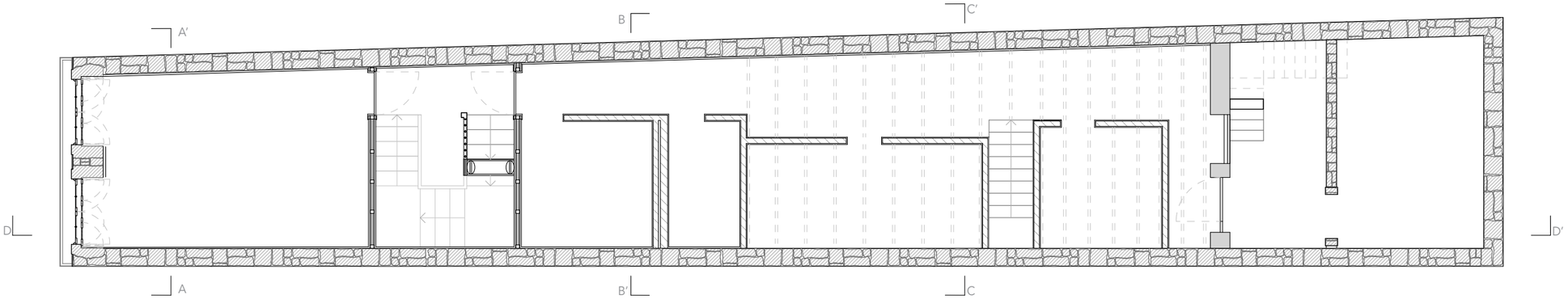


Planta Piso Térreo

Escala 1 100

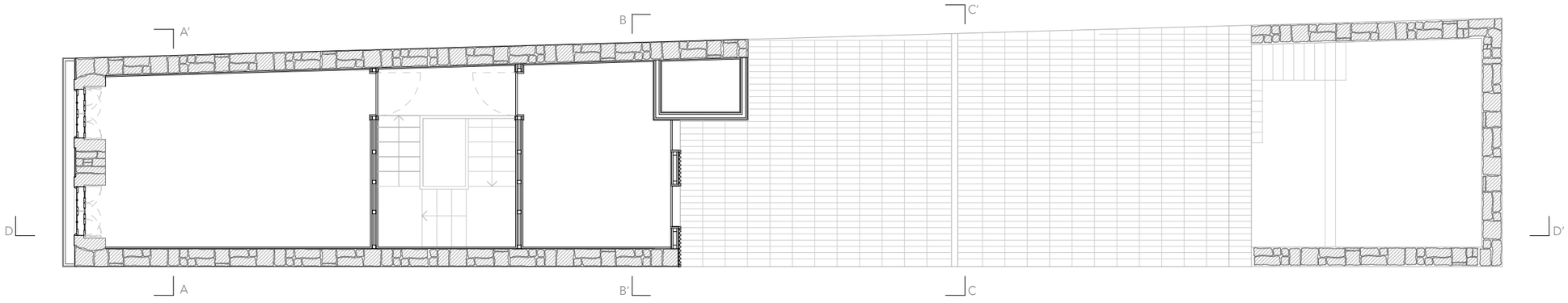
Planta Piso 1

Escala 1 100



Planta Piso 2

Escala 1 100



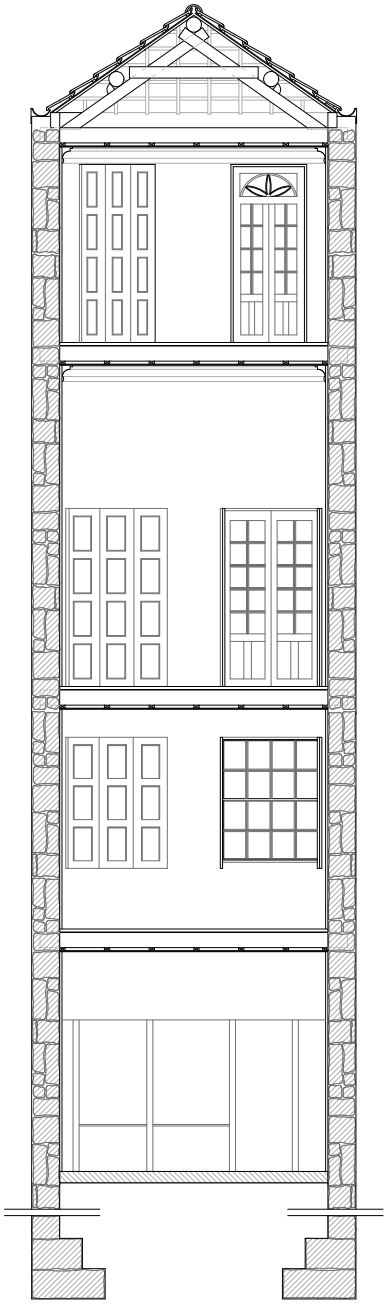
Planta Piso 3

Escala 1 100



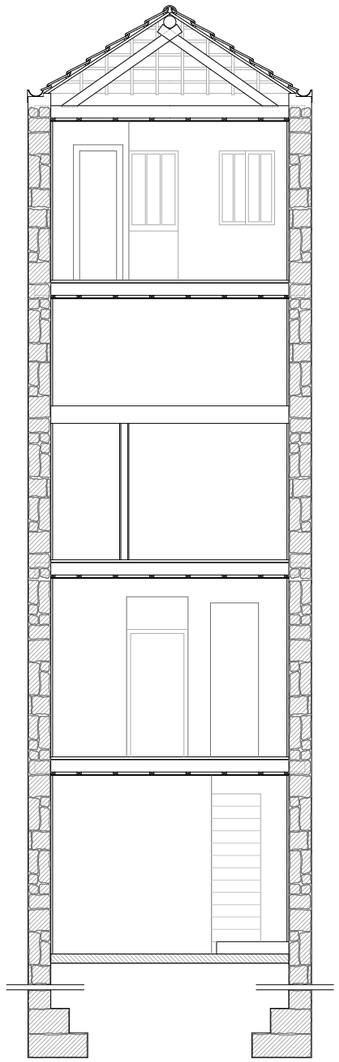
Alçado Principal

Escala 1 100



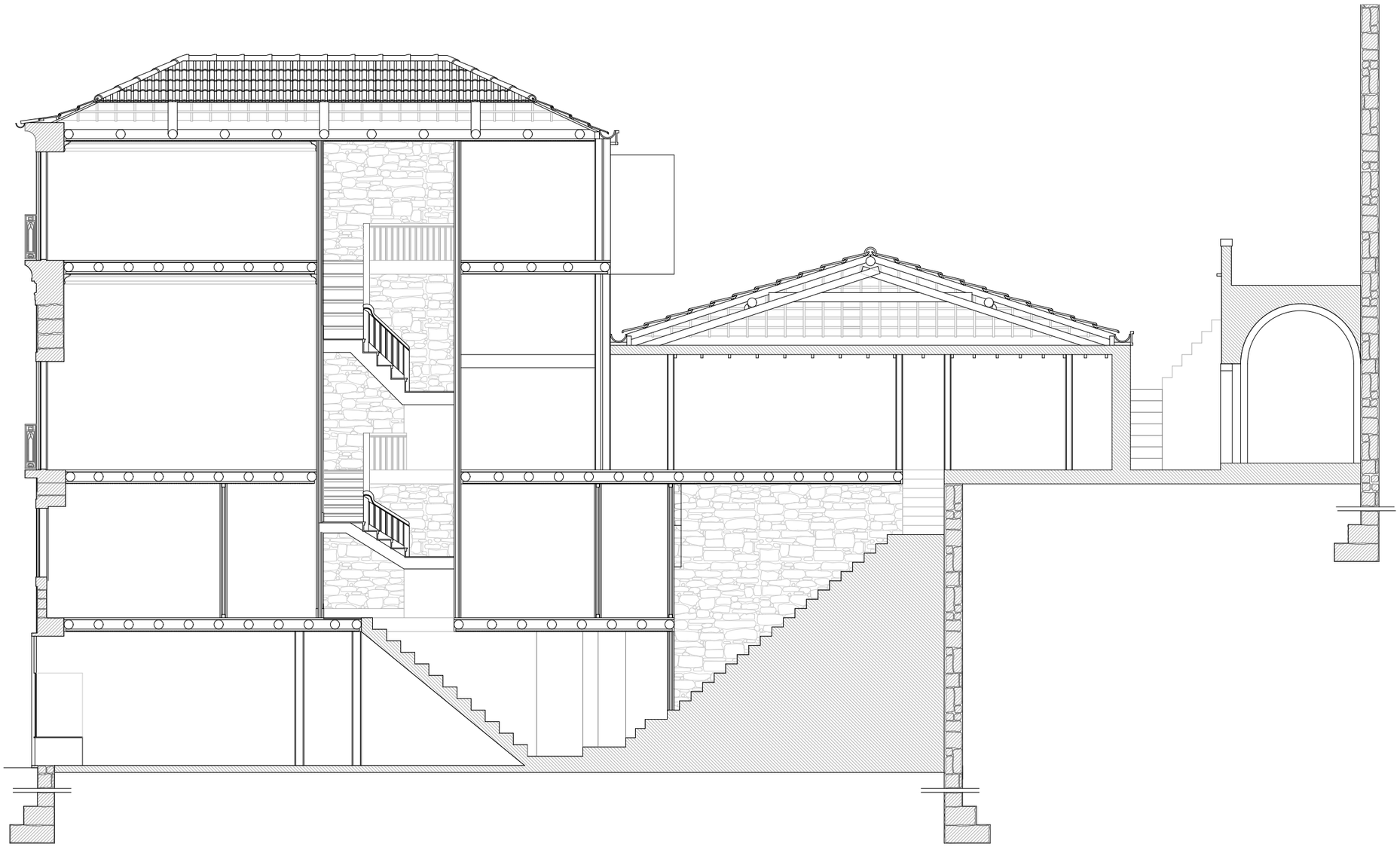
Corte tranversal AA'

Escala 1 100



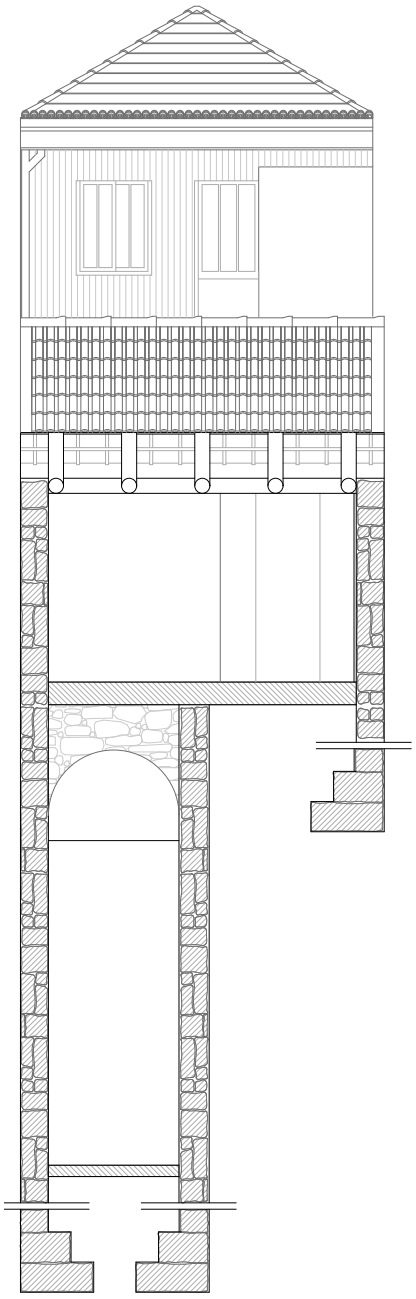
Corte tranversal BB'

Escala 1 100



Corte longitudinal DD'

Escala 1 100



Corte tranversal CC'

Escala 1 100

II.III. PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

> *"Há certos temas que apetece tratar com uma frase de cinco linhas porque sendo a questão tão extensa e complicada, e com tantas implicações culturais, para ser completo, e ser completo é desde já uma ilusão, se deveriam, talvez, escrever centenas de páginas só para registar o «estado da arte». E foram tantas já escritas sobre o tema do património (…) que nos fica a tentação de ensaiar a grande síntese que opere a substituição do conhecimento e reflexão acumulados por uma simples e lapidar frase que reduza tudo ao essencial e cujo conteúdo passe a fazer parte do conhecimento vulgar, integrável subconscientemente no chamado senso comum."* [28]

28. Alexandre Alves Costa, "*O Património entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida da Intimidade" in JA*, Jornal do Arquitectos n.º213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Nov./Dez. 2003, pág. 7

Considerando que a presente dissertação tem como tema de trabalho a intervenção numa casa burguesa portuense, revelou-se pertinente, aprofundar o conhecimento sobre as diversas formas de atuação, no património edificado, que têm vindo a ser ensaiadas. Este estudo procura estabelecer uma base teórica sólida, garantindo que a abordagem adotada ao longo da investigação seja crítica, fundamentada e coerente. Para isto, recorreu-se a diferentes autores e correntes de pensamento que se consideraram relevantes, permitindo consolidar uma compreensão abrangente das estratégias de intervenção e dos princípios que orientam a prática da reabilitação, no âmbito da arquitetura.

Como complemento da reflexão teórica, será ainda apresentado, um estudo comparativo de três exemplos de reabilitação em edifícios semelhantes ao caso de estudo. O objetivo é identificar eventuais soluções correntes, divergentes e inovadoras, bem como avaliar os seus impactos espaciais, funcionais e formais. Pretende-se que a análise destes casos funcione como referência prática oferecendo elementos críticos para a definição de estratégias de projeto coerentes com o contexto histórico e urbano da casa burguesa portuense.

II.III.I. RESTAURO E REABILITAÇÃO

A noção de património foi sofrendo alterações no seu significado ao longo do tempo, continuando a *"alterar-se em conformidade com as diferenças de cultura, políticas, sociais e económicas que separam épocas, países e regiões, e que se sucedem inerentes aos desenvolvimentos dos processos históricos"*. [29] Assim, este conceito, passou a incluir diferentes expressões que transmitem valores que permitem ligar a sociedade ao seu passado, reforçando a memória e identidade coletiva.

Existiu, desde cedo, uma grande admiração e respeito pelas criações dos antepassados, criando uma consciência de proteção, que foi sofrendo uma evolução até aos dias de hoje.

> *"... é, sem dúvida, vergonhoso não poupar as obras dos antigos, nem respeitar as vantagens de que os cidadãos usufruem, acostumados aos lares dos seus antepassados; pelo que, destruir, demolir e arrasar completamente o que quer que seja, em qualquer parte, deve ser uma opção a pôr de lado, sempre."* [30]

No entanto, embora não sendo recente esta preocupação pelo edificado existente e pela recuperação de valores do passado, só no século XVIII, como consequência das destruições provocadas pela Revolução Francesa, surgem as primeiras iniciativas de salvaguarda dos monumentos.[31] É nesta altura que a questão da intervenção em edifícios antigos se coloca como um problema cultural, coincidindo com o surgimento da própria noção de património histórico. [32]

A partir dos anos 50 do século XX, com as consequências causada pela II Guerra Mundial, houve uma prioridade para a reconstrução, levando à destruição e descaracterização de inúmeros edifícios. Nesse contexto, começaram a surgir medidas de salvaguarda do património arquitetónico, afirmando-se a ideia de que a operação de restauro *"destina-se a preservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos e baseia-se no respeito pelos materiais originais e por documentos autênticos", consistindo numa "operação altamente especializada".* [33]

Para a realização desta intervenção devem ainda ser considerados todos os elementos destinados a substituir as partes inexistentes, distinguindo-se sempre das originais e respeitando a sua localização [34] a fim de que *"o restauro não falseie o significado artístico ou histórico".* [35]

29. CHOAY, Françoise. *Património e mundialização.* Tradução de Paula Seixas. Lisboa: Licorne, 2005, pág. 9

30. ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte edificatoria.* Tradução de Arnaldo Espírito Santo e Mário Krüger. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, pág. 233.

31. CHOAY, Françoise. *A alegoria do património.* Lisboa: Edições 70, 2008, 3ª edição, pág. 13

32. COSTA, Alexandre Alves. *O Património entre a Aposta Arriscada e a Confidência Nascida da Intimidade*. JA, Jornal do Arquitectos n.º213. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Nov./Dez, 2003, pag 8

33. ICOMOS. *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios (Carta de Veneza)*. Veneza, 1964. Artigo 9º, pág. 2

34. *Ibidem*, pág. 3

35. *Ibidem*, pág. 2

A questão de que *"o património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes, mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído."* [36], revela-se também um tema importante para o desenvolvimento desta dissertação, por ser onde se enquadra o conjunto das casas burguesas portuenses, estudadas no capítulo anterior.

> *"Património tornou-se, deste modo, numa categoria aberta, não só a assimilação de novos conteúdos, configurações e significados, mas também a reestruturação dos consolidados pela tradição, sendo hoje atribuída a formas particulares de arquitectura (erudita, popular e corrente) …"* [37]

A partir dessa perspetiva, surge o conceito de *"conservação integrada"*, uma abordagem desenvolvida como resposta à necessidade de intervenção em edifícios correntes que, embora não fossem classificados como monumentos, carregavam consigo a história, a cultura e a identidade de determinada região, sendo exemplo *"os centros degradados das grandes cidades e ao mesmo tempo as aldeias abandonadas".* [38]

Isto permitia que estes edifícios mantivessem *"a sua função em condições dignas e adequadas aos requisitos actuais, preservando ao mesmo tempo os elementos de interesse cultural – a este novo tipo de intervenção chamou-se reabilitação."* [39]

Assim, propunha-se a adaptação dessas edificações às novas exigências da sociedade contemporânea, sem que se perdessem os seus valores arquitetónicos e culturais, promovendo-se, ao mesmo tempo, uma atualização do desempenho funcional desses espaços.

Esta reflexão sobre as diferentes formas de intervenção no património mostra que a reabilitação vai além da conservação ou restauro, assumindo-se como uma estratégia de continuidade histórica, cultural e social.

Em suma, considera-se essencial distinguir o fundamental do acessório: conservar sempre que possível, reparar quando necessário e substituir apenas o que não pode ser recuperado, estabelecendo um diálogo equilibrado entre materiais tradicionais e soluções contemporâneas. Assim, no caso da reabilitação do caso de estudo, o objetivo será respeitar o passado enquanto se projetam soluções adequadas às exigências do presente.

36. CONSELHO DA EUROPA. *Carta Europeia do Património Arquitetónico*. Amsterdão, 1975. Artigo 1º, pág. 2

37. CÂMARA, Alexandre Gago da; COSTA, Alexandre Alves. *Apresentação: Que Patrimónios para o Século XXI?* in: CHOAY, Françoise. *Património e Mundialização.* Tradução de Paula Seixas. Lisboa: Licorne, 2005, pág. 10

38. *CONSELHO DA EUROPA.* Carta Europeia do Património Arquitetónico. Amsterdão, 1975. Artigo 7º, pág. 3

39. PINTO, Ana. *Conceitos e políticas europeias de reabilitação urbana: Análise da experiência portuguesa dos Gabinetes Técnicos Locais.* 2009. Volume I. Universidade Técnica de Lisboa, pág. 83

II.III.II. ESTUDO COMPARADO DE REFERÊNCIAS

Para realizar uma escolha criteriosa das referências a serem estudadas, consideraram-se circunstâncias de intervenção comuns que se relacionassem de maneira significativa com o caso de estudo – o n.º 169 na Rua das Flores. A seleção com base nessas circunstâncias visou garantir a pertinência das referências no contexto da reabilitação arquitetónica, estabelecendo critérios que pudessem orientar a análise de projetos similares.

Os elementos comuns considerados refletem as características essenciais do objeto de estudo, nomeadamente:

- Tratar-se de uma casa burguesa do Porto, com características arquitetónicas e históricas desse tipo de edificação.

- O edifício ter sido alvo de uma obra de reabilitação já concluída, proporcionando um exemplo concreto de intervenção arquitetónica.

- O programa do edifício estar ligado à habitação plurifamiliar, seja de carácter temporário ou permanente, com ou sem comércio.

- A intervenção respeitar, parcial ou integralmente, os elementos definidores da casa burguesa portuense, preservando a sua identidade arquitetónica.

Partindo do critério definido, a pesquisa foi estruturada de modo a abranger obras que evidenciassem diferentes estratégias de intervenção no contexto da reabilitação, tanto ao nível do processo de desenho como na resolução de problemáticas específicas associadas a este tipo de operação. Selecionaram-se, assim, quatro abordagens conceptualmente distintas, capazes de informar o desenvolvimento do projeto do edifício em estudo.

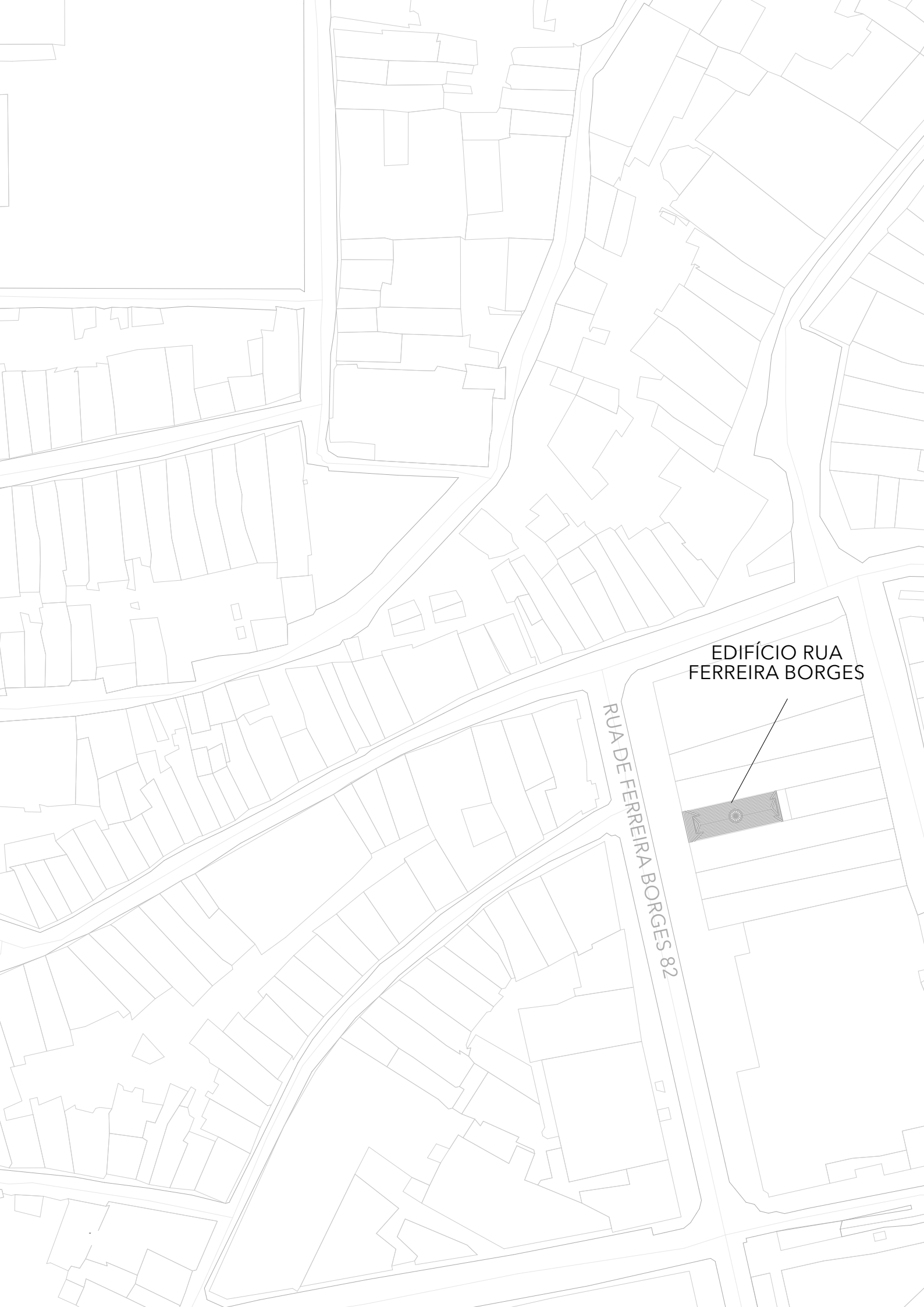
O primeiro caso corresponde a uma intervenção de carácter mais tradicional, pouco transformadora, que privilegia a preservação dos elementos originais, adaptando-os às exigências contemporâneas, mantendo a integridade arquitetónica e histórica da construção.

A segunda abordagem incide na reinterpretação da casa burguesa, preservando as suas características essenciais, mas reformulando profundamente o interior, em articulação com a manutenção de uma fachada representativa da época.

O terceiro caso corresponde a uma intervenção de carácter mais transformador, próxima de uma obra de raiz, implantada num lote originalmente ocupado por uma casa burguesa. Apesar das alterações significativas que foram introduzidas, a proposta procura evocar a casa burguesa portuense através da manutenção de referências formais, espaciais e de linguagem associadas à sua tipologia original.

Por fim, para além dos casos que se enquadram diretamente na categoria de estudo, analisou-se um edifício de referência, selecionado pela pertinência da sua abordagem e pela reflexão sobre a adaptação funcional que proporciona.

Assim, as obras selecionadas constituem um reportório diversificado de estratégias de intervenção, pensado como instrumento crítico para o desenvolvimento do projeto de reabilitação do caso de estudo. A análise de obras que partem, respetivamente, de uma lógica de preservação quase integral, de uma estratégia de reinterpretação da casa burguesa e de uma intervenção de carácter mais transformador, permite refletir sobre diferentes modos de equilibrar o respeito pelo património com a necessária atualização funcional e material do edifício.


EDIFÍCIO RUA
FERREIRA BORGES
RUA DE FERREIRA BORGES 82

EDIFÍCIO RUA FERREIRA BORGES - Ascoral Arquitectos

Uso anterior à intervenção – Habitação Plurifamiliar
Uso Proposto – Habitação Temporária (Alojamento Local)
Tipo de Intervenção – Reabilitação
Estado de Conservação – Parcialmente habitado e bastante degradado

O edifício localizado no n.º 82, da Rua Ferreira Borges, no Centro Histórico do Porto, possui elevado valor patrimonial, integrando o quarteirão do antigo Convento de São Domingos e preservando vestígios da cidade medieval, visíveis tanto nos limites do lote como em elementos pré-existentes, nomeadamente a capela situada no piso térreo. [45]

Em 2005, surgiu o interesse do proprietário em rentabilizar o imóvel, através da sua adaptação a alojamento para estudantes. Para esse efeito, o Atelier Ascoral Arquitectos desenvolveu um projeto baseado na compartimentação do edifício em pequenos estúdios. Com o crescimento do turismo na cidade, o programa foi posteriormente adaptado para habitação temporária, sem que tal implicasse alterações significativas à solução arquitetónica inicial. À data da intervenção, o edifício encontrava-se num avançado estado de degradação, apresentando diversas patologias associadas a deficiências na cobertura e infiltrações de água.

O edifício organiza-se em cinco pisos.[50] O rés-do-chão é destinado a espaço comercial, enquanto os quatro pisos superiores acolhem unidades de habitação temporária. O acesso aos fogos é feito através de uma escada central. Existem dois apartamentos T0 por piso nos três níveis intermédios. Os dois últimos pisos configuram-se como uma exceção, integrando dois apartamentos T1+1 em tipologia duplex, resultantes da articulação entre o último piso e o aproveitamento do espaço disponível no último piso.

No que respeita aos pisos tipo, a estratégia projetual centrou-se na preservação da escala e dos elementos caracterizadores da casa burguesa, não apenas ao nível estrutural, mas também através da conservação de cantarias, rodapés, pavimentos em madeira e tetos trabalhados. [46]

A organização interior dos apartamentos é estruturada a partir de um volume autónomo em gesso cartonado, com estrutura metálica reforçada, que concentra as funções técnicas — cozinha, instalação sanitária e arrumação. Sobre este volume, acessível através de degraus,



[45]



[46]



[47]



[48]



[49]



[50]

[45]

Vestígios da capela pré-existente

[46]

Conservação dos tetos trabalhados

[47]

Caixa de escadas central

[48]

Volume autónomo que organiza o espaço

[49]

Clarabóia

[50]

Alçado e corte longitudinal

desenvolve-se a zona de dormir, solução viabilizada pela manutenção dos pés-direitos originais. Este elemento não toca no teto, funcionando como peça independente que organiza o espaço, valoriza os elementos construtivos existentes e permite a continuidade visual e a transversalidade da luz natural. [48]

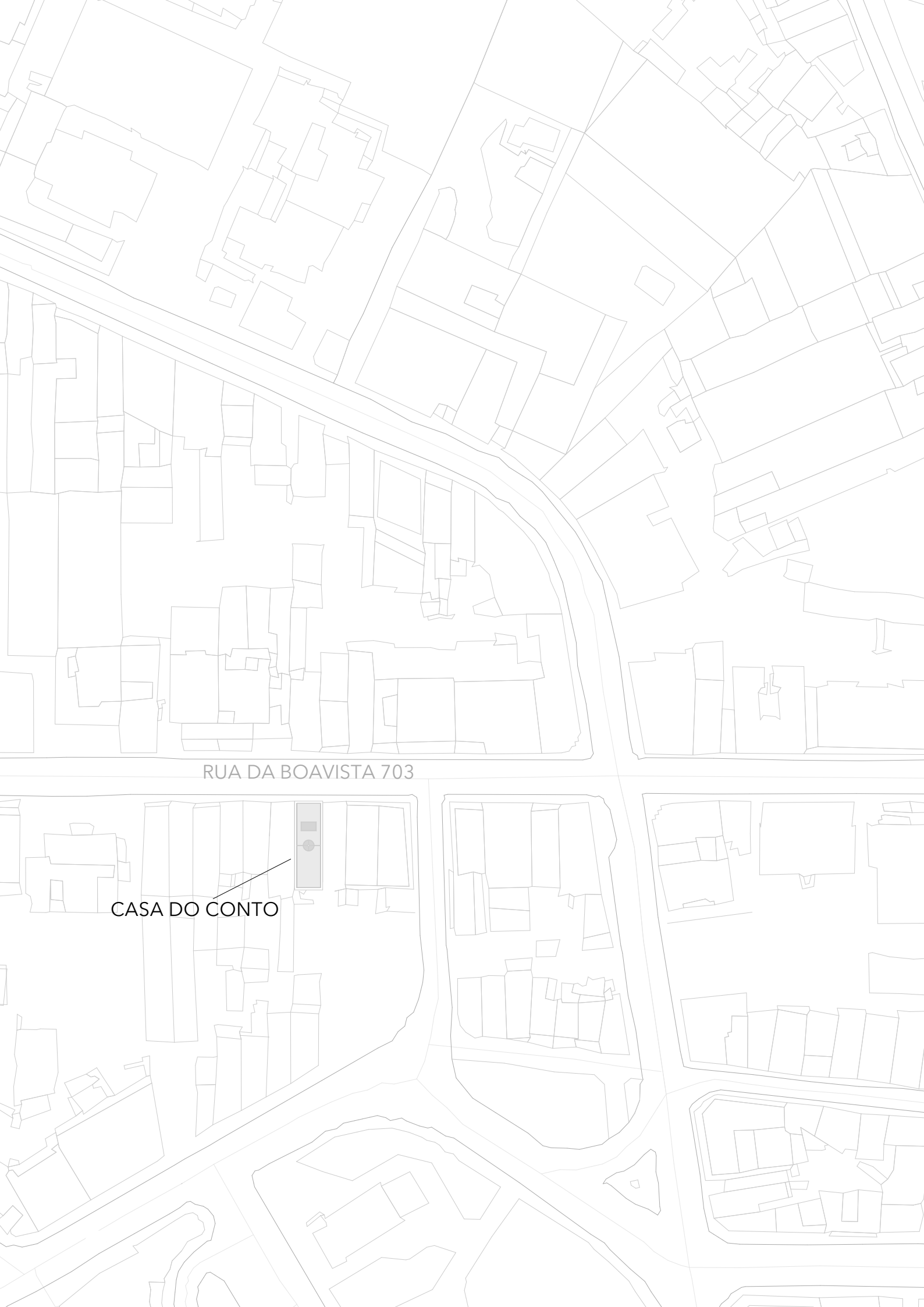
A caixa de escadas foi mantida, sendo alvo de intervenções pontuais de recuperação nos elementos degradados, preservando o seu desenho original bem como o posicionamento e as cotas associadas às lajes existentes. Esta opção garantiu a continuidade da estrutura espacial da casa burguesa sem introduzir alterações significativas ao sistema construtivo. [47]

Ao nível das fachadas, a principal foi objeto de um restauro integral, incluindo a reposição de azulejos em falta e a recuperação das cores originais. Na fachada tardoz, por sua vez, introduziram-se vãos de maior dimensão, de linguagem contemporânea, com o objetivo de potenciar a entrada de luz natural através do saguão.

As caixilharias foram substituídas por réplicas das pré-existentes, agora dotadas de vidro duplo, assegurando a preservação do desenho do alçado e, simultaneamente, uma melhoria do desempenho térmico do edifício.

A intervenção incorpora ainda uma leitura consciente da memória do lugar, visível em diversos elementos interiores, como lareiras em alvenaria de pedra à vista, arcos, superfícies em alvenaria não rebocada que revelam a materialidade das paredes, ou o reaproveitamento de pedras de tonalidade escura, marcadas pelo incêndio do antigo convento, bem como a utilização de azulejos.

No seu conjunto, a intervenção caracteriza-se por uma abordagem pouco invasiva que, ao mesmo tempo que resolve as patologias existentes e melhora as condições de conforto e habitabilidade, preserva os elementos originais e mantém viva a identidade histórica do edifício no contexto urbano do Porto.


RUA DA BOAVISTA 703
CASA DO CONTO

CASA DO CONTO - Pedra Líquida

Uso anterior à intervenção – Habitação Plurifamiliar
Uso Proposto – Alojamento local e Espaço Artístico ('Arts and Residence')
Tipo de Intervenção – 1ª fase (2008-2009) – Restauro; 2ª fase (2009-2011) - Reconstrução do interior
Estado de Conservação – 1ª fase – Não habitado e em bom estado; 2ª fase – Ruína

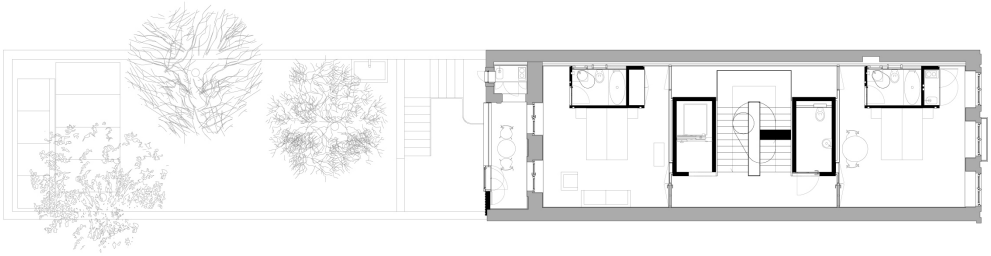
A designada Casa do Conto localiza-se na Rua da Boavista, uma das mais importantes vias da cidade do Porto, marcada por um forte legado histórico visível tanto na sua implantação urbana como no tratamento das fachadas. Embora situada fora do perímetro do Centro Histórico, a Rua da Boavista assume um papel estruturante na malha urbana da cidade.

Originalmente, o edifício correspondia a uma residência burguesa unifamiliar, apresentando as características típicas desta tipologia. Com o passar do tempo, foi alvo de uma adaptação para habitação plurifamiliar, através de intervenções pontuais e pouco qualificadas, resultantes de necessidades funcionais imediatas.

Em 2008, o atelier Pedra Líquida adquiriu o edifício com o objetivo de o transformar num alojamento local de carácter inovador, conciliando a função de residência temporária com atividades de natureza cultural, e procurando preservar a memória do espaço através da reutilização de elementos preexistentes. Contudo, poucos dias antes da inauguração, um incêndio destruiu integralmente o interior do edifício, subsistindo apenas a fachada, ainda que danificada.

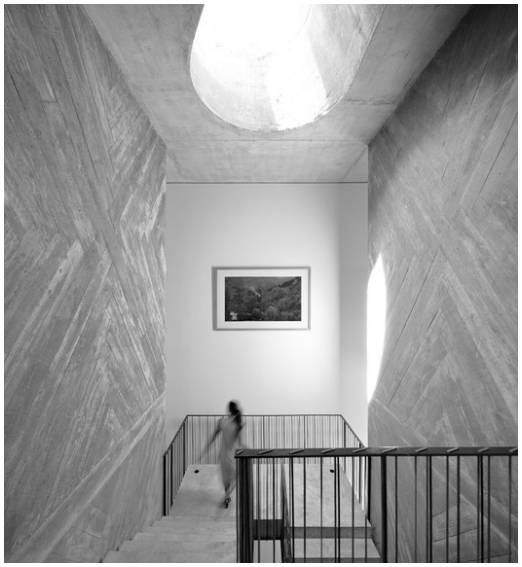
Este acontecimento impôs uma reformulação profunda da estratégia de intervenção, colocando como desafio central a preservação da memória da casa sem recorrer à sua reconstrução literal. A resposta materializou-se numa abordagem conceptual designada pelos autores como uma "arquitetura fóssil", na qual o novo edifício evoca de forma abstrata a estrutura, a materialidade e a decoração da construção preexistente.

Para esse efeito, recorreu-se ao betão aparente, moldado a partir de técnicas e referências construtivas tradicionais, como os ripados de madeira associados às paredes de tabique e as chapas onduladas dos revestimentos. Estes elementos são aplicados em zonas estruturantes do edifício, como a caixa de escadas central, a fachada tardoz e a claraboia oval que ilumina o núcleo interior, estabelecendo um diálogo entre tradição construtiva e linguagem contemporânea. [52] [54]



[51]

[51] Planta Piso Tipo



[52]

[52] Escada de distribuição com clarabóia



[53]

[53] Volume técnico no interior do quarto



[54]

[54] Alçado Tardoz

Importa sublinhar que, na transição entre a primeira vida do edifício (anterior ao incêndio) e a sua reconstrução, a principal transformação ocorre ao nível conceptual e não programático. O programa mantém-se, passando a operar-se sobre uma lógica de "memória sobre memória", onde diferentes camadas temporais se refletem na organização espacial. O número de apartamentos e equipamentos permanece inalterado, sendo redefinidos apenas na sua configuração e expressão espacial.

O edifício organiza-se em cinco pisos, distribuídos em duas frentes – uma voltada para a Rua da Boavista e outra para o logradouro. Os pisos do rés-do-chão e do piso inferior, com acesso ao espaço exterior, são destinados a funções de carácter mais público, integrando áreas comuns e espaços associados a atividades culturais e artísticas. Os pisos superiores acolhem seis apartamentos T0, todos distintos entre si, valorizados pelas suas características espaciais específicas.

Apesar da uniformidade tipológica, cada unidade apresenta soluções singulares, refletindo-se também no seu valor comercial. Um elemento comum a todos os apartamentos é a introdução de um volume técnico, onde se concentram as infraestruturas, integrando a casa de banho e um pequeno espaço de cozinha oculta, destinada à preparação de refeições ligeiras.[53]

Embora o incêndio tenha provocado a destruição quase total do edifício, a intervenção procurou preservar a identidade da antiga casa burguesa, reconhecendo simultaneamente que este acontecimento possibilitou uma nova vida ao edifício. Esta condição permitiu o redesenho de elementos fundamentais, como o núcleo de acessos, dar uma nova dimensão aos quartos e o aproveitamento do último piso, anteriormente condicionado pela inclinação da cobertura, agora reinterpretado com maior liberdade espacial.

A fachada principal foi integralmente preservada e recuperada, desempenhando um papel determinante na leitura urbana do edifício. A intervenção respeita o ritmo e a posição dos vãos originais, reproduzindo o desenho das caixilharias, agora com vidro duplo, assegurando melhores condições de desempenho térmico.

No seu conjunto, esta intervenção afirma-se como uma reconstrução crítica, que não procura restaurar, renovar ou copiar o passado, mas antes construir uma nova identidade arquitetónica, onde as marcas e cicatrizes da história permanecem legíveis, evocando a memória da casa burguesa portuense através de uma linguagem contemporânea.


EDIFÍCIO RUA
MIGUEL BOMBARDA
RUA DE MIGUEL BOMBARDA 260

EDIFÍCIO RUA MIGUEL BOMBARDA - Paula Santos

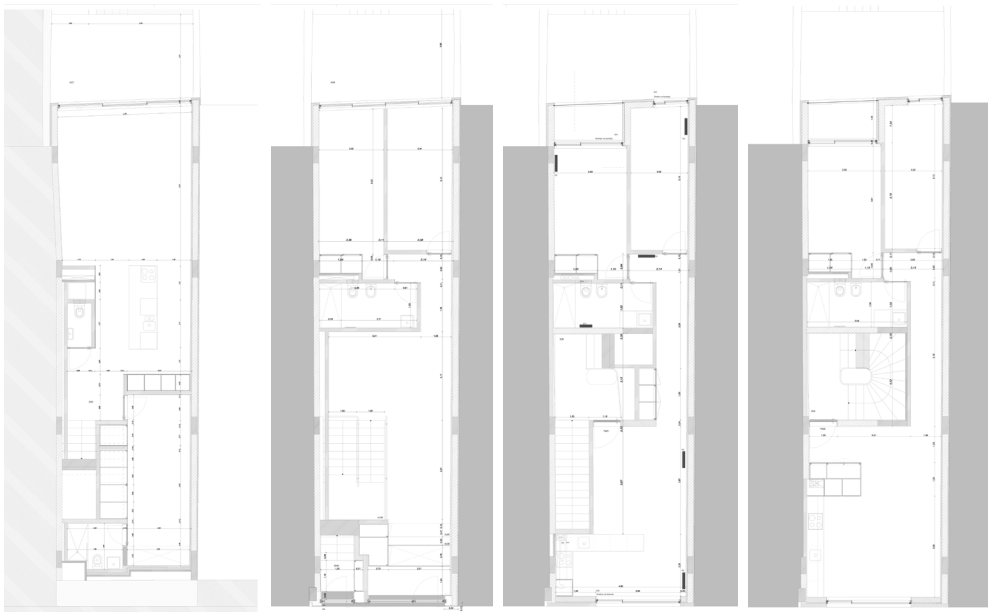
Uso anterior à intervenção – Habitação Plurifamiliar
Uso Proposto – Habitação Temporária
Tipo de Intervenção – 1ª fase (? - 2010) – Reabilitação; 2ª fase (2013-2014) – Construção de Raiz
Estado de Conservação – Devoluto

O n.º 260 da Rua Miguel Bombarda localiza-se fora dos limites do Centro Histórico do Porto e foi projetado pela arquiteta Paula Santos. Ao contrário dos casos anteriormente analisados, esta intervenção não assenta na reabilitação de uma estrutura histórica preservada, apesar de o edifício preexistente, mesmo devoluto, apresentar boas condições de conservação. Trata-se, por isso, de uma intervenção de carácter mais radical.

O edifício conheceu duas fases distintas. Numa primeira, correspondia a uma habitação burguesa portuense, inserida na tipologia unifamiliar. Posteriormente, após a sua aquisição por um particular com a intenção de o restaurar e converter em habitação plurifamiliar, a preexistência acabou por ruir, impondo a necessidade de formular uma nova estratégia de projeto. Este acontecimento conduziu a uma construção de raiz, transformando o processo num exercício de (re)desenho da casa burguesa.

Implantado num lote estreito e profundo, com cerca de cinco metros de largura, o edifício beneficia da existência de um logradouro com um desnível equivalente a um piso em relação à rua, condição que origina duas frentes com características distintas: uma mais exposta, voltada para a Rua Miguel Bombarda, e outra mais resguardada, orientada para o espaço posterior. Apesar de se localizar numa área com menor valor patrimonial, a proposta procura integrar-se no contexto urbano e reinterpretar princípios fundamentais da casa burguesa portuense.

O redesenho do edifício baseia-se na reinterpretação, através de técnicas contemporâneas e novos materiais, de elementos estruturantes da tipologia tradicional, como a escada central iluminada por claraboia, as entradas independentes e a composição do alçado principal. A opção por materiais como o betão aparente e os painéis pré-fabricados de betão resulta da procura por maior rigor construtivo e qualidade de execução, estabelecendo um diálogo claro entre memória tipológica e linguagem contemporânea.



[55]

[55]
Plantas da intervenção









[56]

[56]
Fotografias do alçado principal e tardoz antes e depois da intervenção

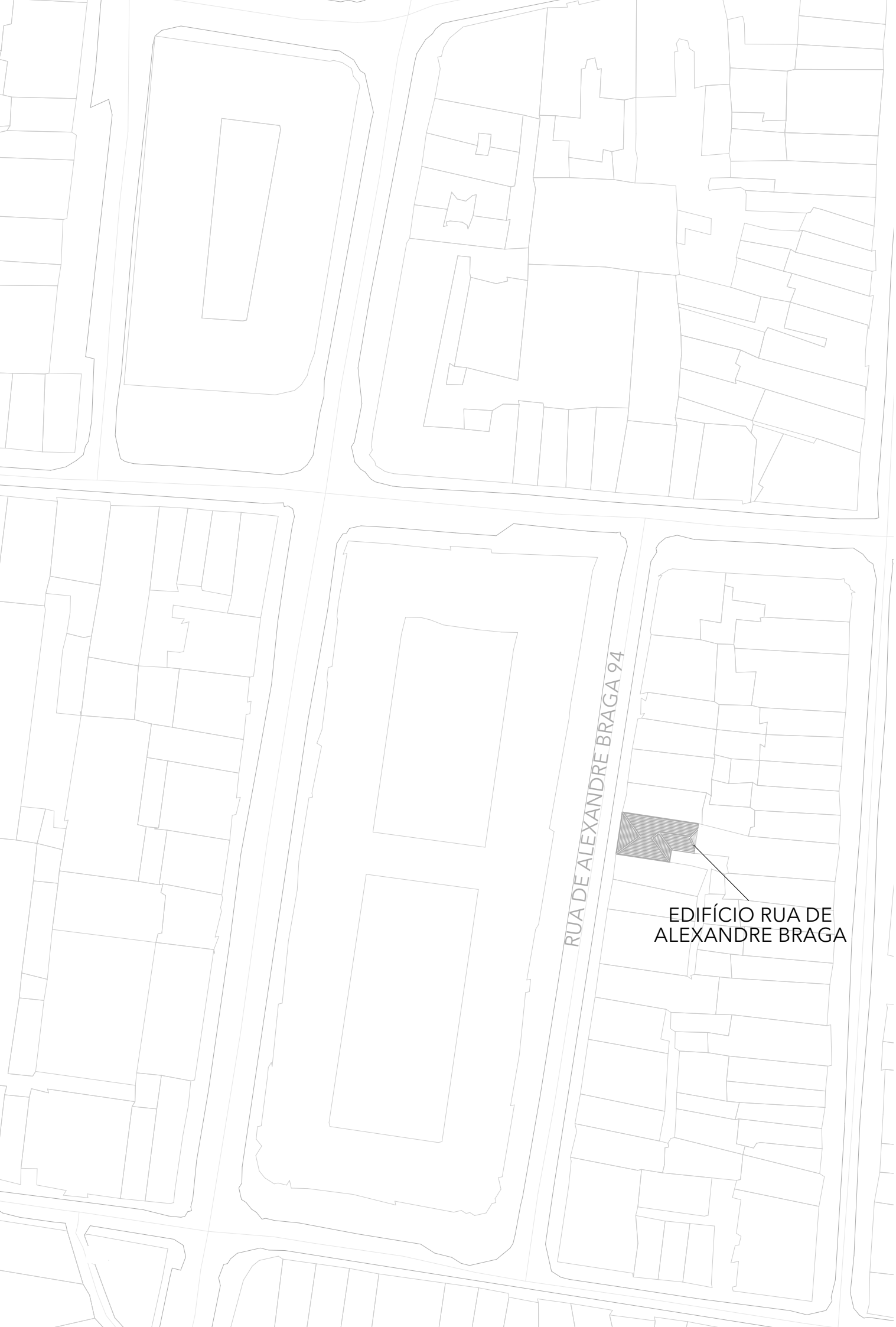
No que respeita ao programa, o edifício assume uma organização plurifamiliar distribuída por cinco pisos. O rés-do-chão e o piso inferior, ambos com acesso direto ao logradouro e entradas independentes, acolhem uma habitação permanente em tipologia T2+1, configurada em duplex. Os pisos superiores destinam-se a alojamento temporário, com acesso autónomo a partir da rua e circulação vertical comum iluminada por uma claraboia.

Os três pisos superiores correspondem a apartamentos de tipologia T2, cada um ocupando um piso completo e beneficiando das duas frentes do edifício. Os espaços de carácter mais público, como salas e cozinhas, orientam-se para a Rua Miguel Bombarda, enquanto os espaços privados — quartos e instalações sanitárias — se voltam para o logradouro, mais resguardado. Esta organização é viabilizada pela supressão do patamar intermédio da escada de distribuição, desenhada em semicaracol, permitindo a criação de um corredor interior que articula de forma eficiente as diferentes zonas do fogo.

Ao nível da fachada, o projeto respeita as cotas do edifício preexistente, mas reinterpreta a sua expressão formal através de uma linguagem contemporânea. Os antigos elementos em cantaria e os vãos estreitos são substituídos por grandes vãos envidraçados integrados em painéis pré-fabricados de betão.[56] Esta opção procura redefinir o papel da fachada enquanto elemento identitário, capaz de dialogar com a envolvente urbana, respeitando alinhamentos e potenciando a entrada de luz natural no interior.

Apesar de se tratar de uma construção de raiz, o projeto mantém uma relação clara com a tipologia da casa burguesa, não através da cópia, mas pela interpretação crítica dos seus princípios espaciais e urbanos. A memória do edifício que existiu é trabalhada a partir do lote e da lógica de ocupação, transformando-se num novo objeto arquitetónico com identidade própria.

Assim, a obra pode ser entendida como resultado de duas vidas distintas: uma primeira enquanto casa burguesa portuense e uma segunda, após o colapso, na qual a casa burguesa é reimaginada para responder às exigências contemporâneas. Esta dualidade traduz um processo arquitetónico que valoriza simultaneamente a memória histórica e a reinvenção funcional, constituindo um bom caso de estudo de intervenção radical baseada na reinterpretação, e não na réplica, da casa burguesa.


RUA DE ALEXANDRE BRAGA 94
EDIFÍCIO RUA DE
ALEXANDRE BRAGA

EDIFÍCIO RUA ALEXANDRE BRAGA - CEFA-UP

Uso anterior à intervenão – Habitação Plurifuncional
Uso Proposto – Habitação Plurifuncional
Tipo de Intervenção – Reabilitação
Estado de Conservação – Bom estado de conservação com alguns sinais de degradação dos materiais e de anomalias provenientes da falta de manutenção.

O edifício localizado no nº. 94, da Rua de Alexandre Braga, no Porto, é um exemplo relevante de reabilitação arquitetónica que alia preservação patrimonial e modernização funcional. O projeto de reabilitação da autoria da equipa do CEFA-UP (Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto), constituída pelos arquitetos Francisco Barata Fernandes, Nuno Valentim e José Luís Gomes, mereceu reconhecimento, tendo-lhe sido atribuído o Prémio João de Almada, em 2014, pela abordagem cuidada e respeito pela identidade histórica do edifício.

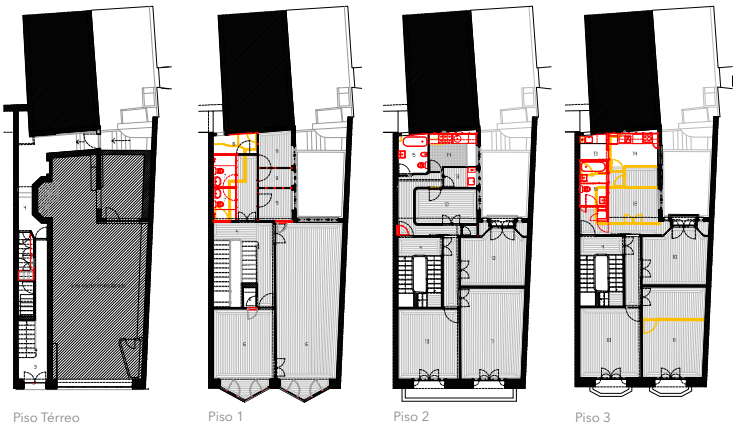
A escolha desse edifício, embora não se enquadre diretamente na categoria de estudo definida, assume-se como uma referência pertinente pela forma como articula uma reabilitação discreta e atenta com a preservação de um edifício singular na sua qualidade espacial, sistema construtivo e desenho da própria fachada. Aliado a estas características, existe uma integração de comércio, escritórios e habitação que se revela pertinente para a compreensão da organização independente dos acessos e da relação entre frações autónomas e espaços comuns.

A construção pertence à Fundação Instituto Marques da Silva (FIMS) e foi originalmente projetada pelo arquiteto José Marques da Silva, em 1923. Até à sua construção, em 1928, foram feitas alterações ao projeto inicial, nomeadamente em relação à composição do seu alçado. Inicialmente pensado com uma composição próxima da tipologia portuense, "*mas com uma profusão de elementos decorativos*" [40] , o desenho do alçado foi-se aproximando ao atual através da reformulação das fachadas e pela incorporação do betão, assumindo-o como material de acabamento.

Marques da Silva realizou neste edifício uma reinterpretação do sistema construtivo tradicional da casa burguesa portuense incorporando "v*igas em betão em forma de "T" invertido que reforçam a estrutura principal*" [41], mantendo a madeira como elemento estrutural secundário e a pedra nas paredes de meação.

40. *Memória descritiva e histórica do edifício*. Informação cedida por Nuno Valentim Arquitetura. Maio 2025

41. *Ibidem*



[57]
Plantas de Vermelhos e Amarelos



[58]
Fotografias da obra antes e depois da intervenção

A reabilitação do edifício foi impulsionada pelo "*interesse da FIMS em preservar um edifício de importantes características arquitetónicas, mantendo o seu programa/uso original com uma viabilidade económica apoiada no arrendamento de fracções.*" [42]

42. *Ibidem*

O projeto de reabilitação baseou-se na realização de pequenos ajustes funcionais nos escritórios do primeiro piso, que resultaram da integração de sanitários e zonas de arrumos na parte posterior, voltada para o pátio. Quanto às habitações, no terceiro e quarto pisos, houve uma reorganização interior da cozinha, lavandaria, sanitário e sala de refeições, também na zona voltada para o pátio.

A unidade habitacional do segundo piso foi restaurada, mantendo-se a sua configuração original, preservando o desenho concebido pelo arquiteto Marques da Silva e funcionando como testemunho histórico da edificação.[58]

A fachada principal, voltada para a rua, foi restaurada com o tratamento das anomalias existentes, preservando todos os revestimentos originais. Na fachada posterior, procedeu-se à introdução de isolamento térmico pelo exterior, sem alterações significativas ao seu desenho original.

No que respeita às caixilharias, o seu estado de conservação permitiu a recuperação da maior parte dos elementos, substituindo apenas as peças mais degradadas. As caixilharias exteriores, em ferro, no rés-do-chão, que haviam sido removidas e guardadas após a substituição por perfis de alumínio, foram igualmente restauradas e recolocadas.

A reabilitação deste edifício constitui um exemplo de como preservar a identidade arquitetónica sem comprometer a funcionalidade atual. A intervenção respeitou as características originais do projeto de 1923, assegurando simultaneamente a manutenção e o uso sustentável do edifício. Foi uma intervenção que conseguiu equilibrar memória e modernidade, valorizando o património local e assegurando uma continuidade do conceito original.

A análise das quatro referências evidencia que a intervenção sobre edifícios desta natureza, não se deve tratar como um exercício tipológico fechado mas como resultado de uma leitura crítica da memória, da estrutura e da lógica urbana que se pretende implementar. Apesar das diferenças de contexto, estado de conservação e grau de intervenção, todos os casos convergem numa recusa pela reprodução literal do passado e numa valorização da memória como matéria ativa do projeto.

Nos exemplos de intervenções menos transformadoras, como os edifícios da Rua Ferreira Borges e da Rua de Alexandre Braga, a permanência da estrutura e dos elementos construtivos originais contribuem para a preservação da identidade do edifício. A intervenção introduz adaptações funcionais precisas, demonstrando que a atualização programática pode coexistir com a preservação da casa burguesa enquanto conjunto espacial coerente.

Em contraste, a Casa do Conto e o edifício na Rua Miguel Bombarda transmitem que mesmo perante a perda total, ou parcial, da preexistência, é possível assegurar a continuidade histórica através da reinterpretação dos principais elementos caracterizadores desta tipologia. Nestes casos, a memória deixa de ser algo material para assumir um caráter conceptual, operando através da organização espacial, da centralidade da caixa de escadas, da relação entre frente urbana e tardoz e da hierarquia do programa proposto.

O confronto entre os casos analisados evidencia que o grau de preservação da preexistência não determina, por si só, a relação estabelecida com a memória do passado, tornando indispensável a adequação da resposta ao contexto específico de cada intervenção. Este entendimento orientou a elaboração da proposta de projeto para o edifício n.º 169 da Rua das Flores, sustentando uma abordagem que articula preservação e transformação, recusando soluções miméticas. O projeto resulta, assim, de uma leitura crítica da pré-existência, com base nas diferentes referências e tipos de intervenção, aplicada de forma específica ao lugar em que se insere.

III. FUTURO COMO CONTINUIDADE: A PROPOSTA

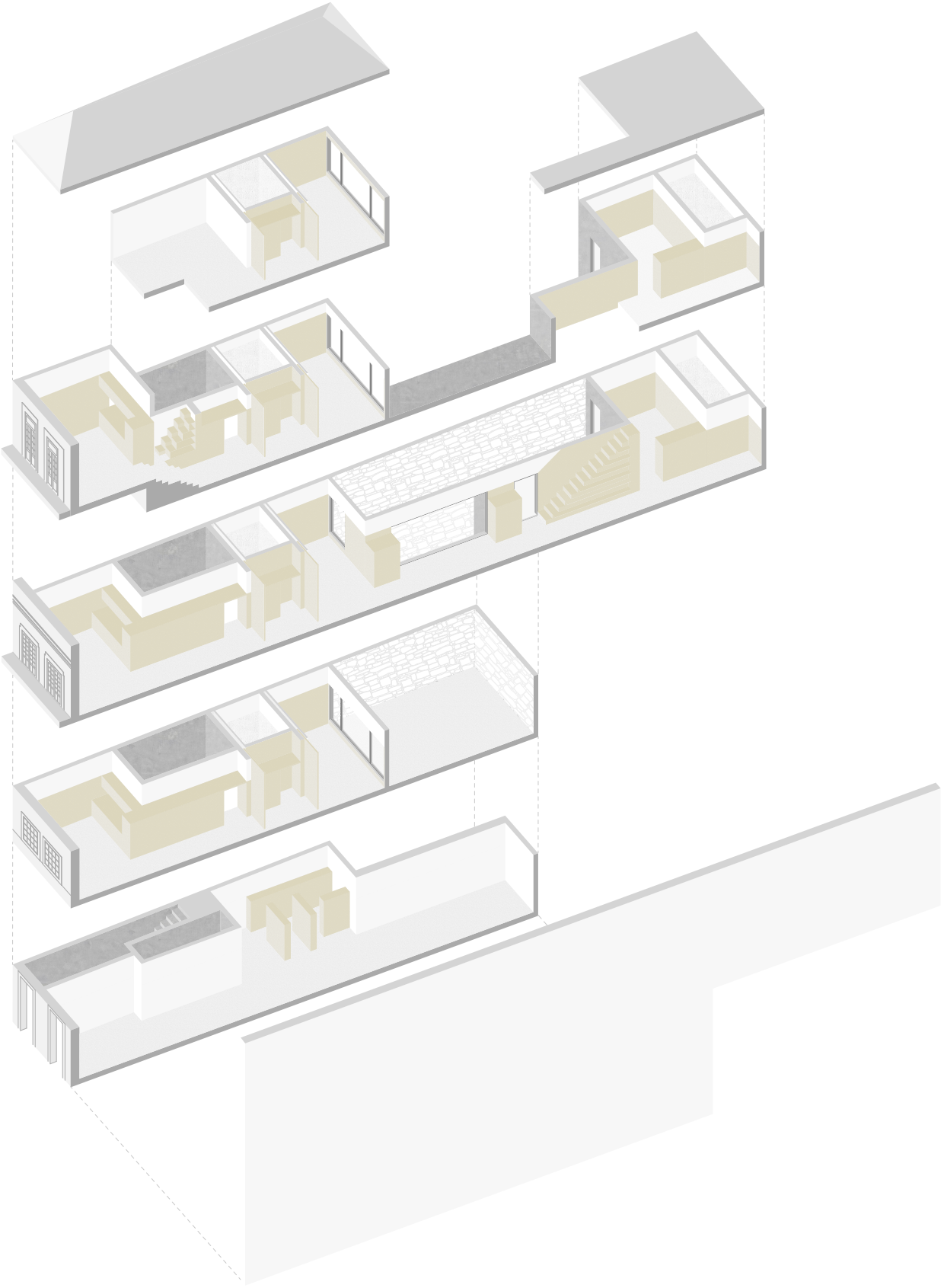
O terceiro capítulo sintetiza de forma estruturada o trabalho desenvolvido, articulando os momentos determinantes do processo e consolidando, de forma crítica, as opções que sustentam a proposta de intervenção.

Inicia-se com a apresentação do programa, enquanto resultado da análise crítica do edifício e das necessidades identificadas, constituindo ponto de partida para o desenvolvimento da proposta.

Num segundo momento, procede-se à apresentação da estratégias de projeto, procurando explicitar o processo que conduziu à definição da proposta final. São abordados os princípios orientadores da intervenção, as opções tomadas em relação à pré-existência e a relação que se estabelece entre antigo e novo.

Posteriormente, é apresentada a proposta de intervenção acompanhada dos respetivos elementos gráficos, onde se materializam as opções anteriormente tomadas.

Por fim, desenvolve-se a descrição das soluções contrutivas, esclarecendo a relação entre os sistemas construtivos existentes e os propostos para os diferentes elementos, estruturais e não estruturais, que constituem a intervenção, evidenciando as continuidades, adaptações e transformações introduzidas.



Axonometria explodida

III.I. DEFINIÇÃO DO PROGRAMA

A localização privilegiada do edifício, no centro histórico da cidade, constituiu um ponto de partida para o desenvolvimento da proposta de intervenção que se apresenta tendo como base o pedido feito pelo cliente. Com o objetivo de valorizar e rentabilizar o edifício, o programa passa por manter o carácter comercial do piso térreo, criando condições para que nele possa funcionar uma loja ou pequeno negócio tradicional, mantendo a relação direta do edifício com a rua, contribuindo para a continuidade da vivência pública e comercial que define esta zona.

Já nos pisos superiores, foi demostrado um interesse pela reconversão das várias áreas em habitação. O programa baseou-se na criação de três fogos do tipo T1, com cozinha, zona de refeições, sala de estar, quarto e um banho.

A organização de cada fogo foi desenvolvida em função das características específicas de cada piso, resultando em três soluções distintas. O primeiro piso configura-se como um T1, integrando um pequeno espaço exterior orientado a norte. O segundo piso assume-se como uma exceção, ao romper com os limites da implantação original, através da ocupação parcial do logradouro, com a construção de um novo volume que acolhe dois quartos. Já o terceiro piso, mantendo uma lógica distributiva semelhante à do primeiro, beneficia de um pé-direito duplo, que permite a introdução de um segundo nível que integra um quarto adicional e um pequeno espaço de atelier.



[59]

[59]
Maquete: Alçado principal para a Rua das Flores

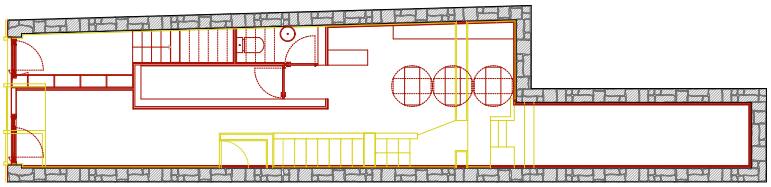
III.II. ESTRATÉGIAS DE PROJETO

Tendo por base o pedido feito pelo cliente, e o estudo aprofundado do edifício préexistente, o programa proposto permitiu estabelecer as bases para a construção de um conceito orientador da estratégia de intervenção. Desde o início, tornou-se claro que a operação projetual não poderia assumir-se como um restauro no sentido estrito, uma vez que o estado de conservação, a escala do edifício e as exigências do novo programa inviabilizavam uma reposição literal da configuração original. À semelhança da Casa do Conto, onde a memória é trabalhada por reinterpretação crítica e não por reposição formal, a intervenção afasta-se de uma lógica de reprodução do passado, assumindo antes uma postura de respeito e reinterpretação do edifício através da sua memória.

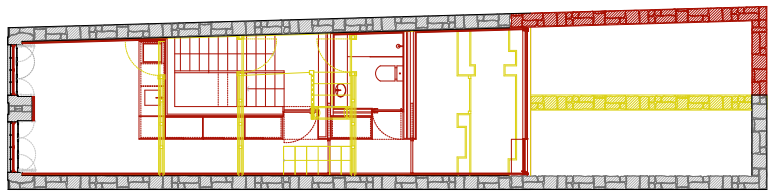
O processo projetual iniciou-se, assim, com uma leitura crítica da construção existente, procurando identificar os elementos essenciais a preservar, aqueles passíveis de adaptação e os que, pela sua natureza ou impacto negativo na organização espacial, deveriam ser eliminados. Esta análise permitiu clarificar o potencial real do edifício e definir um conjunto de operações capazes de compatibilizar as suas características com as exigências do novo programa.

A eliminação dos acrescentos construídos a norte da fachada tardoz revelou-se, desde o início, uma decisão evidente. A sua remoção permitiu restituir o volume original do edifício, recuperar a leitura formal da casa e reduzir a profundidade excessiva entre compartimentos interiores e fachada, potenciando a entrada de luz natural e melhorando as condições de ventilação.

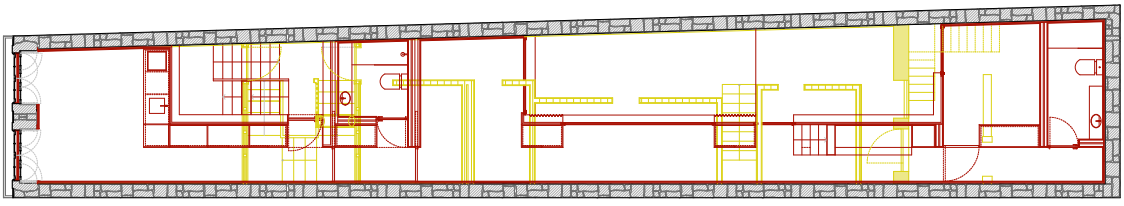
Paralelamente, a questão da caixa de escadas assumiu um papel central no desenvolvimento do projeto. A sua localização e configuração originais constituíam um constrangimento significativo à reorganização interior, originando áreas de reduzida dimensão e comprometendo as condições de conforto e habitabilidade. Apesar do seu valor enquanto elemento determinante na tipologia do edifício, a sua limitada escala e as exigências funcionais do novo programa tornaram inviável a sua manutenção.



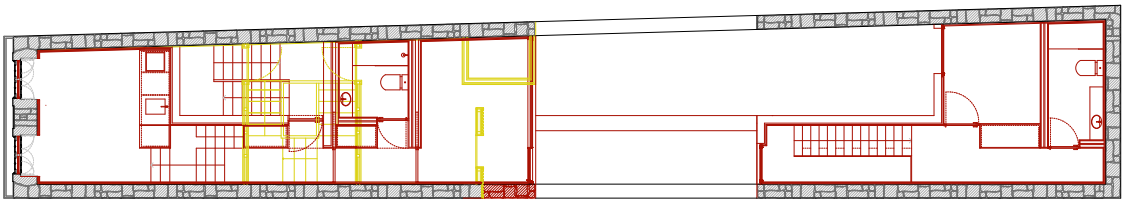
Piso 1



Piso 2



Piso 3



Piso 4

Manter
Construir
Demolir

Plantas de vermelhos e amarelos

Escala 1 200

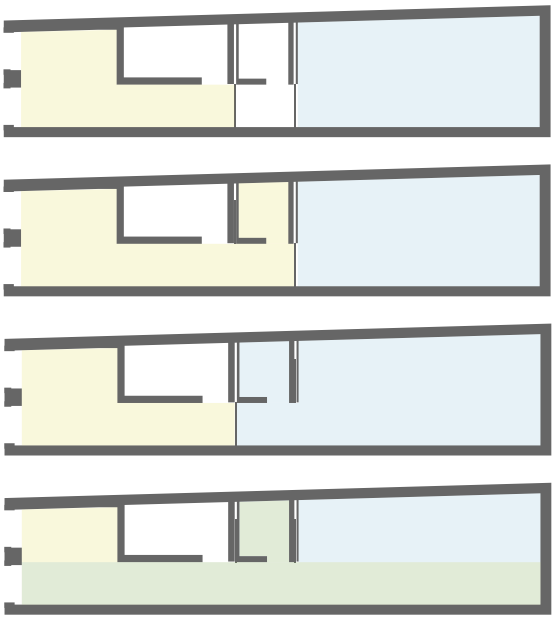
Optou-se, assim, pela relocalização da caixa de escadas, decisão que permitiu clarificar as circulações verticais e reorganizar de forma mais eficiente cada piso. Esta alteração conduziu à definição de um núcleo central que concentra os acessos verticais e as principais infraestruturas, libertando o perímetro do edifício para a criação de espaços de permanência. Neste sentido, as instalações sanitárias foram, também, reposicionadas junto a este núcleo, abandonando a sua localização original na fachada, o que permitiu reservar o alçado tardoz, orientado a norte, para compartimentos habitáveis com melhores condições de iluminação natural.

A solução final estrutura-se, assim, a partir de uma separação funcional clara entre espaços dedicados a serviços e espaços como salas e quartos, permitindo um desenho mais racional, uma leitura espacial mais coerente e uma maximização da utilização do edifício. Esta lógica estende-se igualmente ao espaço de loja no piso térreo, para o qual, na ausência de um programa específico, se desenvolve uma solução espacial, suficientemente flexível, que permite acomodar diferentes usos futuros, e assegura uma ocupação eficiente da totalidade da área disponível.

O mesmo princípio orienta as intervenções ao nível da cobertura, onde se opta pela elevação da cércea como estratégia para aumentar a área útil interior e melhorar as condições de habitabilidade, sem recorrer a elementos formais que descaracterizem a leitura global do edifício. Ao nível dos revestimentos exteriores, mantém-se o material e a linguagem do preexistente, assegurando a continuidade da imagem do edifício no contexto urbano. Do mesmo modo, a cobertura preserva o desenho e a configuração formal da existente, garantindo coerência volumétrica e evitando soluções que comprometam a leitura global do conjunto.

As paredes de meação e os alçados preexistentes mantêm-se, sendo objeto de um processo de restauro e recuperação ao nível do seu desenho, procurando estabelecer uma continuidade entre o pré e o pós-intervenção. O posicionamento das novas lajes no alinhamento das originais assume, neste contexto, um papel fundamental, permitindo que o redesenho do interior se reflita no alçado e contribua para uma leitura clara da transformação.

Desta forma, a intervenção resulta da procura de um equilíbrio consciente entre conservação e transformação, recusando tanto a reprodução acrítica do passado como a sua rutura gratuita, e assumindo a memória do edifício como matéria ativa do projeto.



Esquema de organização do espaço em função dos planos

Axonometria Piso 1

III.III. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A proposta de intervenção apresenta-se como resultado do processo de leitura crítica desenvolvido ao longo do trabalho, assumindo a memória do edifício como estrututra orientadora das decisões tomadas e engloba o conjunto de opções que foram tomadas no decorrer do processo projetual.

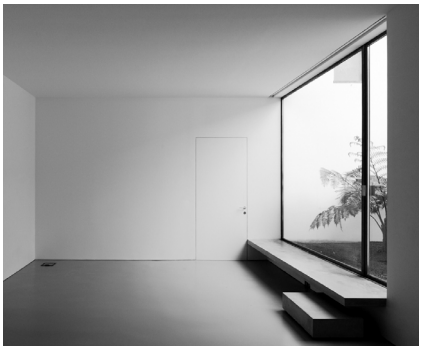
A solução final baseia-se na restituição dos limites do volume original da casa, entendidos como elemento estruturante da sua identidade, implicando uma adaptação da cobertura às novas dimensões. O volume principal, com cerca de 4 metros por 14 metros, organiza-se a partir da caixa de escadas central, disposta junto da parede de meação e no sentido do desenvolvimento longitudinal do lote, assegurando a distribuição vertical para os pisos superiores. No piso térreo mantém-se a separação funcional entre habitação e comércio, com uma entrada independente para as habitações, realizada através de uma escada de tiro. O espaço comercial ocupa a totalidade do comprimento do volume, embora não seja possível o acesso ao logradouro.

No que respeita à organização interna dos módulos habitacionais, optou-se pela repetição de uma solução-tipo, ajustada pontualmente às especificidades de cada piso. A entrada de cada habitação está numa posição central, configurando um espaço de distribuição que estabelece uma separação entre a zona social e a zona privada. A sul, voltada para a rua, localiza-se a sala de estar e a cozinha beneficiando de uma melhor exposição solar e de uma relação direta com o espaço público. A norte, voltado para o logradouro, situa-se o quarto e a casa de banho, garantindo maior privacidade e uma relação mais controlada com o exterior, adequada ao carácter íntimo destes espaços.

A transição entre a zona social e a zona privada é realizada através de dois planos móveis que correm entre as paredes do núcleo da casa de banho. Um deles encontra-se posicionado antes e o outro depois desse volume. Esta solução permite que a casa de banho possa servir alternativamente a zona social ou a zona privada, em função da posição dos planos, introduzindo uma flexibilidade funcional sem que a leitura espacial do conjunto seja comprometida. Estes elementos são desenhados em continuidade com os acabamentos das paredes, para que, tanto em posição aberta como fechada, a sua presença seja pouco percetível, evitando uma leitura rígida de divisões.



[60]



[61]

[60]
Edifício Forrester
Correia/Ragazzi Arquitectos

[61]
Casa Robalo Cordeiro
João Mendes da Rocha



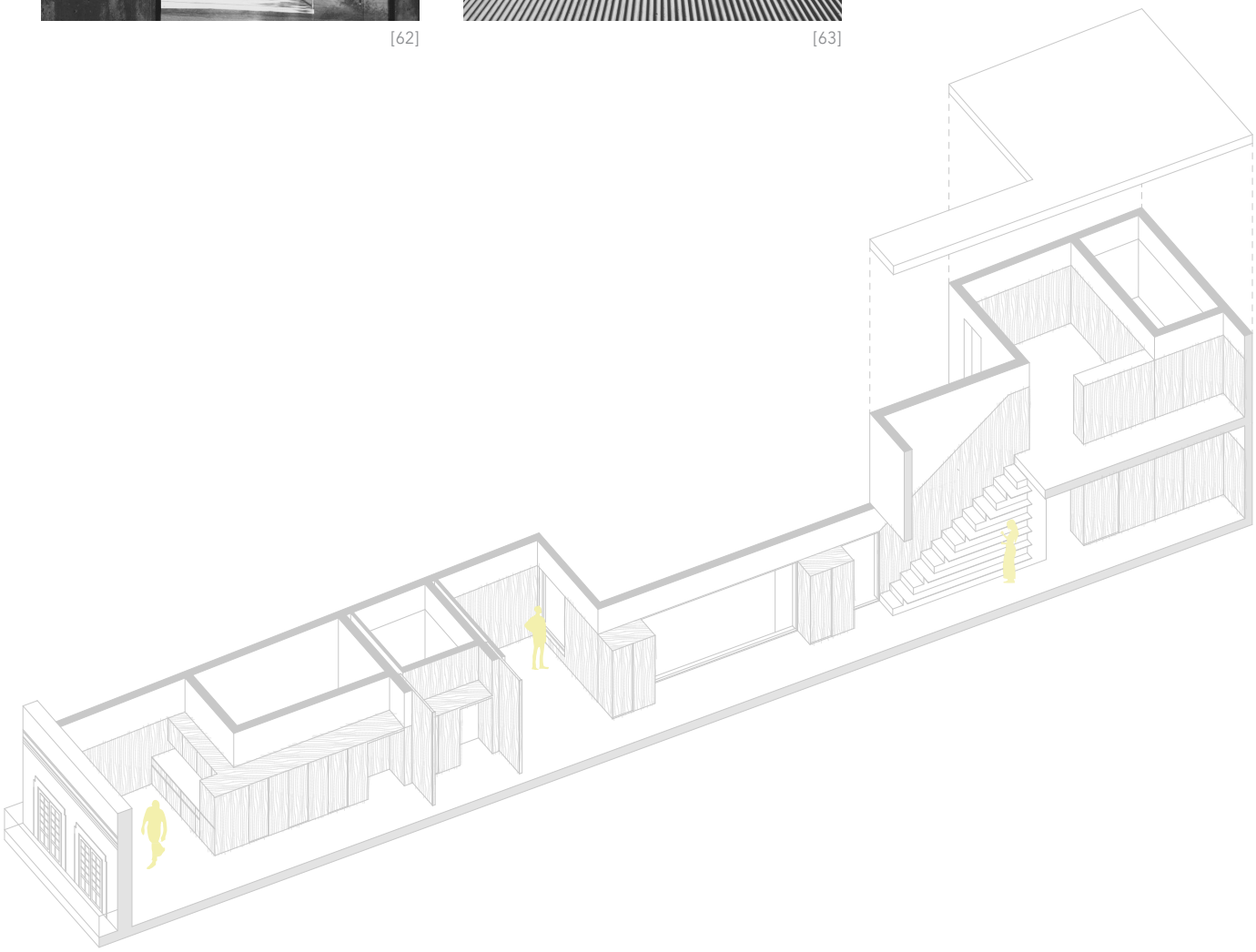
[62]



[63]

[62]
Casa na Chamusca da Beira
João Mendes da Rocha

[63]
Casa do Conto
Pedra Líquida



Axonometria Piso 2

O núcleo da casa de banho assume um tratamento distinto do restante espaço, sendo revestido integralmente com o mesmo material. A divisão entre os diferentes usos não se realiza através de paredes fixas, mas por meio de um sistema reversível, onde a casa de banho funciona como elemento estruturante da organização interna.

Com o objetivo de libertar as paredes pré existentes para permitir uma leitura contínua do espaço, e considerando que tal intervenção não foi possível numa delas devido à presença do volume da caixa de escadas, optou-se por concentrar todo o mobiliário fixo nas paredes deste núcleo vertical. Esta estratégia visa reforçar a leitura continua da estrutura do edifício, mantendo a parede oposta livre, sendo lida como um plano contínuo que percorre todo o comprimento da habitação.

Os armários são executados em madeira e têm uma altura de dois metros, não tocando no teto, conferindo uma escala mais próxima da humana e permitindo uma leitura mais ampla do espaço. Este limite visual é prolongado ao longo de toda a habitação sobre a forma de lambrim, cuja materialidade varia consoante o espaço. [60] [67]

No piso térreo são introduzidos armários rotativos que permitem uma maior flexibilidade assegurando uma adaptabilidade funcional ao longo do tempo, sem comprometer a estrutura espacial.

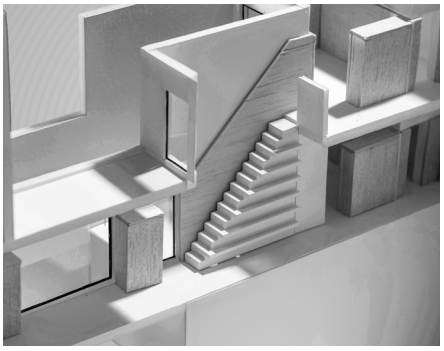
Para garantir boas condições de habitabilidade é introduzido um novo revestimento interior nas paredes de pedra existentes bem como nas novas paredes de betão. Este revestimento é constituído por caixa de ar, isolamento térmico e acústico e acabamento em gesso cartonado.

Nas divisões viradas para a rua optou-se pela conservação das caixilharias existentes, introduzindo uma segunda caixilharia pelo interior, respeitando a linguagem original do edifício e integrando uma melhoria no desempenho térmico e acústico.

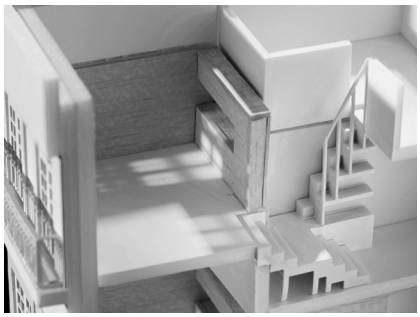
A nova caixilharia de duas folhas de batente é colocada entre a caixilharia existente e a portada, ocupando a totalidade da altura do vão. Esta solução permite que, quando aberta, se tenha uma leitura integral da caixilharia original e, quando fechada, permaneça a leitura da portada.



[64]



[65]



[66]



[67]

[64]
Maquete: Alçado tardoz

[65]
Maquete: Escadas interiores do segundo piso no novo volume

[66]
Maquete: escadas interiores do terceiro piso, articuladas entre si

[67]
Maquete: Representação do lambrim aplicado ao longo de toda a habitação

Axonometria Piso 3

O alçado tardoz, marcado por sucessivas intervenções ao longo do tempo, apresentava-se fragmentado e incoerente, tanto ao nível do desenho como da materialidade. A proposta redefine-o através de um novo desenho unificador, no qual o betão funciona como elemento de articulação entre os dois volumes.

As caixilharias adotam um desenho minimalista e organizam-se num único plano transparente, dimensionado para potenciar a entrada de luz natural. No primeiro e terceiro pisos, este plano é tripartido, assegurando o alinhamento do corredor e a leitura do eixo da parede de meação. No primeiro piso, o sistema integra uma janela fixa e duas portas e no terceiro, duas janelas basculantes. Ao nível do segundo piso é apenas integrada uma janela basculante para um melhor sistema de ventilação. [64]

As tábuas que constituem o pavimento são desenhas em articulação com as aberturas, estabelecendo uma métrica contínua que organiza a perceção do espaço. Esta métrica é prolongada para o exterior através da marcação dessa modulação no betão, reforçando a ligação visual entre interior e exterior. [62]

O segundo piso, por se encontrar à mesma cota do logradouro, apresenta-se como uma exceção. Esta particularidade é explorada através de uma passagem suspensa que permite a ocupação parcial do logradouro por um novo volume destinado a dois quartos. Esta ampliação liberta área no corpo principal do edifício, permitindo relocalizar a sala de estar culminando em compartimentos com maior dimensão, melhor qualidade espacial e distribuição interior mais funcional.

Neste novo volume é introduzido um sistema de escadas que se desenvolve seguindo o alinhamento dos armários, reforçando a leitura contínua do espaço. No entanto, de forma a garantir uma medida mais confortável do cobertor, este elemento aumenta o seu comprimento, em alguns degraus, transformando-se numa prateleira contínua de apoio e organização que se articula diretamente com as escadas. [65]

No terceiro piso procede-se à elevação da cércea da cobertura. Um maior pé direito possibilita a introdução de um novo quarto e de um espaço de trabalho ou atelier, mantendo o mesmo alinhamento. Neste piso são introduzidos dois sistemas de escadas interiores, ambos articulados com o armário. Um primeiro conjunto de escadas assegura o acesso à zona comum, resultante da criação de um meio piso necessário para regularizar o desenvolvimento do núcleo de acessos verticais.





[68]

[68]
Maquete: Vista interior evidenciando a organização espacial e articulação dos fogos

Esta solução permite compatibilizar as cotas existentes com o novo esquema de distribuição, garantindo uma transição coerente e contínua entre os diferentes níveis do edifício.

O segundo sistema de escadas estabelece o acesso ao piso superior, assumindo um desenho próprio, compacto e integrado, que permite reduzir o seu comprimento. [66]

Relativamente a detalhes construtivos: os rodapés são invertidos, criando uma ligeira elevação das paredes relativamente ao pavimento e nos tetos são introduzidos elementos que afastam o plano superior dos elementos verticais. Esta opção traduz-se numa solução construtiva que desmaterializa os limites do espaço. A aparente falta de contacto entre pavimento, paredes e teto reduz a presença de linhas marcadas, contribuindo para uma perceção mais contínua e menos compartimentada dos ambientes. Esta estratégia, procura amplificar visualmente os compartimentos e reforçar a sensação de maior amplitude espacial.

As novas construções, nomeadamente a caixa de escadas, a passagem suspensa e o volume adicional destinado aos quartos, são executadas em betão, assumindo, pelo exterior, a sua identidade.

III.IV. TIPIFICAÇÃO DE SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS

"Entende-se por edifícios antigos todos os que foram construídos antes da generalização da aplicação das estruturas de betão armado que passaram a ser muito frequentes a partir da segunda guerra mundial. Inclui-se neste grupo de edifícios o património monumental, edifícios classificados e o património edificado corrente em que a pedra, a madeira, a cal e o vidro são materiais dominantes. (...) Refira-se que existem conjuntos de excelência, que pela sua relevância internacional são classificados como Património Mundial da Humanidade, como é o caso dos centros históricos do Porto e de Guimarães." [43]

43. FREITAS, Vasco Peixoto. *Manual de apoio ao projeto de reabilitação de edifícios antigos.* Porto: Ordem dos Engenheiros. Região Norte, 2012, pág. 21

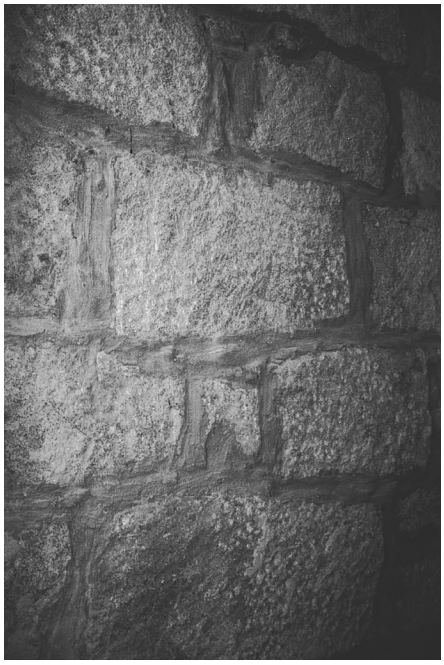
A observação direta do edifício revela a presença de remendos, acrescentos e substituições pontuais, encontrando-se num estado de degradação avançado. Considerando-se que apenas com diagnósticos técnicos específicos e aprofundados será possível confirmar a real qualidade estrutural dos elementos construtivos pressupôs-se uma incompatibilidade com a continuidade funcional da estrutura existente.

Tendo em conta que o presente trabalho se desenvolve em contexto académico, parte-se do pressuposto de que os elementos estruturais dos pisos e da cobertura não se encontram aptos a manter a sua função pelo que se propõe uma substituição destes mesmos elementos.

Esta opção metodológica assume, assim, que as inconformidades identificadas no local poderão estender-se à totalidade da estrutura, servindo de base para a definição das estratégias projetuais adotadas.

Este subcapítulo apresenta a descrição dos elementos existentes, resultante da observação, análise e medições realizadas no local, complementada pelo conhecimento das soluções construtivas mais comuns neste tipo de edificações, que se baseia na investigação desenvolvida por Joaquim Teixeira no âmbito da sua tese de doutoramento.

A análise é, posteriormente, confrontada com as soluções adotadas para o tratamento de cada elemento.



[69]

[69]
Parede de meação com alvenaria de granito à vista



[70]

[70]
Deterioração de parede e teto

PAREDES DE MEAÇÃO

As paredes de meação de edifícios anteriores ao século XVII com mais do que um pisos eram habitualmente em pedra no rés-do-chão, recorrendo-se a tabique misto nos pisos superiores. [44]

No caso em estudo, e após análise conjunta com o cliente, concluiu-se que esta configuração existiu originalmente. No entanto, a estrutura em tabique foi, entretanto, removida devido à sua degradação e substituída por alvenaria de granito, solução que corresponde ao estado atual do edifício. [69]

Desta forma, as paredes de meação são constituídas em alvenaria de granito assente com argamassa de cal, areia e saibro com uma espessura de cerca de 35 cm e são comuns às duas casas adjacentes. Estes elementos *"partem do ensoleiramento, que é o nivelamento geral dado ao respaldo das fundações onde estão assentes, até à cobertura."* [45], constituindo uma estrutura contínua.

Pelo interior, as paredes são *"emboçadas e regularizadas com argamassa de cal, areia e saibro, com acabamento a estuque, efectuado através de um barramento de pasta de cal, posteriormente caiado ou pintado."* [46] Ao nível do piso térreo as paredes estão revestidas com contraplacado para suporte de prateleiras de apoio ao comércio e no núcleo da caixa de escadas, não existe qualquer acabamento, ficando a alvenaria de granito à vista.

Como revestimento exterior, a empena que fica descoberta devido à diferença de cércea do edifício a nascente é resolvida através de uma impermeabilização com asfalto e revestida com reboco.

De maneira a proporcionar melhores condições de habitabilidade nas habitações, a solução adotada para o projeto em questão passa por isolar individualmente cada um dos fogos. Assim, pela face interior da parede deve efetuar-se a *"remoção do reboco interior e tratamento das juntas (idêntico ao tratamento das juntas do paramento exterior), seguida da aplicação de um revestimento interior constituído por placas de gesso cartonado, com espessura mínima de 15mm, associadas a uma camada de isolamento térmico."* [47]

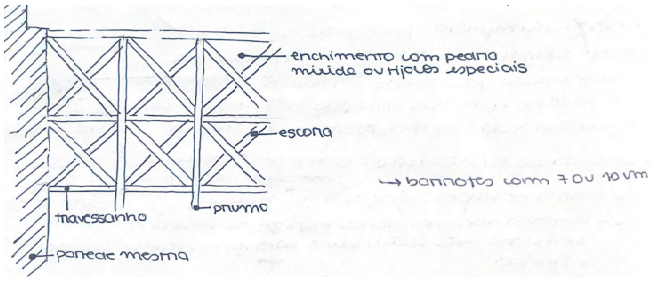
Esta solução é concretizada através de uma estrutura de parede em gesso cartonado, incluindo páineis capazes de garantir isolamento térmico e acústico.

44. TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...) Porto: FAUP, 2004, pág. 84

45. *Ibidem*

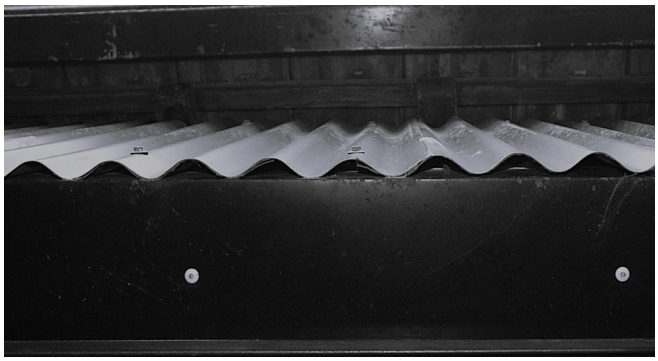
46. FREITAS, Vasco Peixoto. *Manual de apoio ao projeto de reabilitação de edifícios antigos.* Porto: Ordem dos Engenheiros. Região Norte, 2012, pág. 37

47. *Ibidem*, pág. 264



[71]

[71]
Esquema de uma parede de tabique misto



[72]

[72]
Parede do alçado tardoz com revestimento de chapa ondulada



[73]

[73]
Vista do alçado tardoz a partir do logradouro

PAREDES DE FACHADA

No edifício em questão, a fachada principal, virada para a rua, é integralmente construída em alvenaria de granito. Embora não funcione como elemento de suporte ao vigamento dos pisos, por lhes ser paralela, suporta uma grande parte da estrutura da cobertura e contribui para o travamento das paredes de meação. [49] Este elemento é constituído por peças aparelhadas em cantaria que desenham os vão das portas e das janelas sobre a forma de lancis.

49. *Ibidem*, pág. 36

Esta fachada apresenta duas varandas, nos dois últimos pisos, que ocupam quase toda a sua largura com um balanço de 25 cm e uma espessura de 15cm, finalizadas com uma grade de ferro forjado.

Quanto ao revestimento e acabamento exterior, este é feito através *"da aplicação de uma camada impermeabilizante à base de asfalto"* [50] e terminado com azulejos decorativos.

50. *Ibidem*, pág. 38

Para o tratamento deste elemento, na face exterior deve proceder-se à remoção cuidadosa das argamassas de suporte dos azulejos ausentes e à reaplicação dos mesmos, utilizando azulejos do mesmo tipo.

Em relação ao interior, procede-se apenas à colocação de uma camada de placas de gesso cartonado para garantir a continuidade dos acabamentos, uma vez que *"em edifícios classificados ou inseridos em zonas históricas, poderá ser aceitável a não aplicação de isolamento térmico nas paredes exteriores se a espessura for muito elevada."* [51]

51. *Ibidem*, pág. 264

A fachada de tardoz sofreu diversas alterações ao longo do tempo, incluindo um acrescento no segundo piso, sendo apenas o terceiro piso o que se mantém na sua configuração original. É este último que interessa analisar. A estrutura existente corresponde a um sistema de tabique simples reforçado, revestido com chapa ondulada pelo exterior.

A parede é composta por uma *"estrutura de barrotes de secção quadrangular, com 7 cm de largura, formada por elementos verticais – prumos – espaçados entre si cerca de 1 m e apoiados directamente sobre o vigamento do sobrado".* [52]

52. *Ibidem*, pág. 38

"A estrutura das paredes completa-se com o frechal superior, e ainda, por travessanhos e vergas, quando é necessário definir vãos. As uniões entre as peças são realizadas normalmente por samblagens a meia madeira, malhetes em forma de cauda de andorinha ou, muito raramente, por respiga e mecha.

Esta estrutura de barrotes encontra-se preenchida por um duplo tabuado, formado por tábuas com cerca de 2 cm de espessura, colocadas na vertical e na diagonal, sobre o qual é pregado um fasquiado pelo interior, para ancoragem do reboco, e um ripado pelo exterior" [53] onde é pregada a chapa ondulada.

53. *Ibidem*, pág 39

Esta fachada é proposta como um novo plano em betão aparente, que se assume como um elemento contemporâneo e que remata o limite da construção original, prolongando a sua expressão ao novo volume. O isolamento térmico e acústico é assegurado pelo interior, através de uma estrutura de parede em gesso cartonado, incluindo painéis capazes de garantir o desempenho necessário, à semelhança da solução adotada nas paredes de meação. Esta superfície é pontuada por novas caixilharias em alumínio, integradas no desenho da intervenção.





[74]

[74]
Degrau que regulariza as duas cotas

PISOS

A estrutura dos pisos superiores é composta por um vigamento de troncos de madeira, os tradicionais paus rolados, com diâmetro entre 20 e 30 cm, e comprimento equivalentes à largura da habitação. Este vigamento apoia-se integralmente nas paredes de meação, *"com uma entrega de cerca de dois terços da espessura destas paredes (…) dispostos paralelamente entre si com afastamentos que variam entre os 50 cm e os 70 cm"* [55]. Antes da montagem, os topos dos troncos eram protegidos com tinta de óleo, zarcão ou alcatrão.

55. *Ibidem*, pág. 43

Na divisão norte do primeiro piso é possível identificar esta estrutura, embora com sinais evidentes de degradação. Considera-se provável que o piso térreo tenha sido substituído por soluções contemporâneas aquando da alteração da posição da caixa de escadas de acesso aos pisos superiores. Esta intervenção poderá explicar o degrau existente no primeiro piso, necessário para regularizar a cota de chegada com a cota de entrada das divisões e com o arranque da escada central. [74]

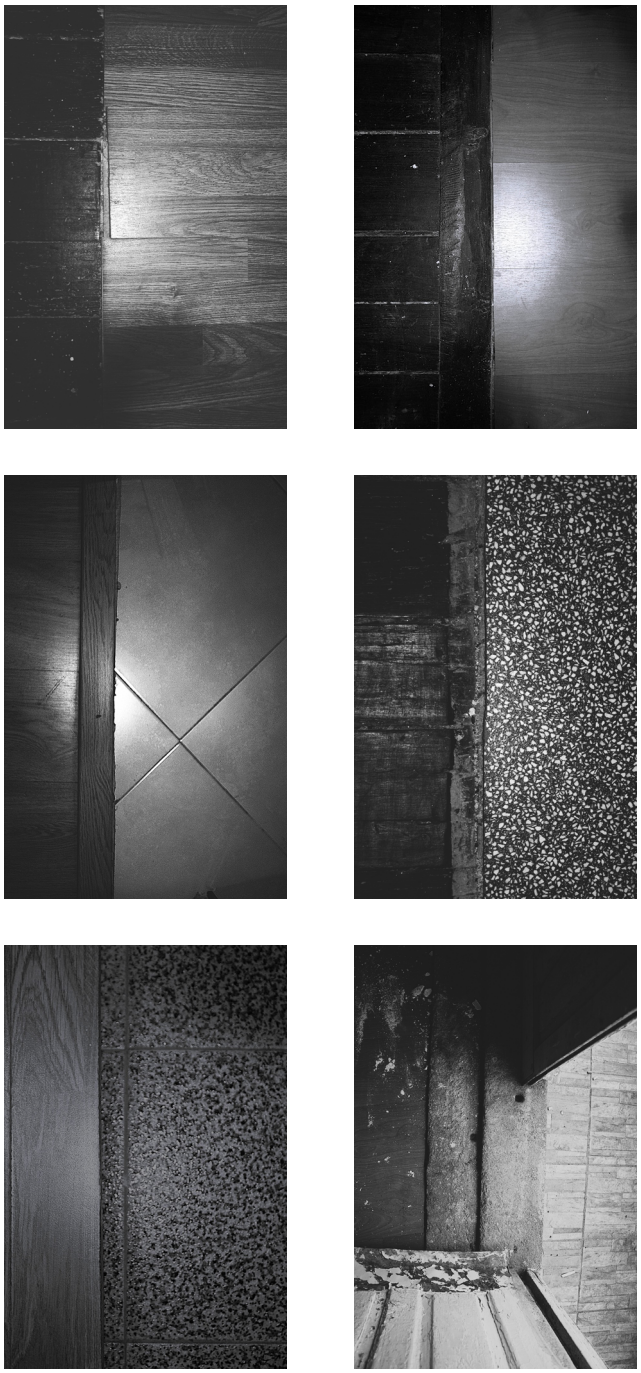
Quanto aos revestimentos, apenas o núcleo da caixa de escadas mantém o que se considera ser o soalho original. *"As tábuas de soalho depois de assentes, unidas por encaixe (em forma de macho-fêmea ou meia madeira) e pregadas ao vigamento, eram afagadas manualmente para se obter uma superfície uniforme. Posteriormente eram enceradas, de modo a aumentar o seu embelezamento e a garantir a sua protecção e conservação."* [56]

56. *Ibidem*, pág. 44

O revestimento dos tetos era executado com um fasquiado pregado aos barrotes, posteriormente rebocado com argamassa de cal e saibro, depois emboçado e estucado. Hoje encontra-se substituído por um sistema de teto falso, eliminando qualquer vestígio da solução original.

O piso térreo distingue-se dos restantes pela sua relação direta com o solo. Na ausência de cave, este assenta diretamente sobre o terreno, sendo rematado com revestimento cerâmico, solução que se prolonga pela escadaria de acesso ao primeiro piso.

Sendo toda a estrutura dos pisos em madeira, a principal preocupação centra-se nas patologias típicas deste material, nomeadamente a humidade e o desenvolvimento de fungos, capazes de provocar uma degradação progressiva dos elementos estruturais e, em casos avançados, a perda completa da sua capacidade resistente.



[75]

[75]
Diferentes tipos de pavimento identificados no edifício

Antes de qualquer intervenção, é indispensável realizar um diagnóstico rigoroso da estrutura, através de levantamentos e ensaios que permitam determinar o procedimento mais adequado. [57]

57. *Ibidem*, pág. 156

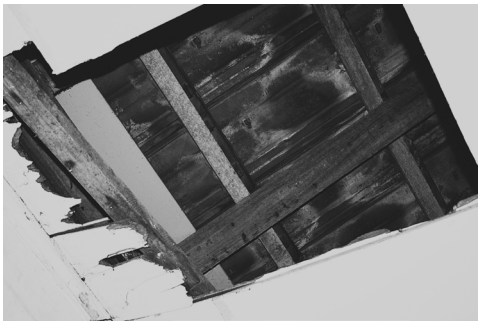
Como referido anteriormente, relativamente a este elemento, opta-se pela substituição da estrutura de madeira por uma mais contemporânea de betão armado. Prevê-se a fixação deste elemento às paredes de meação através de um sistema de fixação com bucha química.

Para a execução dos pavimentos, opta-se pelo uso de soalho assente sobre uma camada de regularização, integrando uma solução de isolamento acústico entre os barrotes de suporte, de modo a melhorar o conforto entre pisos. Na face inferior, o sistema é rematado com um teto falso em placas de gesso cartonado, suspenso através de suportes e perfis metálicos próprios.

Nas casas de banho, o revestimento é realizado em microcimento, aplicado sobre uma camada de regularização adequada.



[76]



[77]

[76]
Estrutura da cobertura aparente

[77]
Deterioração do teto e cobertura exposta

COBERTURA

A cobertura é constituída por um telhado de quatro águas com acabamento em telha.

As duas vertentes principais são suportadas por um conjunto de asnas constituídas por elementos *"em tudo semelhantes às vigas do sobrados – paus rolados"* [58] , enquanto as tacaniças se apoiam nas paredes das fachadas.

58. *Ibidem*, pág. 45

A estrutura das asnas é *"constituída por uma armação simples de duas vigas ou pernas, dispostas em forma de tesoura, unidas superiormente a meia madeira, apoiadas numa viga transversal ou linha, que por sua vez se apoiava nas paredes de meação. (...) Para travamento longitudinal, localizam-se superiormente, ao nível da cumeeira e a meio do vão das duas pernas, o pau de fileira e as madres, respectivamente. A fazer a transição das vertentes principais para a tacaniça, temos uma viga – rincão – que se apoia na fileira e no contrafrechal, entre as paredes de meação e as paredes das fachadas. (...) Sobre esta armação era pregado o varedo ou caibros, também constituído por troncos de madeira de menor dimensão, aparados em duas faces, sobre os quais era pregado transversalmente um tabuado de guarda-pó, ao qual era finalmente pregado um ripado, para apoio das telhas."* [59]

59. *Ibidem*

O revestimento pelo interior é em tudo semelhante ao dos pisos.

Quanto ao tratamento da cobertura, uma vez que a proposta visa uma reformulação das suas dimensões e alinhamentos estruturais, opta-se por uma intervenção que respeite o revestimento exterior e o desenho de quatro águas do pré-existente.

Os pricipais elementos de isolamento são introduzidos no plano horizontal do teto, garantindo às habitações um ambiente adpatado às exigencias atuais. Assim, a execução da cobertura realiza-se, do interior para o exterior, da seguinte forma: no plano horizontal aplica-se sobre a estrutura de betão armado, uma barreira pára-vapor juntamente com o isolameno térmico; nos planos das águas instala-se um novo forro apoiado nas varas, sobre o qual se coloca uma membrana flexível com elevada permeabilidade ao vapor de água e grande estanquidade à água líquida, seguida de uma nova estrutura de suporte das telhas, novas ou reaproveitadas, composta por ripado e contra-ripado.



[78]

[78]
Estrutura da parede da caixa de escadas



[79]

[79]
Rodapé na caixa de escadas central

PAREDES INTERIORES

Não existindo paredes de compartimentação originais, a análise incide exclusivamente sobre as paredes da caixa de escadas. Estas poderiam ser de tabique simples reforçado, semelhante ao sistema utilizado na fachada em tabique, ou de tabique simples com duplo tabuado.

Atendendo à origem da casa, acreditamos que se trate do primeiro tipo, *"aquele que julgamos ser o mais antigo".* [60] Esta estrutura, *"em forma de gaiola está dependente da colocação dos travessanhos que vão apoiar as cadeias dos patins intermédios. Esta estrutura, apoiada nas vigas que definem o vão das escadas, era revestida em ambas as faces por um tabuado, contínuo pelo interior da caixa de escadas, sobre o qual era pregado um fasquiado para receber as argamassas de reboco e acabamento".* [61]

60. *Ibidem*, pág. 52

61. *Ibidem*

Relativamente aos rodapés, estes seriam, originalmente, constituídos por *"simples tábuas de madeira com cerca de 15 cm de altura (…) pregadas às paredes, de pedra ou de madeira, com recurso a ripas que servem de distanciador e nivelador".* [62]

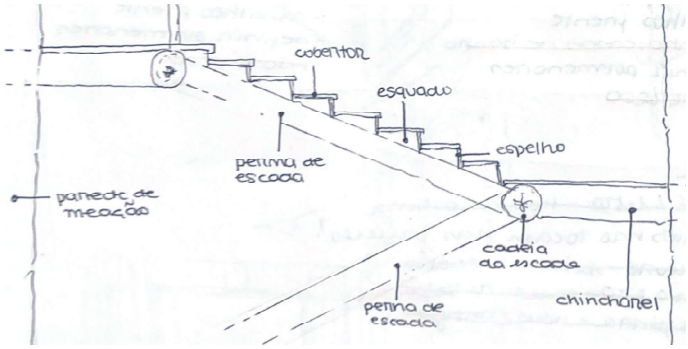
62. *Ibidem*, pág. 51

Contudo, na solução atual, verifica-se uma completa inversão deste princípio, rompendo com a lógica construtiva tradicional. [79]

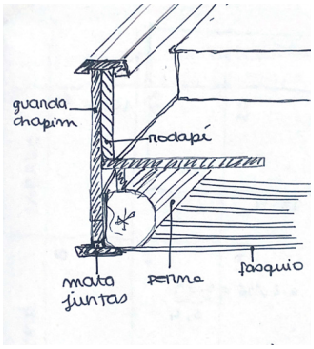
Como vimos anteriormente, a definição do novo programa obriga a uma completa alteração da configuração interior dos espaços. Assim, surgem dois novos tipos de paredes interiores, um relativo à parede da caixa de escadas, realizada em betão e uma segunda que faz a divisão entre o quarto e a casa de banho, em estrutura metálica e placas de gesso cartonado.

As primeiras, sendo estruturais, assumem uma largura de 20 cm, sendo revestidas, pelo interior das habitações, com isolamento térmico e placas de gesso cartonada que dão continuidade com o restante.

As outras paredes são constituídas por duas estruturas independentes de perfis metálicos horizontais e verticais. No exterior, o acabamento varia entre duas placas de gesso cartonado acabadas e pintadas, e uma placa à qual se adiciona um apainelado de madeira. Para aumentar a resistência à humidade, nas zonas húmidas, utilizam-se placas de gesso cartonado hidrófugo.



[80]



[81]

[80]
Esquema de escadas de dois lanços com apoio nas paredes de meação

[81]
Pormenor de lanço de escadas interiores



[82]

[82]
Deterioração da caixa de escadas central



[83]

[83]
Deterioração dos degraus da caixa de escadas central

ESCADAS INTERIORES

A análise da estrutura da escada incide exclusivamente nos lanços que se desenvolvem a partir do primeiro piso, dado que o acesso entre o piso térreo e o primeiro é assegurado por uma escada de tiro, solução distinta do sistema original e que, por isso, não se enquadra no objeto deste estudo.

O acesso vertical entre os pisos superiores faz-se por meio de uma escada de três lanços, sendo os lanços principais paralelos entre si e ortogonais às paredes de meação. Para a construção desta estrutura *"impõe-se a interrupção do vigamento dos pisos, recorrendo-se para isso à utilização de cadeias e chinchareis."* [63]

63. *Ibidem*, pág. 53

Os lanços das escadas são constituídos por duas vigas com a forma de paus rolados, também designadas de pernas, que se apoiam por encaixe tanto nas cadeias dos pisos como dos patamares. Estas vigas transferem os seus esforços, respetivamente, para a estrutura dos pisos e para a parede da caixa de escadas.

Os chincharéis, por sua vez, estão dispostos transversalmente às cadeias, podendo apoiar-se exclusivamente nestas ou, em alternativa, prolongar o seu apoio até às paredes de meação.

No que diz respeito ao revestimento, *"sobre as pernas são pregadas tábuas em forma de esquadro, com as dimensões e o espaçamento necessários, para receber os cobertores e os espelhos. A espessura das tábuas dos cobertores e dos espelhos é normalmente de 4cm e 2cm respectivamente e as uniões entre si são do tipo macho – fêmea."* [64]

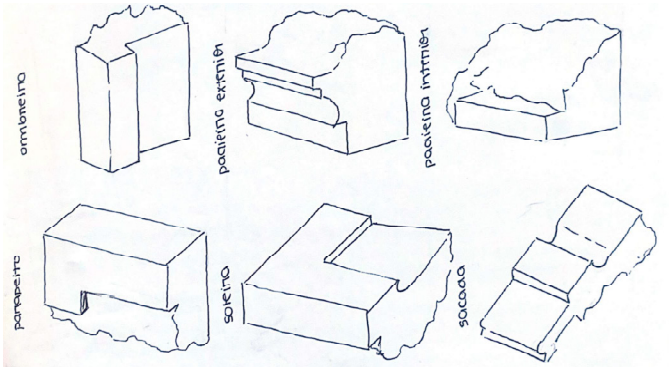
64. *Ibidem*

A parte inferior da estrutura é revestida de forma semelhante à dos tetos, através de fasquios que recebem o reboco de argamassa de cal, areia e saibro, com acabamento estucado.

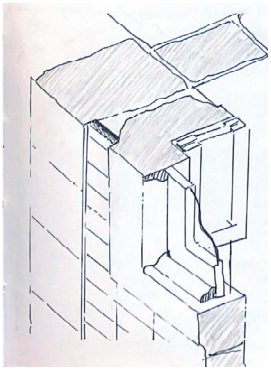
> *"As faces dos lanços voltadas para a bomba, são rematadas por uma tábua designada de guarda-chapim, que é reforçada do lado dos degraus pelo rodapé. Estas duas tábuas são rematadas por uma guarnição, que vai servir de apoio e encaixe, em forma de respiga e mecha, aos balaústres. Pela parte inferior dos lanços, uma pequena guarnição serve de remate ou mata juntas entre a tábua guarda-chapim e o acabamento de estuque."* [65]

65. *Ibidem*

Na nova solução, as escadas interiores alteram a sua posição e passam a ser executadas em betão.



[84]



[85]

[84]
Vários tipos de lancis de vãos exteriores em cantaria de granito

[85]
Pormenor de parede de fachada com vão de janela



[86]

[86]
Janela de guilhotina



[87]

[87]
Pormenor da janela de guilhotina

CAIXILHOS

Os diferentes vãos da fachada são configurados por lancis de pedra que, dependendo do formato que assumem, tomam a posição de ombreira, padieira, parapeito, soleira ou sacada. [84]

> *"As ombreiras dos vãos eram constituídas por lancis de granito, com a largura correspondente à espessura das paredes, com um perfil recortado em forma de batente, conformando o aro de gola. (…) As vergas dos vãos de portas e janelas são sempre formadas por dois lancis, um exterior e outro interior, dispostos de maneira a formarem batente, constituindo assim o aro de gola da padieira. (…) Os parapeitos das janelas de peito são formados apenas por um único lancil, que pode ser igual ao utilizado na padieira."* [66]

66. *Ibidem*, pág. 54

No caso de estudo, encontram-se dois tipos de janelas exteriores, sendo elas de peito de guilhotina, no primeiro piso, e de sacada de batente nos segundo e terceiro, ambas na fachada voltada para a rua.

JANELAS DE PEITO DE GUILHOTINA

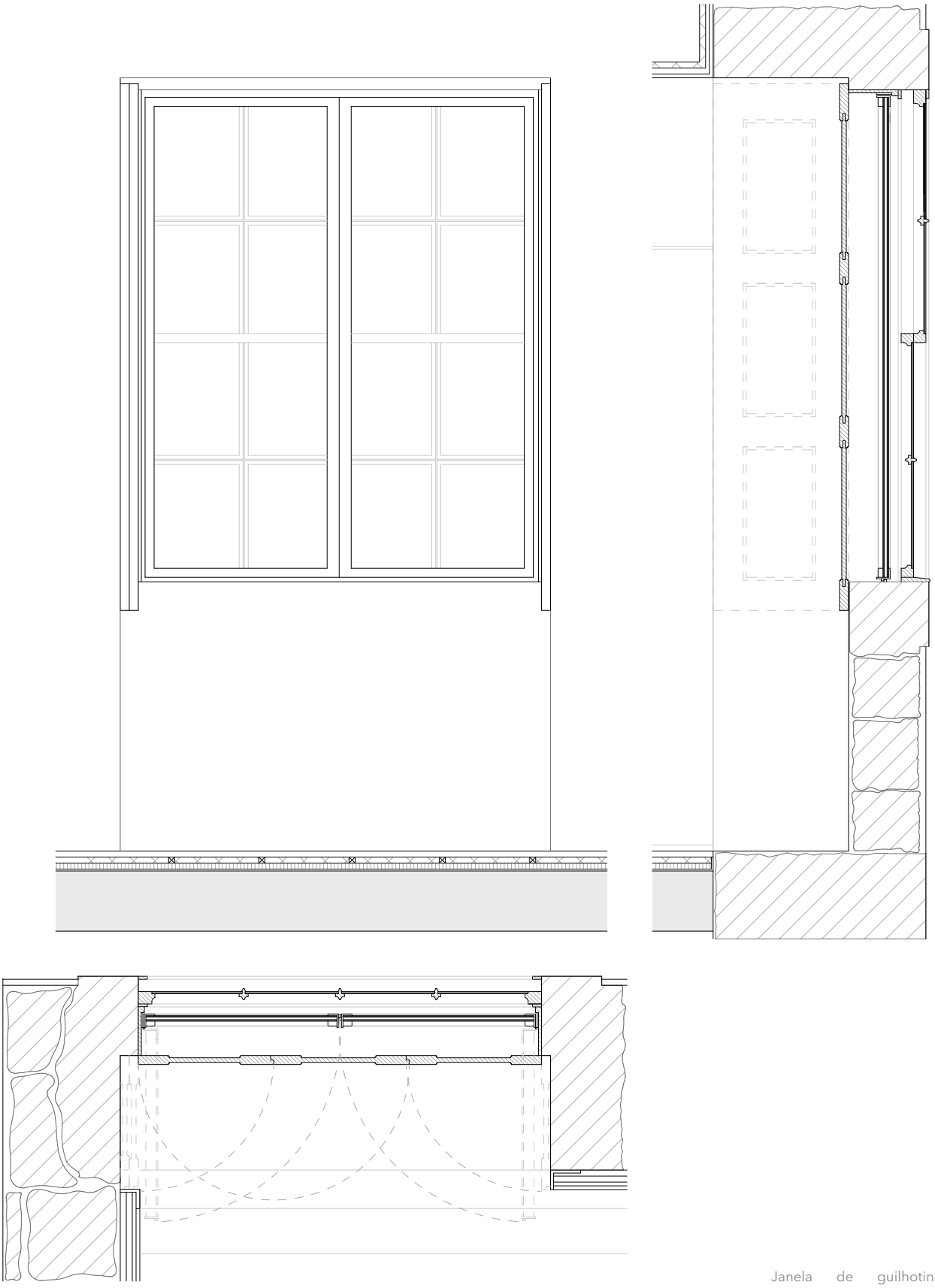
Estas janelas apresentam duas folhas, sendo cada uma delas constituída por quatro vidros ao largo e dois ao alto, com espessura de cerca de 5 mm, separados por pinázios e suportados por duas couceiras na vertical e duas travessas na horizontal. Este tipo de caixilhos utiliza um sistema constituído por um aro de madeira fixo por onde se movimenta a janela. Este aro *"é constituído por uma esquadria formada por uma ou duas tábuas, com a largura das duas folhas do caixilho, cerca de 6 cm, fixas às ombreiras de pedra por tacos de madeira ou chapuzes. A este aro é pregado pelo exterior e pelo interior dois mata juntas (…)"*. [67]

67. *Ibidem*, pág. 57

O parapeito é terminado por uma soleira pelo exterior e uma tábua de peito no interior, conformado por uma única peça de madeira.

Para o seu acabamento, *"as várias peças (…) eram cuidadosamente afagadas e lixadas e as suas juntas devidamente betumadas com betume de marceneiro"*[68], ficando prontas para receber a pintura final, neste caso, de cor branca.

68. *Ibidem*



Janela de guilhotina com introdução de nova caixilharia pelo interior: Corte horizontal, corte vertical, e alçado interior
Escala 1:20

JANELAS DE SACADA DE BATENTE

Relativamente a este tipo de janelas, encontramos no edifício dois tipos diferentes, sem bandeira no segundo piso e com bandeira no terceiro. No que diz respeito aos caixilhos das portas de abrir, são ambos semelhantes. São constituídos *"por uma esquadria de couceiras e travessas, divididas por pinázios e travessas intermédias, preenchidas com vidros e almofadas. Nas travessas inferiores são fixadas pingadeiras ou borrachas, para evitar a entrada de água, e a uma das couceiras de batente é pregado um perfil de batente, a servir de mata juntas."* [69]

Já a estrutura das bandeiras, presentes no terceiro piso *"são apenas constituídos por uma esquadria de couceiras e travessas, dividida por pinázios, segundo variadas formas (…)".* [70]

Para o seu acabamento é utilizado o mesmo procedimento descrito anteriormente.

Pelo interior de todas as janelas, para proteção solar, encontram-se as portadas, divididas em três folhas nos diferentes casos, com três ou quatro almofadas. As suas dobradiças *"são fixas a um perfil de batente em madeira, fixo às ombreiras de cantaria através de chapuzes".* [71]

> *"Mais e maiores exigências são hoje colocadas às janelas do que a qualquer outro componente de um edifício. As janelas são o derradeiro interface entre o interior e a envolvente exterior do edifício – elementos chave da concepção/desenho arquitectónico e do seu desempenho/durabilidade".* [72]

Sobre as caixilharias colocam-se dois caminhos possíveis: conservar a caixilharia existente ou proceder à sua substituição.

Dado que o edifício se insere numa área de património histórico e existe a intenção de preservar a imagem original, opta-se por uma solução que privilegia a manutenção da caixilharia atual. No entanto, para garantir um melhor comportamento térmico e acústico, com *"desempenhos muito bons, face à globalida"* [73], introduz-se uma nova caixilharia entre a janela e a portada, preservando a leitura tanto pelo exterior como pelo interior.

> *"Quando existe a possibilidade física de introduzir uma segunda caixilharia pelo interior, esta solução poderá revelar-se como a que globalmente melhor corresponde às exigências de desempenho e necessidades de conservação arquitectónica da preexistência".* [74]

69. *Ibidem*, pág. 56

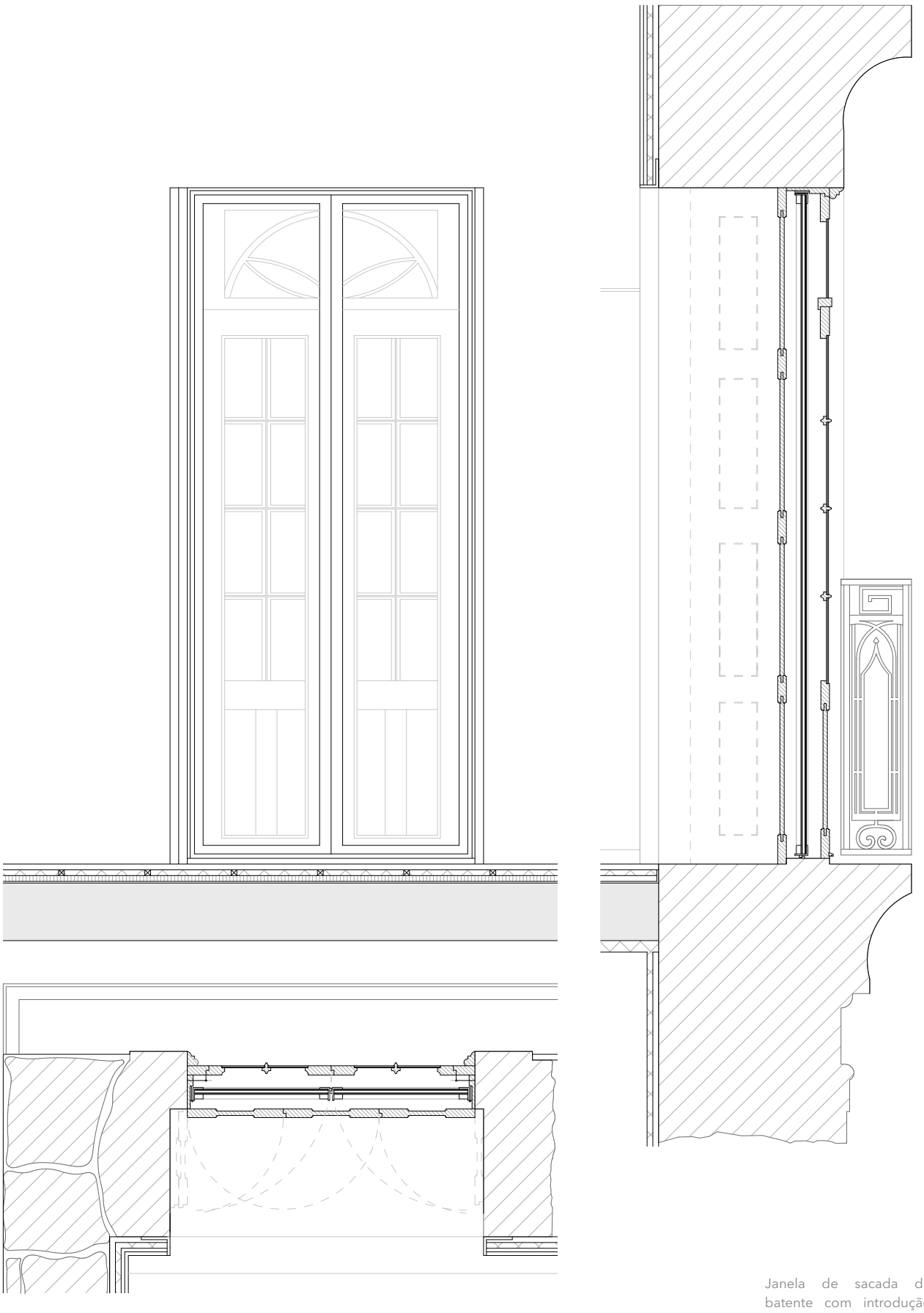
70. *Ibidem*

71. *Ibidem*, pág. 59

72. LOPES, Nuno Valentim. *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do Restauro a Selecção Exigencial de uma Nova Caixilharia: O Estudo do Caso da Habitação Corrente Portuense.* Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006, pág. 37

73. FREITAS, Vasco Peixoto. *Manual de apoio ao projeto de reabilitação de edifícios antigos.* Porto: Ordem dos Engenheiros. Região Norte, 2012, pág. 266

74. LOPES, Nuno Valentim. *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do Restauro a Selecção Exigencial de uma Nova Caixilharia: O Estudo do Caso da Habitação Corrente Portuense.* Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006, pág. 76



Janela de sacada de batente com introdução de nova caixilharia pelo interior: Corte horizontal, corte vertical, e alçado interior

Escala 1:20

A proposta de projeto, ao nível das soluções construtivas, privilegiou a preservação da estrutura de pedra existente devido à sua relevância estrutural e ao valor da imagem exterior do edifício. Em contraste, a estrutura original das lajes de madeira foi demolida, dada a sua degradação aparente e a incerteza quanto ao seu estado efetivo, substituindo-se por lajes de betão armado. Esta intervenção permitiu redesenhar integralmente o interior, possibilitando uma nova organização espacial ajustada a novas necessidades e usos. Além disso, garante maior segurança e continuidade.

Afirma-se uma intenção de respeito pelo pré-existente, mantendo as cotas e os alinhamentos das lajes originais em relação à fachada e assegurando uma relação de continuidade entre interior e exterior. Os novos espaços são concebidos numa relação direta com a fachada exterior.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de reabilitação do caso de estudo, uma casa burguesa portuense inserida num contexto histórico consolidado, colocou o projeto perante a necessidade de articular a preservação da memória construída com as exigências contemporâneas de uso, conforto e habitabilidade. Esta busca de equilibrio afastou, desde o início, o projeto de um exercício de conservação passiva, afirmando a intervenção como um processo crítico e transformador, em que cada decisão projetual resulta de uma leitura informada do edifício existente.

A diversidade de perspetivas existentes no campo da reabilitação, demonstrou que a abordagem de um projeto desta natureza deve ser ajustada a cada caso concreto, recusando soluções tipificadas. As diferentes referências que foram objeto de estudo foram entendidas como modelos operativos possíveis, e não como soluções finais obrigatórias.

O edifício, localizado no Centro Histórico do Porto, apresenta um avançado estado de degradação, resultante das sucessivas transformações que sofreu ao longo dos séculos, da introdução de acrescentos desqualificados e da perda de capacidade estrutural dos seus elementos construtivos. Esta condição, associada às exigências programáticas definidas pelo cliente, impôs a definição consciente de critérios claros de intervenção, distinguindo os elementos a preversar, reinterpretar ou substituir, como base para a construção de uma proposta coerente e informada.

Neste contexto, o projeto de intervenção desenvolvido assume-se como um processo reflexivo, marcado por avanços e recuos, visando a resolução dos problemas específicos identificados, a par com a introdução de uma qualidade arquitetónica própria. Procurou estabelecer-se uma relação consciente com a pré-existência, reconhecendo-a tanto como suporte de memória como estrutura com limitações físicas e funcionais.

A solução apresentada resultou, assim, de uma síntese entre a análise das condicionantes do lugar, do edifício e do programa, assumindo como princípio fundamental a noção de memória projetada para o futuro. Esta não é entendida como a reprodução literal do edifício original, mas como a permanência crítica de valores capazes de sustentar novas formas de uso, articulando-se com soluções construtivas e funcionais adequadas a um contexto contemporâneo.

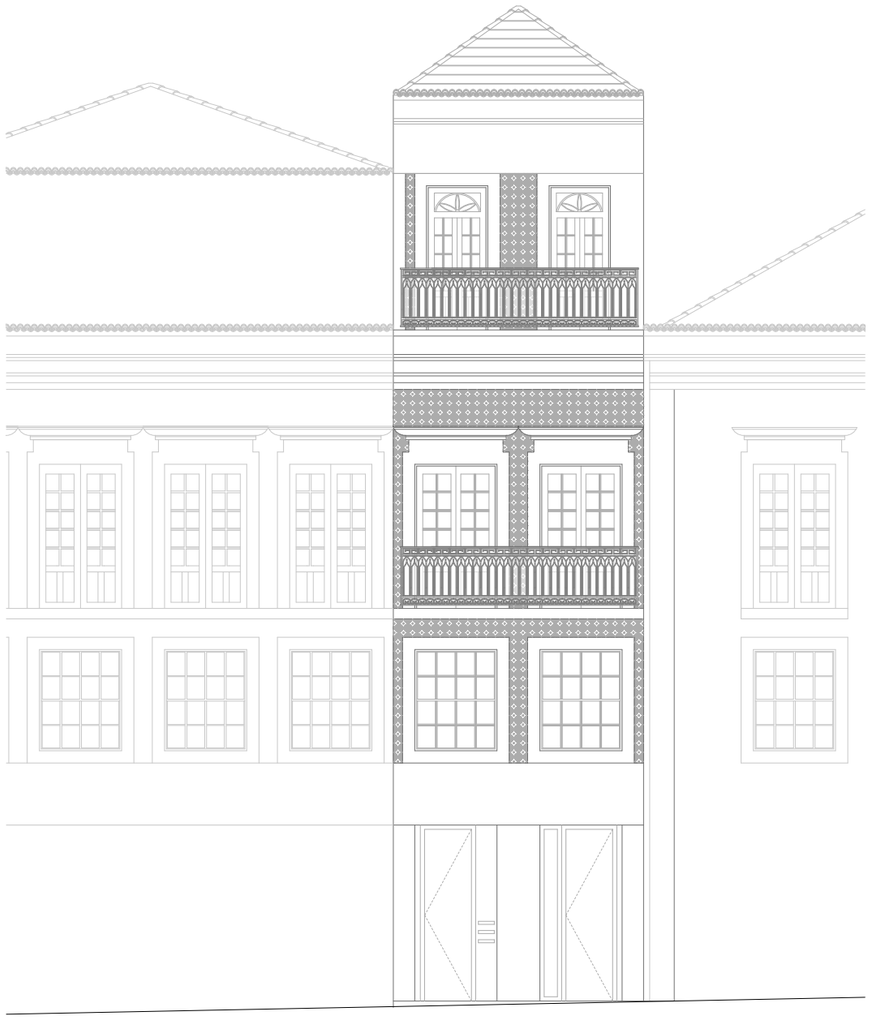
A aproximação a um contexto real, com programa avançado pelo cliente, e com todas as condicionantes presentes na preexistência a intervir, revelou-se desafiante, contribuindo para uma compreensão mais clara do papel do arquiteto enquanto mediador entre memória e transformação.

A presente dissertação foi entendida como uma oportunidade para explorar uma temática pouco aprofundada ao longo do percurso académico, permitindo a aquisição de novos conhecimentos e competências no domínio da reabilitação arquitetónica. Considera-se, por isso, que este trabalho permitiu uma conclusão mais consistente e informada de um dos principais contextos de intervenção a que o arquiteto, é chamado a trabalhar na atualidade, permitindo construir uma postura crítica, fundamentada e consciente perante o projeto de intervenção no edificado existente.

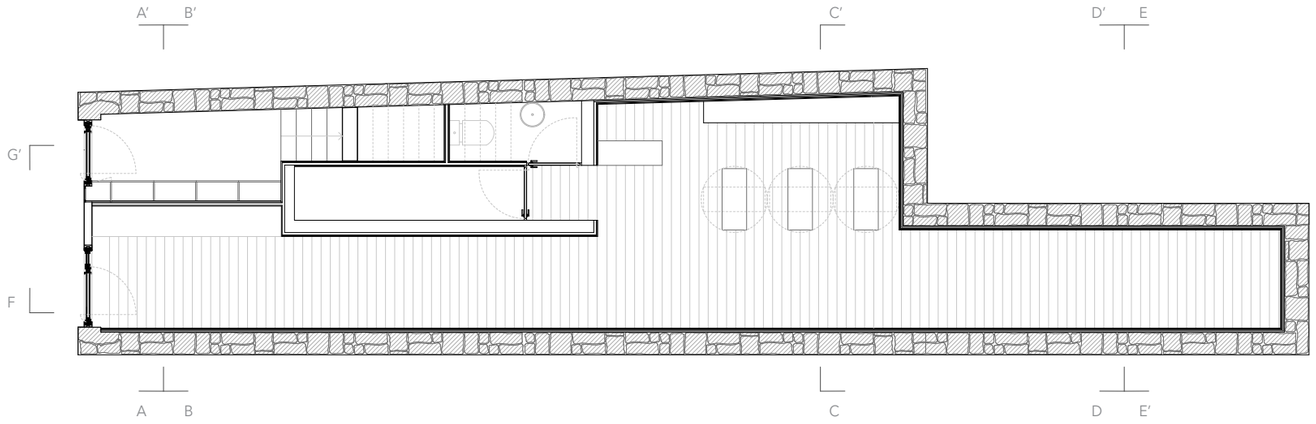
PEÇAS DESENHADAS



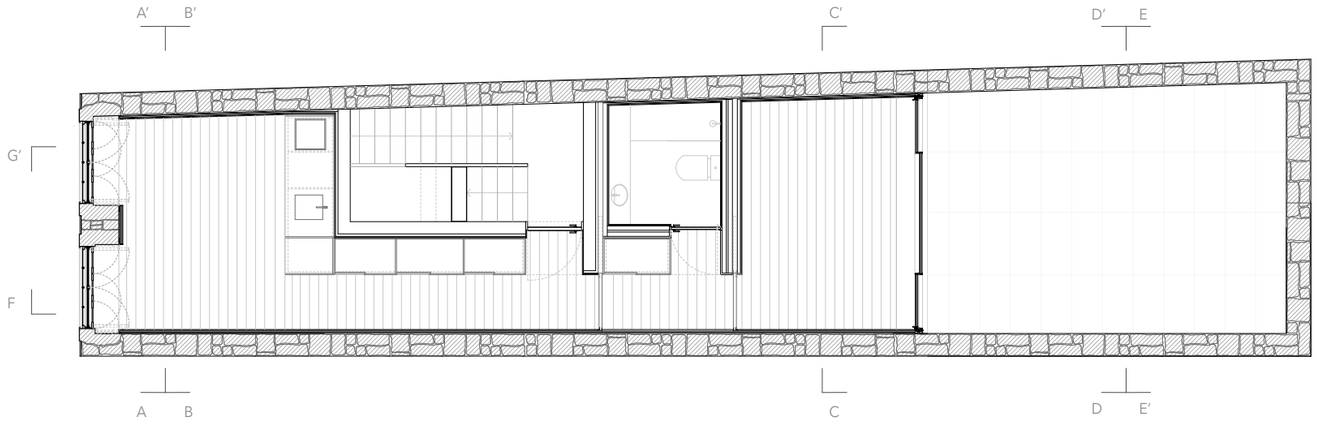
Planta de cobertura
Escala 1 500



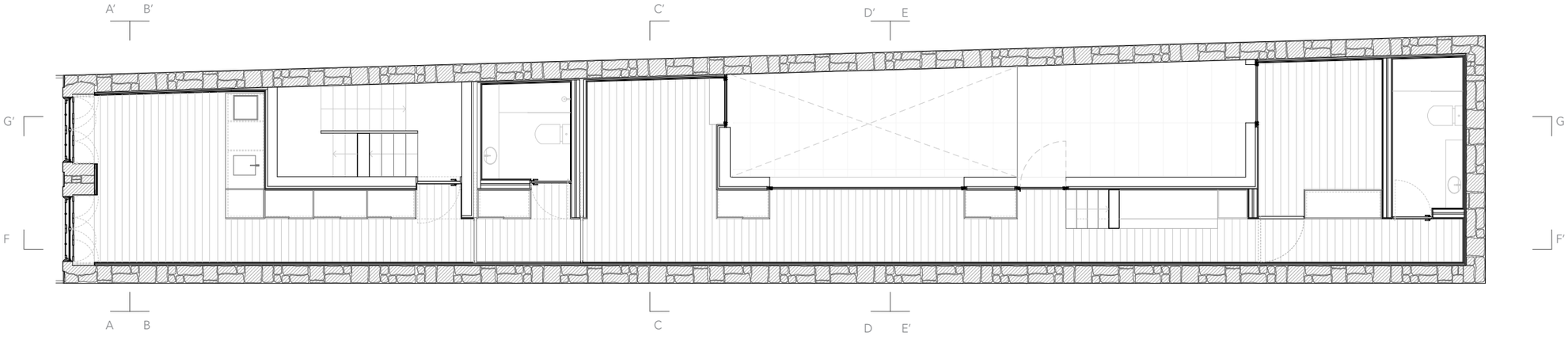
Alçado Principal
Escala 1 100



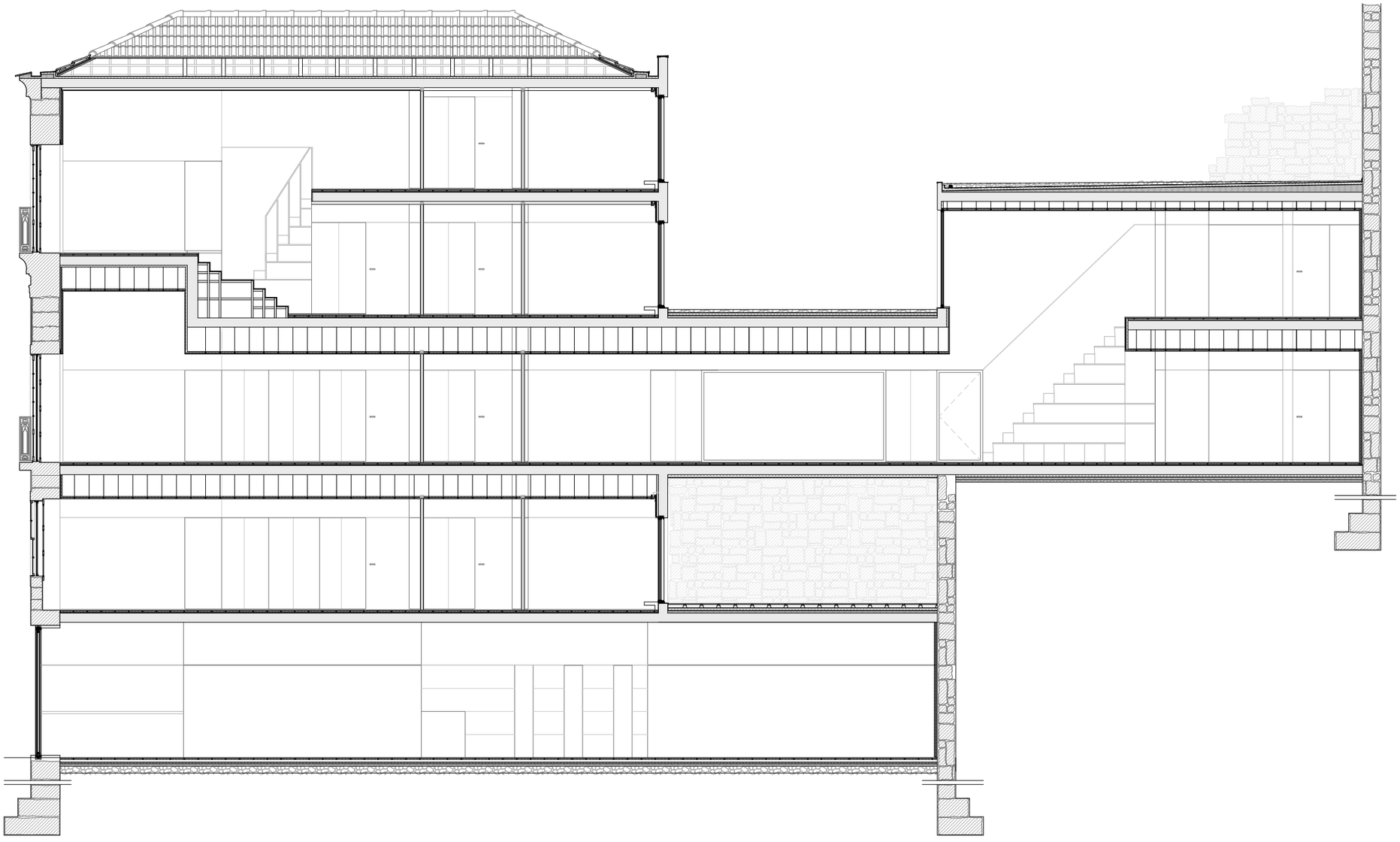
Planta Piso Térreo
Escala 1 100



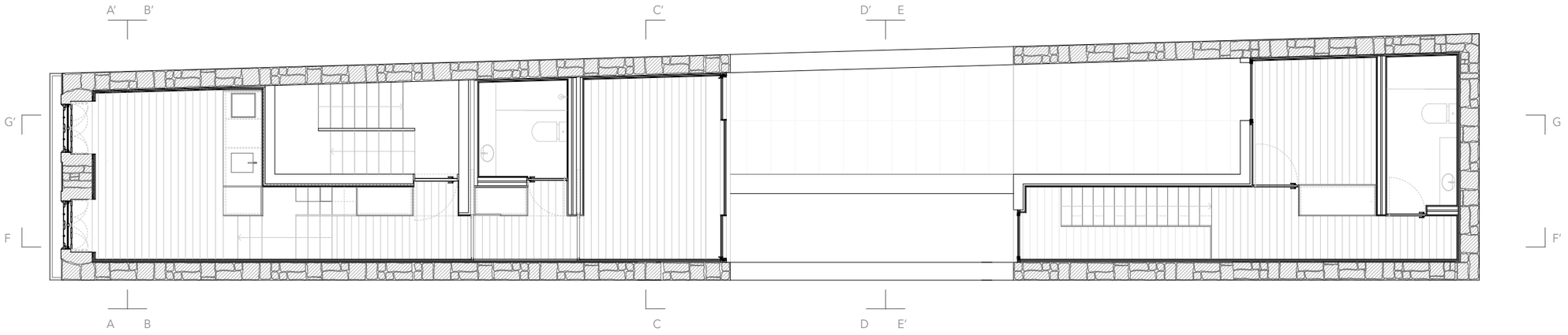
Planta Piso 1
Escala 1 100



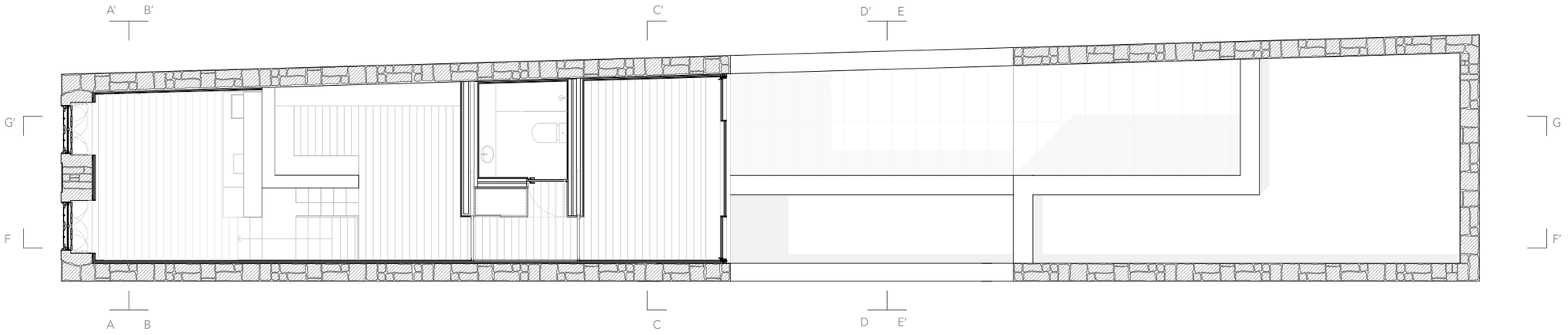
Planta Piso 2
Escala 1 100



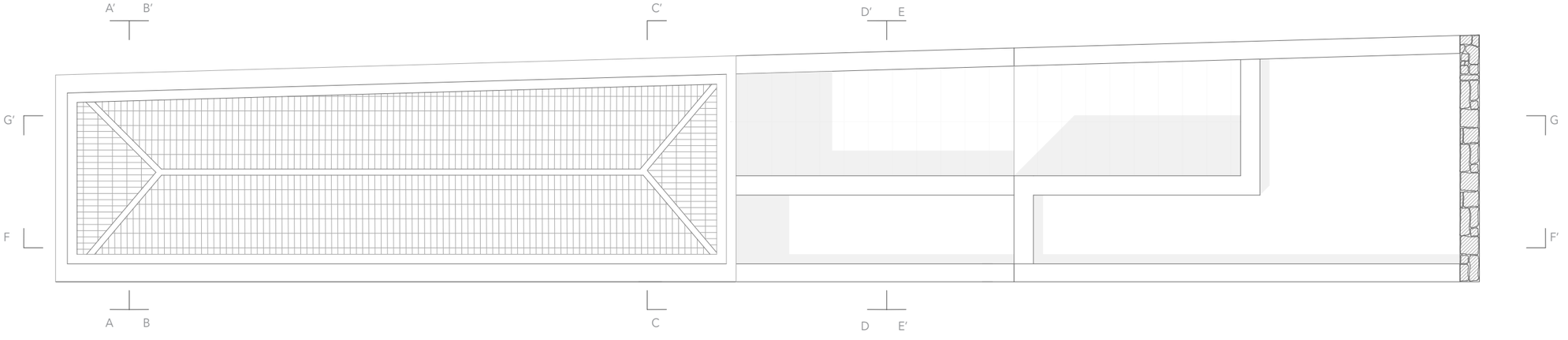
Corte longitudinal FF'
Escala 1 100



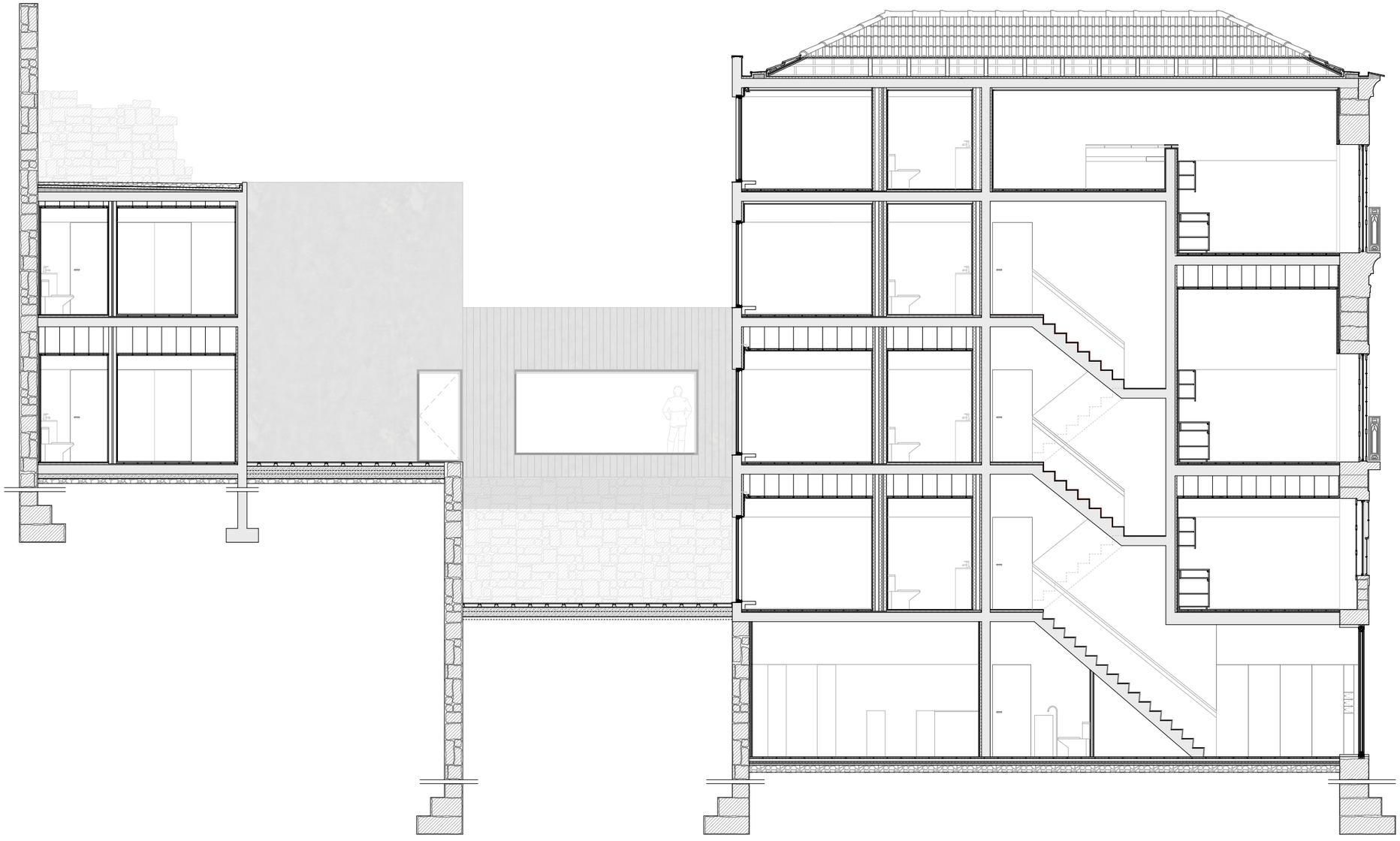
Planta Piso 3
Escala 1 100



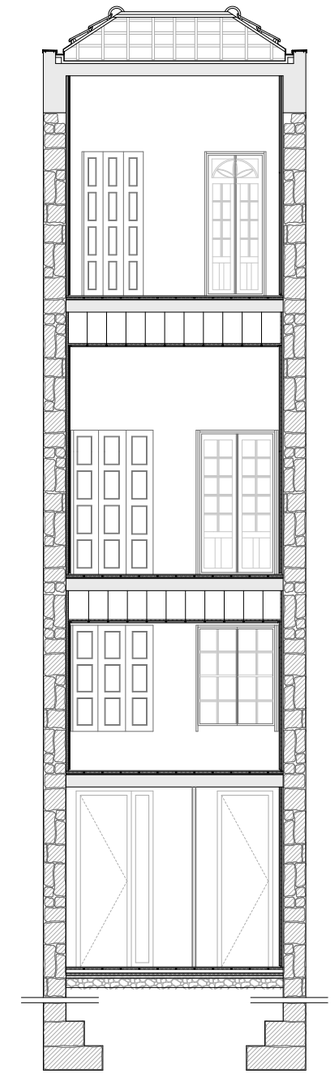
Planta Piso 3
Escala 1 100



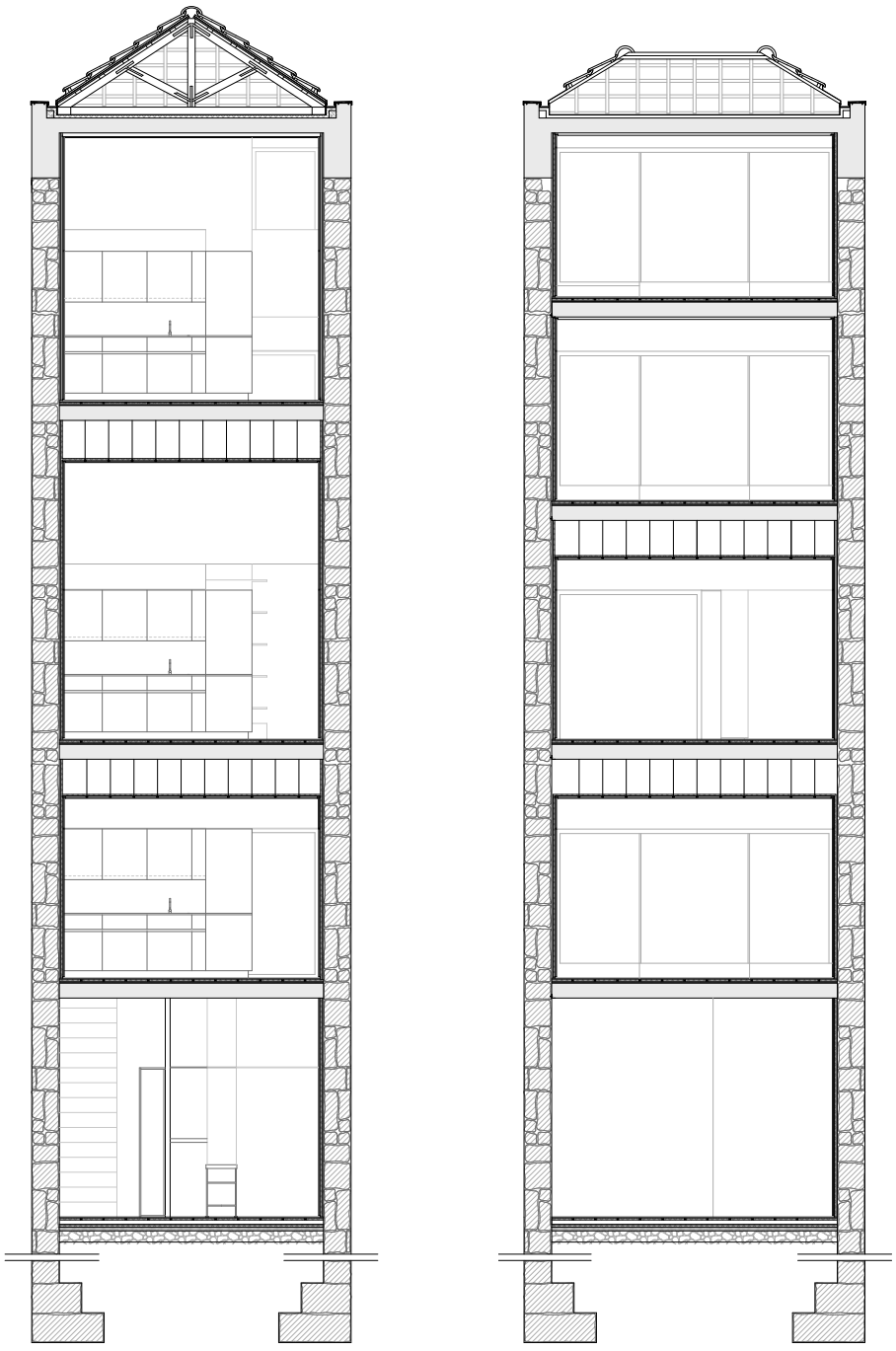
Planta da Cobertura
Escala 1 100



Corte longitudinal GG'
Escala 1 100

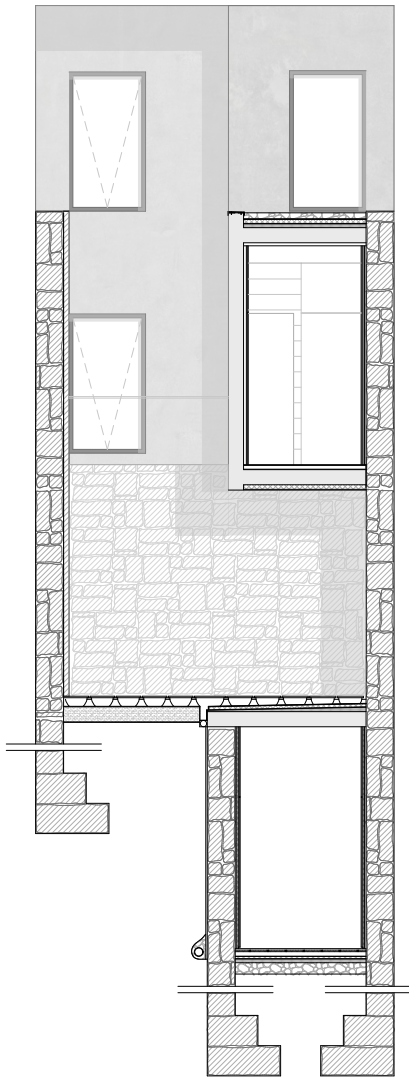


Corte transversal AA'
Escala 1 100

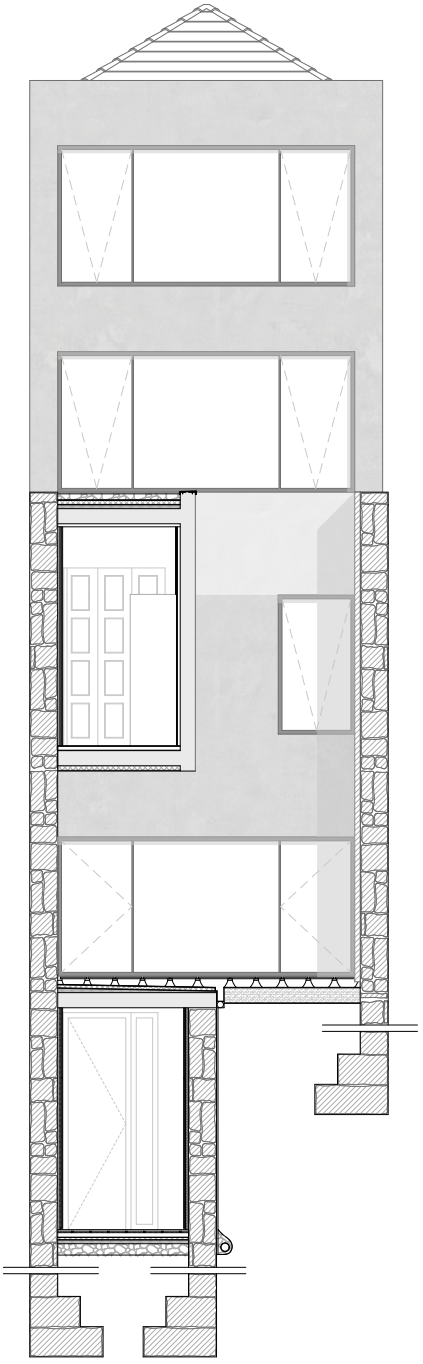


Corte transversal BB'
Escala 1 100

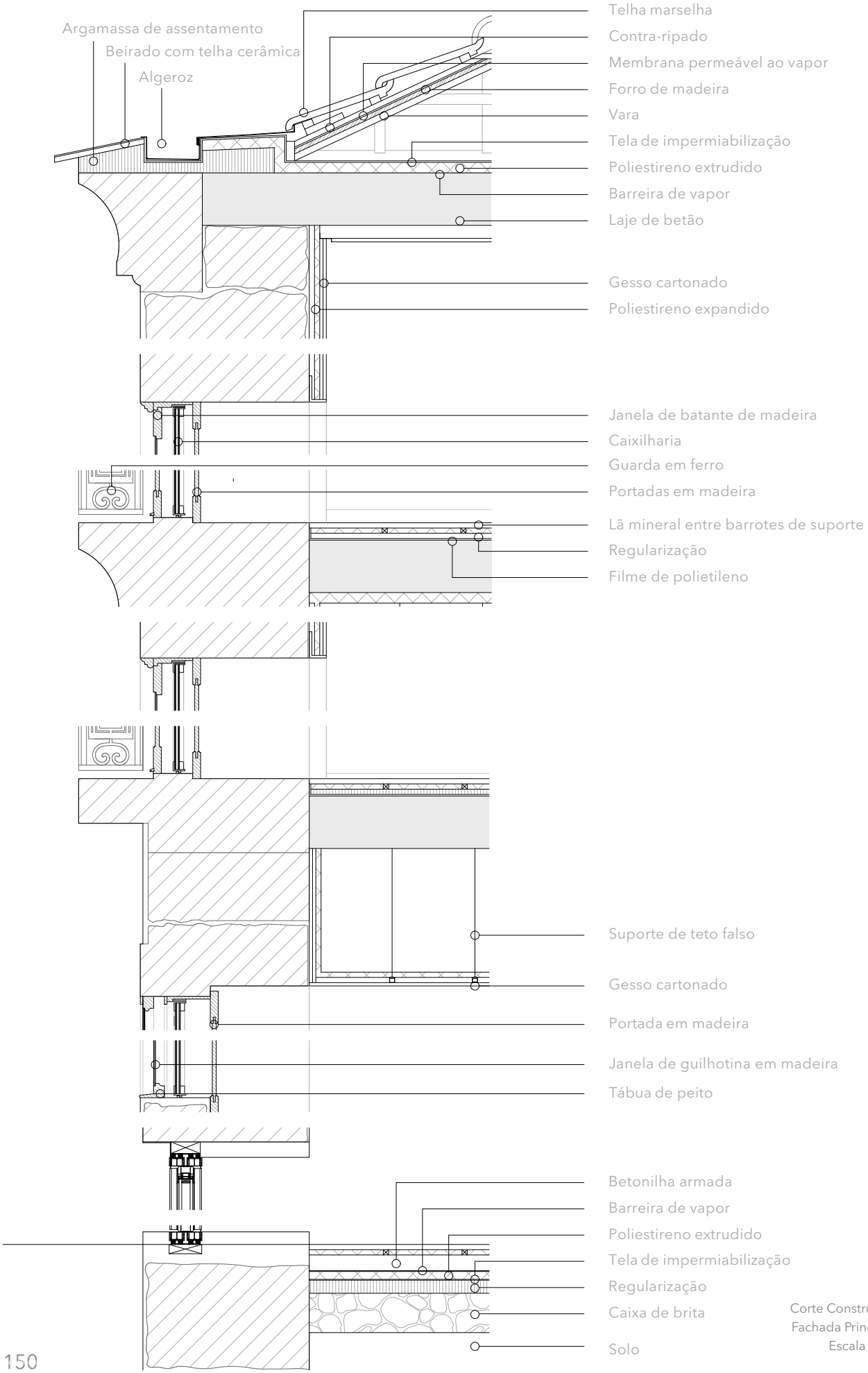
Corte transversal CC'
Escala 1 100



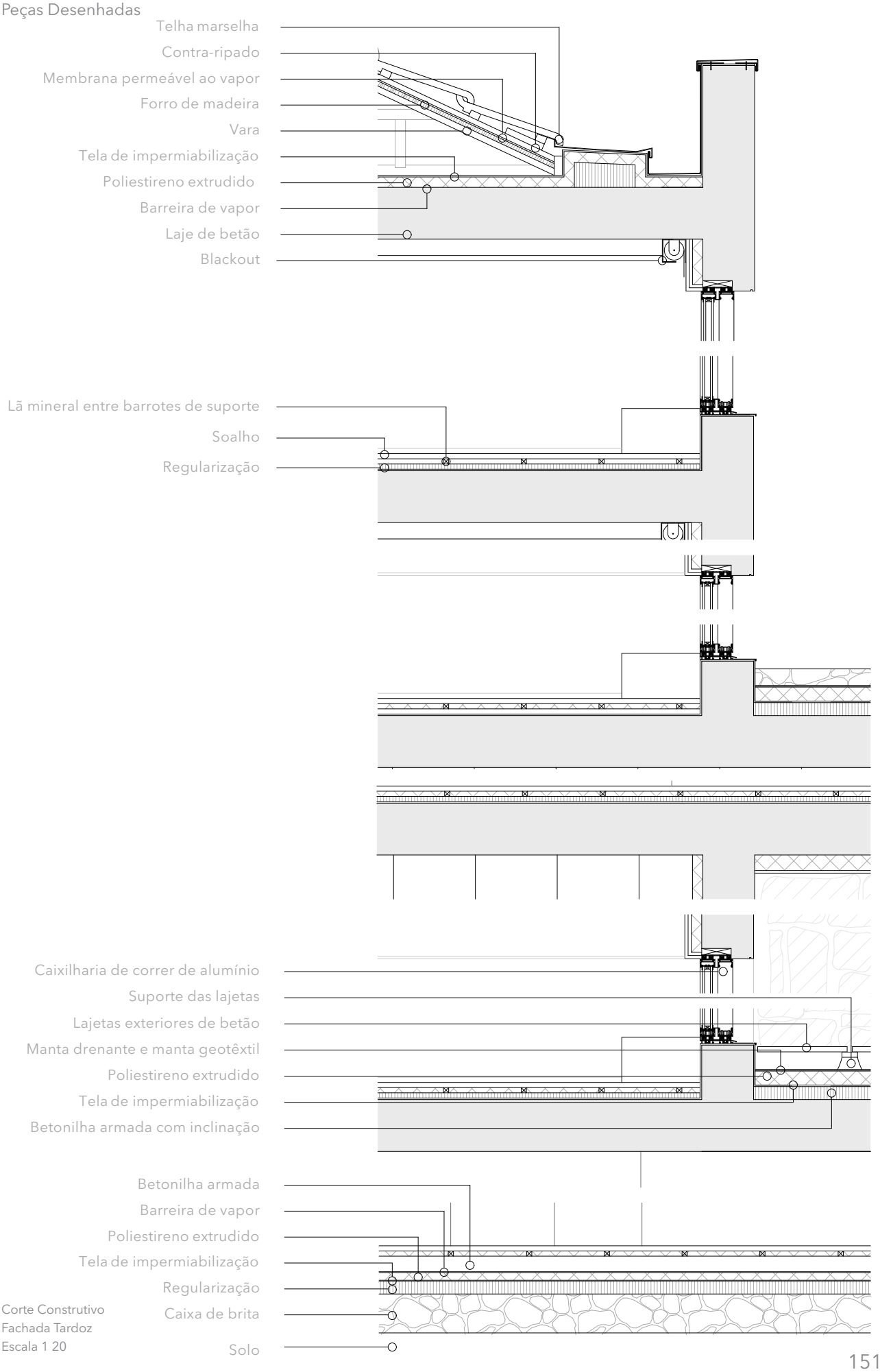
Corte transversal EE'
Escala 1 100



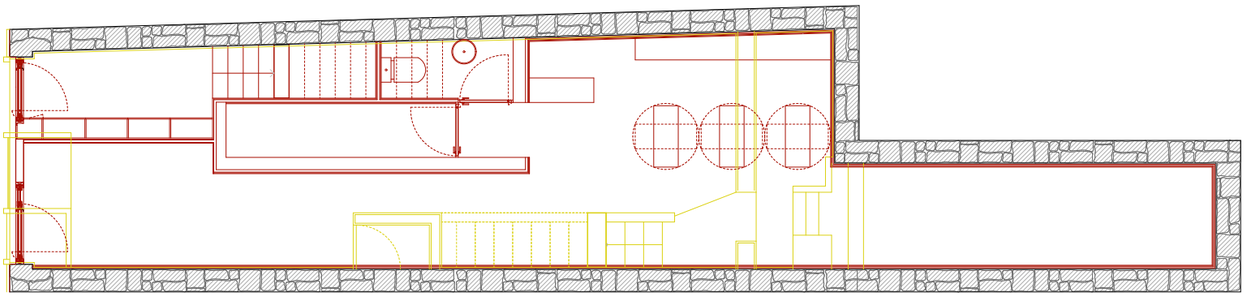
Corte transversal DD'
Escala 1 100



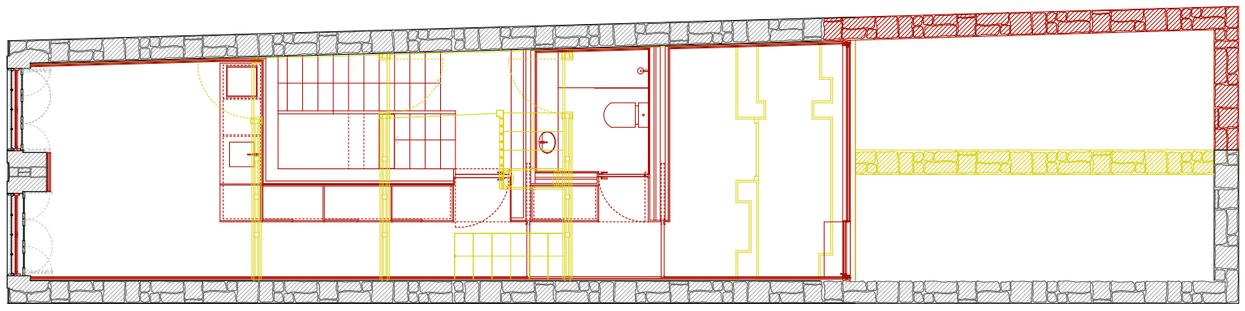
Corte Construtivo
Fachada Principal
Escala 1 20



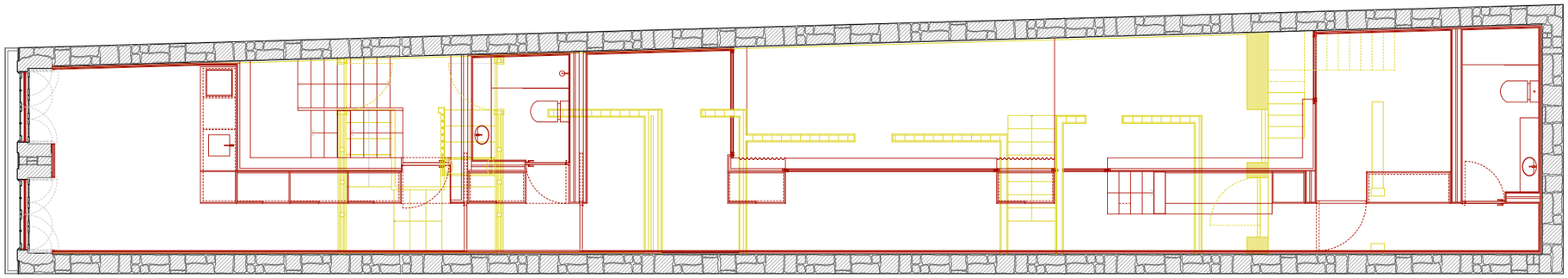
Corte Construtivo
Fachada Tardoz
Escala 1 20



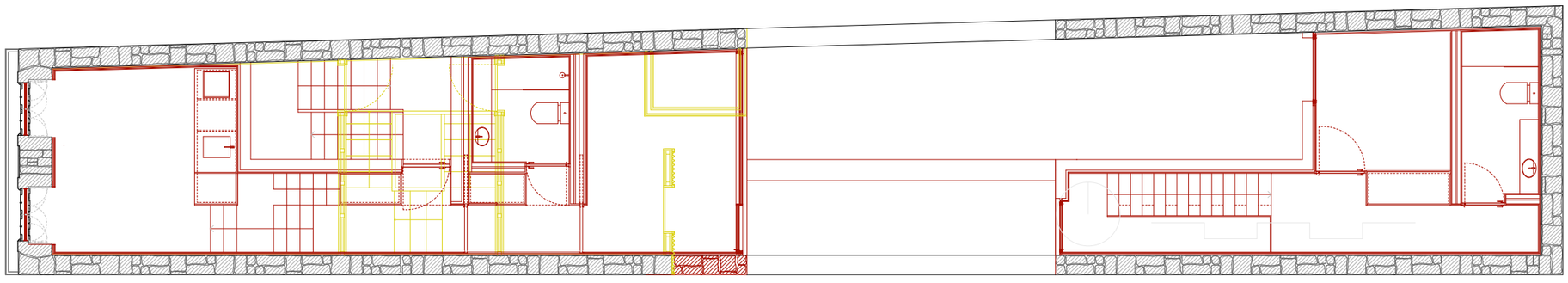
Planta Piso Térreo
Escala 1 100



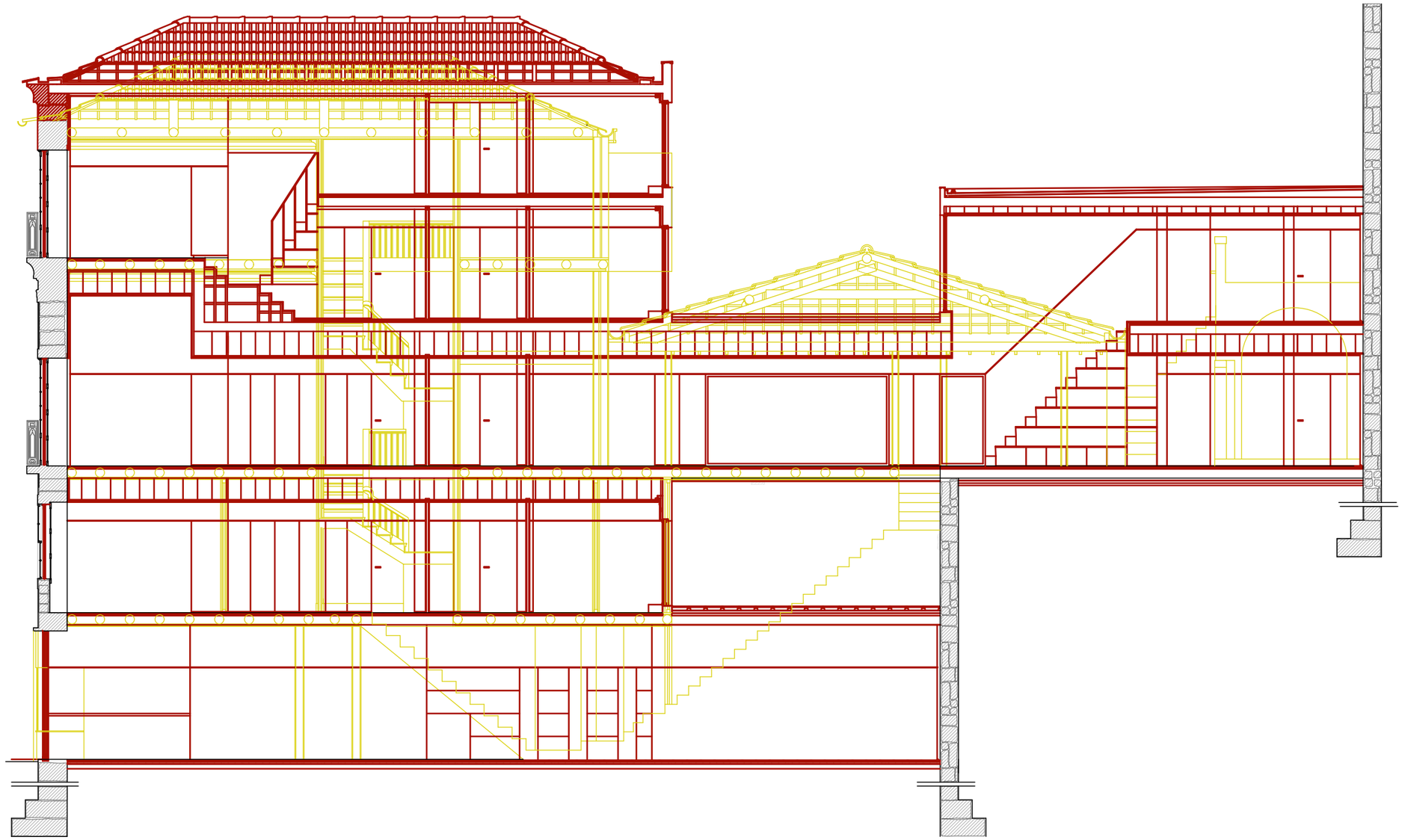
Planta Piso 1
Escala 1 100



Planta Piso 2
Escala 1 100



Planta Piso 3
Escala 1 100



Corte longitudinal FF'
Escala 1 100

Manter
Construir
Demolir

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, José Ferrão. *A Rua das Flores no Século XVI: Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista*. Porto: FAUP Publicações, 2000.

AFONSO, José Ferrão. *Um património sem tempo; a arquitetura "longa" de Quinhentos no Porto e os exemplos do hospital de D. Lopo de Almeida e do Convento de S. João Novo.* Universidade Católica Portuguesa.

Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.14/4594

ALBERTI, Leon Battista. *Da Arte edificatoria.* Tradução de Arnaldo Espírito Santo e Mário Krüger. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, pág. 233.

BERRANCE, Luis. *Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas : 1774-1844.* Camâra Municipal do Porto: Arquivo Histórico, 1993.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do património.* Lisboa: Edições 70, 2010. 2ª edição.

CONSELHO DA EUROPA. *Carta Europeia do Património Arquitetónico. Amsterdão*, 1975.

COSTA, Nuno Brandão. *TC Cuardernos: Nuno Brandão Costa, Arquitetura 1998-2009.* Valencia: Ediciones Generales de la Construcción, 2009.

Direção-Geral do Património Cultural. *RP - Revista Património nº1.* Lisboa, Novembro 2013.

Direção-Geral do Património Cultural. *RP - Revista Património nº2*. Lisboa, Novembro 2014.

FERNANDES, Francisco Barata. *Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP Publicações, 1999. 2ª edição.

FERRÃO, Bernardo José, TÁVORA, Fernando, *Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadas 1758-1813: uma contribuição para o estudo da cidade Pombalina.* Porto: FAUP, Publicações, 1989. 2ª edição.

FREITAS, Vasco Peixoto de. *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos.* Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte, 2012.

ICOMOS. *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios (Carta de Veneza)*. Veneza, 1964.

LOPES, Nuno Valentim. *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do Restauro a Selecção Exigencial de uma Nova Caixilharia: O Estudo do Caso da Habitação Corrente Portuense.* Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006.

MENDES, Mariana Valente. *Casa no Cais Projecto de reabilitação de uma casa burguesa no Cais de Gaia.* Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Porto: FAUP, 2014.

MOTA, Nelson. *A arquitectura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX. Coimbra:* EDARQ, 2006

PINHO, Ana. *Conceitos e políticas de reabilitação urbana: Análise da experiência portuguesa dos gabinetes locais.* Volume I. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: FAUL, 2009

PIRES, Maria do Carmo Marques. *A rua Álvares Cabral: 1895-1940: formas de habitar*. Porto: FAUP Publicações, 2000.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da; RESENDE, Nuno, coord. (2024). *História da Arquitetura. PerspetivasTemáticas (III). A Rua na Estrutura Urbana.* Porto: CITCEM, 2024. 1ª edição.

TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...) Porto: FAUP, 2004.

TEIXEIRA, Nuno; BIGAS, Etelvina; SHRIGLEY, Gordon. *House Details Architecture: Eduardo Souto de Moura: house in Quinta do Lago.* Lisboa: Housedetailsmagazine, 2021. 2ª edição.

TÁVORA, Fernando. *Estudo da renovação urbana do Barredo.* Porto: Câmara Municipal do Porto, 2019

ICONOGRAFIA

Figura 01. Pormenor dos azulejos da fachada principal

Autora, novembro de 2025

Figura 02. Vista da Rua das Flores a partir da Praça Almeida Garrett

Autora, novembro de 2025

Figura 03. Mapa intramuros da Cidade do Porto - séc.XIV / XV

Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Mapa-da-distribuicao-dos-mesteres-no-Porto-seculos-XIV-e-XV-Melo-2009-I-p-250_fig9_277231045

Figura 04. Planta do Porto Medieval

Disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/574965/?%20%20%20CMP.

Acedido em: outubro de 2025

Figura 05. Cidade do Porto: Planta redonda de George Balck

Disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/?q=planta+redonda

Acedido em: outubro de 2025

Figura 06. Inscrição sobre a construção do Hospital D. Lopo de Almeida

Disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/s/301329/?q=hospital+d.+lopo+de+almeida

Acedido em: setembro de 2025

Figura 07. Bilhete-postal com vista para a rua das Flores (à direita) e a rua de Mouzinho da Silveira (à esquerda)

Disponível em: https://www.portodhonra.com/2021/05/os-500-anos-da-rua-das-flores.html

Acedido em: setembro de 2025

Figura 08. Vista aérea com localização do edifício

Esquema realizado pela autora a partir de imagem de satélite de Google Maps

Acedido em: setembro de 2025

Figura 09. Licença de obra nº 823 para alteração da fachada do edifício em estudo, 1950

Disponível em: Arquivo Histórico do Porto

Acedido em: março de 2025

Figura 10. Fachada principal do edifício com destaque no beiral contínuo

Autora, novembro de 2025

Figura 11. Fases de desenvolvimento da cidade do Porto

FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 84

Figura 12. Edifício de habitação com uma só frente, sem logradouro; Caixa de escadas nas traseiras; Fachada com dois vãos; Piso térreo com uso misto

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 135

Figura 13. Edifício de habitação semelhante ao anterior; Caixa de escadas lateral e de tiro, quando existem apenas dois pisos

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 136

Figura 14. Edifício de habitação com duas frentes; Caixa de escadas central; Fachada com dois vãos; Piso térreo com uso misto

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 138

Figura 15. Edifício de habitação com duas frentes, com logradouro; Caixa de escadas central; Fachada com três vãos; Casa de banho do final do século XIX

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 139

Figura 16. Edifício de habitação com duas frentes, com logradouro; Caixa de escadas central com iluminação vertical; Fachada com três vãos

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco

Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 156

Figura 17. Edifício de habitação semelhante ao anterior; Em terreno de forte pendente o logradouro fica reduzido a um saguão

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 157

Figura 18. Edifício de habitação tipologicamente semelhante ao anterior; Aumento da profundidade possibilita duas alcovas, uma de cada lado da caixa de escadas

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 158

Figura 19. Edifício de habitação unifamiliar, monofuncional, com rés-do-chão sobrelevado e cave iluminada; Programa de habitação extenso

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 193

Figura 20. Edifício de habitação tipologicamente semelhante ao anterior, com aumento da profundidade, tal como acontecia com a tipologia almadina

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: FERNANDES, Francisco Barata. Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade. Porto: FAUP Publicações, 1999, 2ª edição, pág. 196

Figura 21. Fachada principal

Autora, novembro de 2025

Figura 22. Fachada principal

Autora, novembro de 2025

Figura 23. Vista aérea do edifício

Disponível em Google Maps

Figura 24. Montra Piso Térreo

Autora, novembro de 2025

Figura 25. Escadas acesso ao primeiro piso
Autora, novembro de 2025

Figura 26. Escadas de acesso ao volume mais recente
Autora, novembro de 2025

Figura 27. Divisão a sul do primeiro piso
Autora, novembro de 2025

Figura 28. Pormenor da janela de guilhotina
Autora, novembro de 2025

Figura 29. Portada das janelas de guilhotina
Autora, novembro de 2025

Figura 30. Divisão a norte do primeiro piso
Autora, novembro de 2025

Figura 31. Secção do teto com a estrutura à vista
Autora, novembro de 2025

Figura 32. Pormenor da estrutura dos pisos
Autora, novembro de 2025

Figura 33. Humidade no teto da casa de banho
Autora, novembro de 2025

Figura 34. Divisão a sul do segundo piso
Autora, novembro de 2025

Figura 35. Janela de batente com portada
Autora, novembro de 2025

Figura 36. Acesso à zona norte do segundo piso
Autora, novembro de 2025

Figura 37. Janela de batente com bandeira
Autora, novembro de 2025

Figura 38. Divisão a norte do terceiro piso
Autora, novembro de 2025

Figura 39. Guarda de ferro das varandas

Autora, novembro de 2025

Figura 40. Escadas do logradouro

Autora, novembro de 2025

Figura 41. Pormenor de cantaria no logradouro

Autora, novembro de 2025

Figura 42. Divisão a sul do terceiro piso

Autora, novembro de 2025

Figura 43. Vista da cobertura do volume mais recente e do logradouro a partir do terceiro piso

Autora, novembro de 2025

Figura 44. Alçado tardoz

Autora, novembro de 2025

Figura 45. Vestígios da capela preexistente

Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=www.ascoral.pt&set=a.528933767283929

Figura 46. Conservação dos tetos trabalhados

Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=www.ascoral.pt&set=a.528933767283929

Acedido em: abril de 2025

Figura 47. Caixa de escadas central

Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=www.ascoral.pt&set=a.528933767283929

Acedido em: abril de 2025

Figura 48. Volume autónomo que organiza o espaço

Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=www.ascoral.pt&set=a.528933767283929

Acedido em: abril de 2025

Figura 49. Claraboia

Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=www.ascoral.pt&set=a.528933767283929

Acedido em: abril de 2025

Figura 50. Alçado e corte longitudinal

Disponível em: https://www.facebook.com/media/set/?vanity=www.ascoral.pt&set=a.528933767283929

Acedido em: abril de 2025

Figura 51. Planta Piso Tipo

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/775993/casa-do-conto-pedra-liquida

Acedido em: abril de 2025

Figura 52. Escada de distribuição com clarabóia

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/775993/casa-do-conto-pedra-liquida

Acedido em: abril de 2025

Figura 53. Volume técnico no interior dos quatros

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/775993/casa-do-conto-pedra-liquida

Acedido em: abril de 2025

Figura 54. Alçado tardoz

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/775993/casa-do-conto-pedra-liquida

Acedido em: abril de 2025

Figura 55. Plantas de intervenção

Disponibilizado por: Paula Santos Arquitectura

Acedido em: abril de 2025

Figura 56. Fotografias do alçado tardoz antes e depois da intervenção

Disponibilizado por: Paula Santos Arquitectura

Figura 57. Plantas de Vermelhos e Amarelos

Disponibilizado por: Nuno Valentim Arquitetura

Figura 58. Fotografias da obra antes e depois da intervenção

Disponibilizado por: Nuno Valentim Arquitetura

Figura 59. Fotografias da maquete: Alçado principal para a Rua das Flores

Autora, janeiro de 2025

Figura 60. Edifício Forrester. Correia/Ragazzi Arquitectos

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-83147/reabilitacao-do-edificio-forrester-slash-correia-slash-ragazzi-arquitectos

Acedido em: outubro de 2025

Figura 61. Casa Robalo Cordeiro. João Mendes da Rocha

Disponível em: https://www.archdaily.mx/mx/786258/casa-robalo-cordeiro-joao-mendes-ribeiro

Acedido em: outubro de 2025

Figura 62. Casa na Chamusca da Beira. João Mendes da Rocha

Disponível em: https://www.archdaily.cl/cl/788202/casa-en-chamusca-da-beira-joao-mendes-ribeiro/57315e73e58ecefe3400019c-house-in-chamusca-da-beira-joao-mendes-ribeiro-photo?next_project=no

Acedido em: outubro de 2025

Figura 63. Casa do Conto. Pedra Líquida

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/775993/casa-do-conto-pedra-liquida

Acedido em: abril de 2025

Figura 64. Fotografias da maquete: Alçado tardoz

Autora, janeiro de 2025

Figura 65. Maquete: Escadas interiores do segundo piso no novo volume

Autora, janeiro de 2025

Figura 66. Maquete: escadas interiores do terceiro piso, articuladas entre si

Autora, janeiro de 2025

Figura 67. Maquete: Representação do lambrim aplicado ao longo de toda a habitação

Autora, janeiro de 2025

Figura 68. Maquete: Vista interior evidenciando a organização espacial e articulação dos fogos

Autora, janeiro de 2025

Figura 69. Parede de meação com alvenaria à vista

Autora, novembro de 2025

Figura 70. Deterioração da parede e teto

Autora, novembro de 2025

Figura 71. Esquema de uma parede de tabique misto

Autora, julho de 2025

Figura 72. Parede do alçado tardoz com revestimento de chapa ondulada

Autora, novembro de 2025

Figura 73. Vista do alçado tardoz a partir do logradouro

Autora, novembro de 2025

Figura 74. Degrau que regulariza as duas cotas

Autora, novembro de 2025

Figura 75. Diferentes tipos de pavimento identificados no edifício

Autora, novembro de 2025

Figura 76. Estrutura da cobertura aparente

Autora, novembro de 2025

Figura 77. Deterioração do teto e cobertura exposta

Autora, novembro de 2025

Figura 78. Estrutura da parede da caixa de escadas

Autora, novembro de 2025

Figura 79. Rodapé na caixa de escadas central

Autora, novembro de 2025

Figura 80. Esquema de escadas de dois lanços com apoio nas paredes de meação

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...) Porto: FAUP, 2004, pág. 130

Figura 81. Pormenor de lanço de escadas interiores

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...) Porto: FAUP, 2004, pág. 131

Figura 82. Deterioração da caixa de escadas central

Autora, novembro de 2025

Figura 83. Deterioração dos degraus da caixa de escadas central

Autora, novembro de 2025

Figura 84. Vários tipos de lancis de vãos exteriores em cantaria de granito

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...) Porto: FAUP, 2004, pág. 107

Figura 85. Pormenor de parede de fachada com vão de janela

Desenho da autora, sobre imagem disponível em: TEIXEIRA, Joaquim. *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX. Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (...) Porto: FAUP, 2004, pág. 111

Figura 86. Janela de guilhotina

Autora, novembro de 2025

Figura 87. Pormenor da janela de guilhotina

Autora, novembro de 2025